

BRUNO PINTO SOARES

GERMANISMO E NAZISMO NA COLÔNIA ALEMÃ DE  
PRESIDENTE VENCESLAU (1923-1945)

ASSIS

2009

BRUNO PINTO SOARES

GERMANISMO E NAZISMO NA COLÔNIA ALEMÃ DE  
PRESIDENTE VENCESLAU (1923-1945)

Dissertação apresentada à Faculdade de Ciências e  
Letras de Assis – UNESP – Universidade Estadual  
Paulista, para a obtenção do título de Mestre em  
História (Área de Conhecimento: História e  
Sociedade)

Orientadora: Dr<sup>a</sup>. Tania Regina de Luca

ASSIS

2009

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Biblioteca da F.C.L. – Assis – UNESP

S676g Soares, Bruno Pinto  
Germanismo e nazismo na colônia alemã de Presidente  
Venceslau (1923-1945) / Bruno Pinto Soares. Assis, 2009  
139 f. : il.

Dissertação de Mestrado – Faculdade de Ciências e Letras  
de Assis – Universidade Estadual Paulista.

1. Alemanha – Imigração. 2. Nazismo. 3. Identidade. 4.  
Brasil – História – Estado Novo, 1937-1945. I. Título.

CDD 301.2  
335.6

BRUNO PINTO SOARES

GERMANISMO E NAZISMO NA COLÔNIA ALEMÃ DE  
PRESIDENTE VENCESLAU (1923-1945)

Dissertação apresentada à Faculdade de  
Ciências e Letras de Assis – UNESP –  
Universidade Estadual Paulista para a obtenção  
do título de Mestre em História (Área de  
Conhecimento: História e Sociedade)

Data de Aprovação: \_\_\_\_\_/\_\_\_\_\_/\_\_\_\_\_

Banca Examinadora

---

Presidente: Dr<sup>a</sup>. Tania Regina de Luca– Unesp/Assis

---

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup>. Zélia Lopes da Silva– Unesp/Assis

---

Prof<sup>o</sup> Dr<sup>o</sup>. René Ernaini Gertz – PUC/RS

## **DEDICATÓRIA**

Aos meus pais Marcos e Ângela, por acreditarem e investirem na minha formação, sem os quais não poderia terminar essa jornada.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente minha orientadora, Tania Regina de Luca, que desde a graduação me ensinou os passos da pesquisa histórica e soube me mostrar, com dedicação e paciência, o ofício do historiador. Os e-mails trocados, as conversas, os textos corrigidos, a análise sempre crítica, nutriram ainda mais a admiração que tenho por essa pesquisadora. Com sua companhia percebi que o projeto era possível e que poderia conquistar meus objetivos. Seus conselhos ficarão marcados por toda a minha vida. Muito Obrigado.

As professoras Zélia Lopes da Silva e Flávia Arlanch Martins de Oliveira pelas importantes contribuições realizadas no exame de qualificação. Suas idéias e observações me ajudaram a andar nos trilhos.

Agradeço a CAPES, pela Bolsa concedida, a qual proporcionou a possibilidade da dedicação adequada a este trabalho.

Agradeço também aos funcionários do Instituto Martius-Staden, em especial Michaela Stork Watzke Engelking. Sem sua solicitude e amor pelo trabalho não teria chegado às preciosas fontes que compõem esse trabalho. Agradecimento especial também para Zélia Maria de Souza Barros, da pós-graduação da Unesp/Assis. Sua eficiência em resolver as questões burocráticas foi determinante para a execução do trabalho.

Ao amigo e mestre Mauro Cardin. As tardes em sua casa me ensinaram muito mais que o uso correto da linguagem, foram verdadeiras lições de vida. Nossas conversas me fizeram refletir não apenas em minha dissertação, mas na também na vida.

Não esqueço também do amigo e irmão Kim Tiveron da Costa, sem ele nunca teria desvendado a maravilhosa língua alemã. Suas afiadas traduções elucidaram o contexto da colônia Aymoré. Aos amigos Mateus, Guilherme e Ênio, que com trabalhos técnicos e apoio moral foram importantes para a finalização dessa dissertação.

Aos amigos venceslauenses Osmar e Silvio Knopp e Percy Rubens Mello, pela acolhida e total disponibilidade que me atenderam. As senhoras Ella Erna Hammerschmitt (*in memoriam*) e Elisabeth Oesterle que buscaram em suas memórias e

suas caixinhas de fotos os acontecimentos que pudessem elucidar o dificultoso início da pesquisa. O pontapé inicial foi dado em nossas conversas.

Agradecimento especial a Gisele Ap. Geraldo que esteve ao meu lado em toda carreira acadêmica, me apoiando e incentivando. Seu carinho e atenção me deram forças todos esses anos.

Agradeço a minha família, que sempre presente soube entender as dificuldades desse trabalho e apoiaram sem restrições o caminho que escolhi. Agradecimentos especiais a Vó Tereza, Tia Tânia, Tia Cláudia e Tio Jorge que me apoiaram financeiramente no início de minha vida universitária. Sem eles não teria conseguido.

Agradeço, ainda, a todos que, indiretamente, me acompanharam nessa jornada, me ouviram, aconselharam e estiveram presentes nessa importante fase de minha vida.

A todos vocês, muito obrigado.

## SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS.....	10
LISTA DE TABELAS.....	11
RESUMO.....	12
ABSTRACT.....	13
INTRODUÇÃO .....	14
CAPÍTULO 1 – A conquista do extremo oeste paulista e a imigração alemã.....	23
1.1 - A imigração alemã para Presidente Venceslau e a negociação da germanidade.....	23
1.2 - A colônia Aymoré e o cotidiano do imigrante alemão.....	36
1.3- A década de 1930 e as “grandes” transformações.....	46
CAPITULO 2 – Identidade e Germanidade no processo de construção do imigrante alemão radicado no Brasil.....	52
2.1 – O <i>Deutschtum</i> e a construção do imigrante teuto.....	54
2.2 – A Escola Alemã: mecanismo fundamental para propagação do <i>Deutschtum</i> ...	61
2.3 - <i>Deutsche Schule</i> Presidente Venceslau.....	70
2.4 – Os alemães e a cidade de Presidente Venceslau: Múltiplas formas de integração.....	80
Capítulo 3 - Alemães sob suspeita: O nazismo e o “perigo alemão” no Brasil.....	93
3.1 – Manifestações “nazistas” em Presidente Venceslau?.....	99
3.2 – O Estado Novo: nacionalização e repressão contra o imigrante indesejável....	103
3.3 - Presidente Venceslau e a repressão à colônia “nazificada” .....	108
CONCLUSÃO.....	117
BIBLIOGRAFIA.....	119
FONTES.....	125
ANEXOS.....	126

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Localização das escolas teutas no Estado de São Paulo.....	62
Figura 2 - Johannes Keller em visita a escola alemã de Presidente Venceslau.....	66
Figura 3 - Prática do <i>Turnen</i> na Colônia Aymoré.....	68
Figura 4 - Escola alemã na colônia Aymoré – 1928.....	73
Figura 5 - Crianças reunidas com o professor Niedhardt em confraternização na colônia Aymoré.....	82
Figura 6 - Encenação da peça “Menino Jesus na manjedoura” - Natal de 1929.....	83
Figura 7 - Estabelecimento de imigrantes alemães na cidade de Presidente Venceslau.....	85
Figura 8 - Propaganda da exportadora do alemão Frederico Platzeck.....	86
Figura 9 - Propaganda sobre a visita do proprietário do jornal <i>A Gazeta</i> a fábrica de bebidas Aymoré.....	87
Figura 10 - Local, localizado no perímetro urbano de Presidente Venceslau, no qual se vinculou filmes sobre a Alemanha.....	89
Figura 11 – Letreiro, escrito em português, de filmes alemães em Presidente Venceslau.....	89
Figura 12 – Livro <i>Minha Luta</i> – Jornal <i>A Gazeta</i> .....	91
Figura 13 - Reunião de colonos alemães em Presidente Venceslau.....	102
Figura 14 - Notícia sobre apreensão de material considerado nazista na cidade de Presidente Venceslau.....	112
Figura 15 - Autorização para os “súditos do Eixo” voltar a participar do Clube Hípico de Presidente Venceslau.....	113
Figura 16 - Jornal <i>A Gazeta</i> de 23 de agosto de 1942 – Manifestação contrária aos “súditos do Eixo”.....	115

**LISTA DE TABELAS**

Tabela 1 - Distribuição dos Filiados à Seção Brasileira do NSDAP por data e por Estado.....	94
Tabela 2 - Filiados ao Partido Nazista na cidade de Presidente Venceslau.....	101

## RESUMO

A presente pesquisa discute a imigração alemã e a influência do nazismo na cidade de Presidente Venceslau entre os anos de 1923 e 1945. A inserção do colono teuto e as múltiplas maneiras de recriar o novo espaço, muitas vezes relacionadas à cultura alemã, lançaram as bases para o fortalecimento dos laços com a pátria de origem. O uso diário da língua materna e a construção da Escola alemã, voltada exclusivamente para a comunidade, criaram um vínculo permanente com a Alemanha, fortalecido por meio do discurso nacionalista da década de 1930. A propagação da ideologia nazista ganhou contornos identitários no seio colonial, pois a comunidade ostentava os símbolos do regime e reverenciava seu líder, tal qual ocorria na própria Alemanha. A idéia de “perigo alemão” foi se delineou no início de 1940, legitimada pela política repressiva do Estado Novo, momento em que a boa relação dos colonos alemães com a sociedade venceslauense deteriorou-se, sendo os mesmos vigiados, perseguidos e atacados na imprensa local.

**Palavras-chave:** imigração alemã, identidade, nazismo, repressão, Estado Novo.

## **ABSTRACT**

This research discusses about the German immigration and the Nazism influences in Presidente Venceslau between 1923 and 1945. The insertions of the German immigrant and the multiple ways of recreating the space, usually linked with the German culture, have permitted to strengthen the link with the native country. The use of mother tongue and the building of the German school, directed only to the community, has created a permanent link with German, which was strengthened by the nationalist discourse of the 30's. The Nazis' ideology spread has gained identity representation inside the colony, once the community exhibited the symbols and venerated its leader, the same way people did in German. The idea of the "German Danger" has been delineated in the begging of the 40's, legitimized by the repressive politic of the Estado Novo, when the good relationship between the German colony and Venceslau's society has started to be damaged, and the colonials were spied, hunted and attacked by the local press.

**Key words:** German immigration, identity, Nazism, repression, Estado Novo.

## Introdução

A pesquisa histórica segue novos rumos quando arquivos, antes vedados aos pesquisadores, são colocados à disposição para consulta e análise. Elucidam-se temas antes pouco conhecidos e levantam-se questões diferenciadas, o que colabora para preencher lacunas e possibilitar novos olhares.

Após amplos debates públicos dos quais participaram juristas, políticos e professores universitários, adotou-se a política de livre acesso aos arquivos públicos<sup>1</sup>, atribuindo aos consulentes a responsabilidade pelo uso das informações contidas nos documentos, cabendo ao pesquisador a ética no manuseio de suas novas fontes. Segundo Dr. Fausto Couto Sobrinho, Diretor do Arquivo do Estado de São Paulo, essa resolução, de 27 de dezembro de 1994, atendeu aos anseios dos pesquisadores de diversas áreas, principalmente os da história recente do Brasil, ampliando assim a área de pesquisa e colocando à disposição um inexplorado campo de trabalho para a historiografia do país.<sup>2</sup>

Nessa perspectiva, o estudo referente à imigração alemã no Brasil beneficiou-se, principalmente, com a abertura do acervo que compõe o DOPS, a polícia política que acompanhou de perto a movimentação dos colonos durante a década de 1920 e principalmente após a revolução de 1930, que inaugurou a Era Vargas,<sup>3</sup> mostrando novos contornos sobre as práticas culturais e as instituições criadas pelos imigrantes ao longo das primeiras décadas do século XX.

A idéia de “perigo alemão” e a penetração do ideário nazista no seio da colônia germânica radicada em diferentes partes do país podem ser elucidadas com a pesquisa sistemática aos arquivos policiais. Cria-se um contraponto para pesquisadores interessados no assunto. Afinal, a questão da influência nazista foi objeto de vários trabalhos e debates historiográficos.

René Gertz, autor de livros clássicos sobre o tema, defende que não houve uma política efetiva do Partido Nazista alemão para a América Latina e que a idéia de “perigo alemão” cristalizou-se no imaginário popular e em certos segmentos de

---

<sup>1</sup> A política de livre acesso a documentação histórica, disciplinada pela Lei Federal 8.159/91, foi delimitada aos arquivos do DOPS pela resolução nº 38, de 27 de dezembro de 1994. A resolução promove a conciliação dos princípios do direito à informação, contidos na Constituição Federal, e atende também aos reclamos dos pesquisadores da história brasileira recente. DIETRICH, Ana Maria; ALVES, Eliane Bisan; PERAZZO, Priscila Ferreira. *Inventário Dops: Alemanha, Módulo 1. São Paulo: Arquivo do Estado, 1997.*

<sup>2</sup> Idem.

<sup>3</sup> A Delegacia de Ordem Política e Social atuou no Estado de São Paulo no período de 1924-1983.

políticos e intelectuais nacionais. Segundo o autor, o Partido Nazista no Brasil estava subordinado ao Ministério das Relações Exteriores do Reich e era administrado por escalões subalternos, o que mostra o pequeno interesse dos oficiais alemães em relação aos compatriotas nacional-socialistas de além-mar. Para o historiador, havia mais interesse do III Reich em aumentar a influência alemã na economia das regiões habitadas pelos naturais do país e seus descendentes do que intenções imperialistas de ocupação militar propriamente dita.<sup>4</sup> Nessa perspectiva, a adesão ao nacional-socialismo, quando ocorreu, deu-se de forma espontânea e não sob orientação política vinda da Alemanha.

Cabe ressaltar que a pesquisa levada a cabo por Gertz concentrou-se na imigração referente aos estados do sul do Brasil. Outros pesquisadores concordam com opinião de Gertz, como a historiadora Priscila Ferreira Perazzo<sup>5</sup>. Segundo a autora, a polícia política, imbuída do que ela chama de “lógica da desconfiança” e amparada por um grande e estruturado aparelho repressivo, reprimiu as colônias alemãs sem saber, efetivamente, se se tratava de uma comunidade nazificada ou de simples imigrantes que tentavam manter suas tradições. Afirma, ainda, que o Partido Nazista no Brasil tinha como meta congregar imigrantes teutos em torno do mito da unidade, não tendo nenhum propósito político fora da comunidade.

Os trabalhos de Sérgio Sant’Anna<sup>6</sup> e Marionilde Brepohl Magalhães<sup>7</sup> também caminham na mesma direção e não consideram que o Partido Nazista no Brasil tivesse um projeto para todo o país. Para esses autores, a adesão e a ação dos membros do Partido Nazista no Brasil nada tinha a ver com as práticas imperialistas pregadas pela propaganda americana durante a Segunda Guerra Mundial.

Na contramão desses estudos, Ricardo Seitenfus sustenta que o Partido Nazista foi extremamente ativo e chegou a constituir-se em sério perigo para o país durante seu período de atuação. Insiste nas numerosas atividades do partido, que adentraram lares, atividades esportivas, sociedades beneficentes, bancos, empresas, escolas, enfim, qualquer lugar onde se encontrasse a comunidade germânica no país. Os líderes do partido teriam procurado incentivar a identificação dos alemães no Brasil com a política

---

<sup>4</sup> GERTZ, R. *O Fascismo no sul do Brasil*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.p.28-29.

<sup>5</sup> PERAZZO, P. F. *O Perigo Alemão e a repressão policial no Estado Novo*. São Paulo: Arquivo do Estado, Imprensa oficial do Estado, 1999.

<sup>6</sup> Apud: DIETRICH, A. M. *Caça às Suásticas. O Partido Nazista em São Paulo sob a mira da Polícia Política*. São Paulo: Mestrado em História. F.F.L.CH., USP, 2001. p.50-52.

<sup>7</sup> MAGALHÃES, Marionilde Brepohl de. *Pangermanismo e Nazismo: A trajetória alemã rumo ao Brasil*. Campinas: Editora da Unicamp/FAPESP, 1998.

do III Reich e estreitar relações com todos os segmentos das colônias teutas do país, tanto urbanas como rurais.<sup>8</sup>

As conclusões de Stanley Hilton<sup>9</sup> são semelhantes e vão além da simples filiação ao partido. O brasileiro tenta elucidar a rede de espionagem empregada pelo III Reich no Brasil, coordenada pela Abwehr, agência de informação e espionagem do Reich, chefiada pelo almirante Wilhelm Franz Canaris, que via no Brasil a chave para a coleta de informações de grande valor militar para a Alemanha.<sup>10</sup> Entende assim que a atuação dos nazistas no Brasil foi coordenada por um órgão específico do governo alemão, auxiliado por parte da comunidade alemã radicada nas principais cidades do país.

A partir de pressuposto semelhante e ancorado nos registros policiais do DOPS de São Paulo, o trabalho de Ana Maria Dietrich<sup>11</sup> insiste que teria havido grande esforço do Partido Nazista para congregar a colônia alemã em prol da propaganda e da colaboração com a pátria distante. A pesquisadora recria todo o aparato arquitetado pelo NSDAP no Estado de São Paulo e elucida questões acerca de cooptação e propaganda que ainda não haviam sido sistematizadas por outros trabalhos historiográficos referentes à temática.

Mais recentemente, o diplomata Sergio Correia da Costa<sup>12</sup>, que trabalhou na Argentina em 1943, afirma ter provas contundentes de que houve uma política imperialista do III Reich para América do Sul, encabeçada pelo governo argentino do General Perón. Segundo Correia, logo que foi nomeado chanceler, Hitler criou um departamento dedicado à “organização e colonização nas Américas”<sup>13</sup>, que passou a funcionar junto ao Instituto Ibero-Americano de Berlim. O diplomata chega a expor um mapa de como seria dividida a América do Sul caso a Alemanha ganhasse a guerra. De forma pouco clara, afirma que tal mapa estava sob poderio de um alemão que foi “abatido” por um agente secreto inglês no Rio de Janeiro.<sup>14</sup> O tema, de grande atração

---

<sup>8</sup> Apud: DIETRICH A.M. *Op. cit.*, p.50.

<sup>9</sup> HILTON, S. *Suástica sobre o Brasil: A História da Espionagem Alemã no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1977.

<sup>10</sup> O fato aumentou pelo fato de a comunicação rádio-telegráfica entre a Europa e a América do Sul ser muito mais fácil do que a realizada diretamente com os Estados Unidos. Dessa maneira aumentava a importância da região para a ABWEHR. Assim, os postos de escuta secretos deveriam ser montados nos países abaixo da linha do Equador. HILTON, S. *Op. cit.*, p.23.

<sup>11</sup> DIETRICH, A.M. *Op. cit.*

<sup>12</sup> COSTA, S. C. de. *Crônica de uma Guerra Secreta. Nazismo na América: A Conexão Argentina*. Rio de Janeiro: Record, 2004.

<sup>13</sup> *Idem.* p. 219.

<sup>14</sup> Segundo o autor, o referido mapa foi supostamente apreendido no Rio de Janeiro pelo *British Security Co-ordination*(BSC). “um discreto esbarrão na calçada da rua Paissandu, lado ímpar, próximo ao número 93, sede da embaixada alemã. O esbarrado teve morte instantânea enquanto o esbarrador recolhia

de público, é tratado em diferentes níveis por especialistas e por outros que não são historiadores. Abre-se um leque de questões e interpretações passíveis de grande discussão.

O debate sobre as aspirações imperialistas do III Reich em relação à América do Sul e ao papel do Partido Nazista no Brasil, no que concerne à sua atuação junto à colônia alemã radicada no país, ainda está em aberto. Nesse embate, as conclusões acerca da idéia de um “perigo alemão” ainda estão longe de ser satisfatórias, o que nos mostra a importância que o tema mantém na historiografia nacional e a relevância da pesquisa de novas fontes que possam lançar luz ao assunto.

Esse novo olhar, inspirado pela documentação referente ao Partido Nazista no Brasil, redimensionou também a abordagem sobre o papel da ideologia germanista em relação à comunidade teuta no país. A adesão ou não desses colonos à ideologia do III Reich pode elucidar até que ponto os vínculos pátrios se mantiveram após a emigração e a que ponto essa adesão chegou a ser ideológico-partidária.

A atuação do partido, o número de filiações, as festas e as instituições criadas e/ou financiadas com capital hitlerista colocaram à disposição do historiador as nuances e as diferentes relações que os colonos mantinham com o país que os acolhia. Os diferentes momentos de imigração também colocaram indagações para os especialistas da área, pois, aparentemente, as colônias que remontavam à imigração do final do século XIX e começo do século XX, como as do no Sul do Brasil, mostraram-se menos receptivas às investidas dos ideólogos nazistas.

Todavia, imigrações mais recentes, caso das datadas do período entre guerras, talvez tenham se mostrado mais receptivas à ideologia nacional-socialista e mais entusiasmadas com a subida de Hitler ao poder em 1933. Essa premissa pode ser fundamentada pelo número de filiados ao partido no Estado de São Paulo, de imigração alemã mais recente e que ostentou os números mais significativos, ainda que pouco expressivos do ponto de vista numérico em comparação com a comunidade teuta residente no país. De fato, o que parece importante ponderar é a questão da adesão ou não desses colonos aos preceitos advindos do III Reich, mas sem perder de vista os laços étnicos e as redes de sociabilidade que mantinham o imigrante fiel à sua pátria e às formas de propagação e de reafirmação do germanismo.

---

discretamente a pasta. Os ingleses, aliás, são mestres na arte do *silent killing*”. COSTA, S. C. de. *Op. cit.*, p.289. O mapa mostra a redistribuição territorial da América do Sul que seria imposta pela Alemanha em caso de vitória no conflito internacional. Contudo, o autor não nos dá provas contundentes sobre a veracidade do ocorrido e a fidedignidade do mapa.

Entender a adesão, ideológico-partidária ou mesmo identitária, dos colonos alemães ao regime hitlerista lança luz a questões relacionadas às formas de resistência dessa colônia ao processo de assimilação pretendida pelo governo brasileiro desde o final do século XIX e que ganhou traços mais acentuados no decorrer do século XX, principalmente após a Revolução de 1930<sup>15</sup>.

A fixação dos colonos germânicos em diversas regiões do país, com temporalidades específicas, não permite analisar a questão de forma homogênea. A aceitação ou não do ideário nazista e os significados formulados por cada comunidade indica que havia múltiplas formas de entender o germanismo. Todavia, perceber como os colonos alemães decodificaram a mensagem nacional-socialista na década de 1930 colabora para elucidar a formação da identidade teuta no Brasil e sua relação com a sociedade e o Estado brasileiro.

Para a compreensão do significado e das formas de propagação da ideologia nazista no interior da comunidade germânica, deve-se compreender as particularidades do processo imigrantista levado a cabo pelo governo brasileiro e, principalmente, a atuação do Reino alemão em relação ao seu súdito, no que concerne ao estímulo em criar mecanismos que possibilitassem a reafirmação do espírito alemão e o seu sentimento de pertencimento à grande nação germânica.

Em primeiro lugar, deve-se entender como “imigração alemã” um processo heterogêneo e não linear que englobou diferentes momentos da história brasileira e européia no decorrer dos séculos XIX e XX. Apesar de amplamente discutida pela historiografia especializada, a reconstrução desse momento histórico é importante para o entendimento da inserção do imigrante na sociedade brasileira e da construção de sua identidade em relação à pátria alemã e ao ambiente receptor.

A imigração germânica para o país iniciou-se com a criação de colônias nos estados do Sul do Brasil em 1824, por meio do aliciamento de imigrantes nos estados alemães.<sup>16</sup> Nesse primeiro momento, a imigração subsidiada pelo governo imperial tinha como finalidade a ocupação de terras devolutas privilegiando a pequena propriedade agrícola.

---

<sup>15</sup> Segundo Jeffrey Lesser logo após o golpe de Getúlio Vargas em 1930 o governo começou a estabelecer normas que modificaram a concepção de raça e assim muitos grupos que antes tinham trânsito livre pelo Brasil foram apresentados como perigosos para a sociedade brasileira. LESSER, J. Imigração e Mutações da Identidade Nacional no Brasil, durante a Era Vargas. In: *Revista Brasileira de História*. ANPUH/Marco Zero. Vol. 14, nº 28, 1994.

<sup>16</sup> Nesse período é correto falar em estados alemães, pois em 1824 não havia ainda se concretizado o projeto de criação do Estado germânico unificado sob a tutela da Prússia, levado a cabo em 1871 por Bismarck.

A localização das colônias, em regiões distantes dos grandes centros do país, relacionava-se aos interesses diretos de uma política de colonização, que visava povoar zonas afastadas do território brasileiro. Tal decisão facilitou o isolamento em áreas com poucos contatos com a população nacional, sem esquecer a falta de amparo institucional do Estado Imperial do Brasil, o que facilitou a manutenção da língua, da religião e estimulou formas de sociabilidade. Daí ter se criado uma organização assistencial comunitária, alicerçada na rede escolar teuta e que reafirmou os laços de pertencimento à comunidade.<sup>17</sup>

Esse primeiro modelo de imigração alemã para o Brasil privilegiou o distanciamento dos teutos em relação à sociedade nacional, tornando-os praticamente auto-suficientes em vários aspectos. O pouco contato com brasileiros colaborou para que mantivessem seus costumes e recriassem uma forte rede associativa, centralizada nos laços étnicos e disseminada de geração em geração. Logo, é de se esperar que esses colonos, mesmo na segunda ou terceira geração, não se sentissem parte do corpo nacional e estivessem mais ligados à pátria de seus pais e avós.

Todavia, o segundo momento da imigração germânica guarda relação com o conturbado processo de movimentos liberais que agitaram a Europa nas décadas de 1840 e 1850. O grupo de imigrantes, filhos das revoluções de 1848 e 1849, tinha um perfil diferente dos primeiros colonos, pois enquanto esses eram formados por agricultores das classes menos privilegiadas, os subseqüentes ficaram conhecidos como *Erkinder* (filhos de 1848), militares liberais de estados alemães e da Áustria, que fugiram para o Brasil e logo foram reconhecidos como elite pela comunidade teuta aqui radicada. Ainda, nesse segundo grupo, inserem-se os que vieram para o Estado de São Paulo trabalhar nas colônias de café no regime de parceria, perfazendo, no ano de unificação alemã em 1871, mais de 2000 pessoas.<sup>18</sup>

Segundo a historiografia especializada, havia grande interesse do governo alemão no estímulo à imigração para o Brasil, pois esses colonos criariam um novo e rico mercado para as crescentes indústrias da Alemanha. Os colonos deveriam estar em condições de fornecer bens tropicais para o país de origem, bem como, por um longo tempo, não desenvolver seus próprios meios de subsistência material, mantendo-se

---

<sup>17</sup> SEYFERTH, G. A colonização alemã no Brasil: Etnicidade e Conflito. In: FAUSTO, B. (org). *Fazer a América: A imigração em massa para a América Latina*. São Paulo: Edusp, 2000. p.291.

<sup>18</sup> HAAC, L.T.K. 'Com Deus inicio meu trabalho'. ('Mitt Gott Fang Ich Die Arbeit An'). *Imigrantes de origem cultural germânica e seus descendentes*. Mestrado em História: Rio Claro/SP. Araraquara, 1998.

dependentes dos produtos e do comércio alemão.<sup>19</sup> Foram criadas sociedades promotoras da imigração para o Brasil, que investiam na propaganda e salientavam as vantagens e os benefícios desse deslocamento geográfico. A imigração, forçada por problemas políticos, econômicos e sociais foi usada também pelos governos de ambos os países no intuito de atender interesses econômicos. Entretanto essa questão não foi a causa do deslocamento dos alemães para o Brasil, sendo incorporada pelos governos posteriormente.

A terceira onda de colonos que deixou a Alemanha rumo ao Brasil data da década de 1920 e seus integrantes já não eram predominantemente agricultores. Deixavam a Europa devido à crise do pós-guerra. Esse grupo, mais heterogêneo que os primeiros, englobou indivíduos de diferentes segmentos sociais, como burgueses, proletariados, oficiais do exército imperial, médicos, advogados, comerciantes, professores e agricultores. Alguns se fixaram nos centros urbanos, outros adquiriram terras, mas tinham em comum o fato não trabalhar nas lavouras cafeeiras, que continuava a demandar mão-de-obra, tal como ocorreu na cidade de Presidente Venceslau, no sudoeste paulista. Esse grupo era financeiramente mais abastado que os imigrantes anteriores e, ao adquirirem sua própria terra, acabavam por se interessar pelas questões políticas e econômicas do país, fato que não os impediu, contudo, de manter os laços e a identidade com a nação de origem.

Nunca é demais lembrar que os imigrantes da década de 1920 partiram de um país arrasado pela Primeira Guerra Mundial e com forte sentimento de humilhação, potencializado pelas condições da rendição, que imputavam à Alemanha a culpa pela guerra. Abandonaram a pátria num momento delicado, em que se viviam as mazelas da derrota, e talvez não tenha sido sem uma ponta de orgulho que acompanharam o reerguimento do país após 1933. A imigração alemã Presidente Venceslau inseriu-se no bojo dessas questões.

Para tratar da imigração alemã para Presidente Venceslau, foram utilizadas fontes diversificadas. Além dos arquivos do DOPS de São Paulo, no qual há material sobre a vigilância policial sobre a colônia teuta daquela cidade, também foi consultada a documentação do Instituto Martius-Staden, com destaque para os relatórios elaborados por Joahnnes Keller, professor e diretor da Associação dos Professores Teuto-brasileiros

---

<sup>19</sup> NOBRE, Sonia. Ap. dos S. *Associação dos professores teuto-brasileiros do Estado de São Paulo: uma reconstrução histórica da trajetória de um órgão associativo voltado à educação étnica no período de 1916 a 1938*. Mestrado em História: Unicamp, 2004.

do Estado de São Paulo que, em diversas viagens pela região, deixou uma farta documentação sobre os costumes, as instituições e a vida dos colonos da área.

Adicionem-se, ainda, os periódicos de Presidente Venceslau, importantes para se entender o intrincado relacionamento entre os colonos e a sociedade venceslauense, bem como as mudanças ocorridas ao longo dos anos. Por fim, não se descartou também o significativo material iconográfico, encontrado no Instituto Martius-Staden, nos relatórios policiais e também em coleções particulares dos imigrantes remanescentes na cidade. Esse material mostrou-se relevante, pois a imagem nos permite vislumbrar o universo particular dos colonos, seus momentos de confraternização, festas e símbolos. Esses momentos de sociabilidade evidenciam, mais claramente, o sentimento de unidade e de estreita ligação com os costumes pátrios, difíceis de se encontrar nos relatórios e autos policiais.

A análise inicia-se com breves considerações sobre o cotidiano desses imigrantes numa região inóspita e muitas vezes hostil, suas dificuldades materiais e privações pessoais e as estratégias para superá-las. Para entender esse complexo jogo de permanências e rupturas, procurou-se, no primeiro capítulo, tratar da fixação dos colonos na região de Presidente Venceslau, seu contato com a terra, com os habitantes, as culturas escolhidas para o plantio, a construção da igreja, da escola, suas práticas culturais, sociais, etc. Buscou-se entender as discussões existentes no interior do grupo sobre o que era “ser alemão”. Objetiva-se compreender a identidade do grupo, sua relação com a pátria alemã e seu apego às instituições e aos símbolos pátrios, como forma de diferenciação não só em relação à população nacional, como também de reafirmação de certos grupos no interior da colônia.

O segundo capítulo trata da influência germanista ao longo da década de 1920, o que talvez ajude a compreender porque alguns indivíduos no interior da colônia foram atraídos pela ideologia nacional-socialista, isso a julgar pelas fontes policiais. E aqui se levanta uma questão essencial: o ideal nazista, difundido entre os imigrantes teutos da cidade, indicaria efetiva adesão aos valores nazistas ou deveria ser entendido como prolongamento das práticas germanistas há muito disseminadas tais imigrantes. A presença de uma bandeira ou de um símbolo pode ser tomada como “prova” de conversão ao nacional-socialismo, como o fazia a polícia? Ainda nesse capítulo, analisa-se a integração dos colonos à comunidade de Venceslau e sua relação cultural e econômica com a cidade.

No terceiro e último capítulo procura-se entender a difícil convivência dos imigrantes com a sociedade brasileira de Presidente Venceslau após o acirramento da política repressiva de Vargas, sobretudo após 1937, com o advento do Estado Novo. Tem-se em conta a conduta dos cidadãos venceslauenses frente à crescente xenofobia e à idéia de “perigo alemão”, difundidos por setores da imprensa e do governo brasileiro.

## **Capítulo 1 – A conquista do Extremo Oeste Paulista e a Imigração Alemã.**

A reconstrução do processo imigratório para o Brasil na década de 1920, por meio das negociações que trouxeram os alemães para Presidente Venceslau, assim como as múltiplas formas de inserção em território nacional, tem como objetivo desvendar a percepção desses colonos à sua nova condição, bem como o seu relacionamento com o país acolhedor e os laços que buscou manter com a pátria de origem.

### **1.1 – A imigração alemã para Presidente Venceslau e a negociação da germanidade**

As pesquisas e as análises referentes à imigração alemã no Brasil e as manifestações nacional-socialistas no seio de suas colônias fixaram-se, essencialmente, no discurso engendrado pela política repressiva varguista e na idéia de “perigo alemão”, construído ao longo do século XX, do qual resultou sérios problemas aos imigrantes teutos, principalmente no início da década de 1940.

Tentando desconstruir o discurso oficial, diversos historiadores trabalharam na compreensão sobre o nazismo no país e as maneiras como essa ideologia foi entendida pelos colonos germânicos. Talvez não seja demais supor ter havido uma supervalorização do discurso oficial, que percebia os alemães como “súditos do Eixo”, constatação que levou alguns pesquisadores a se valer de outros mecanismos de análise, na tentativa de compreender qual a real atuação dos ideólogos germanistas e nazistas na composição identitária dos colonos radicados no Brasil.

No estudo da colônia alemã de Presidente Venceslau, que objetiva discutir uma possível adesão dos colonos à ideologia hitlerista, notou-se que era necessário quebrar a barreira historiográfica que entende o imigrante germânico como passivo e receptivo aos chamados de sua pátria de origem. Para compreender o conflituoso processo de deslocamento e a inserção na sociedade receptora, tentou-se levar em conta, principalmente, a reestruturação de todo o sistema de valores por que passaram os indivíduos que decidiram imigrar.

Entender as causas que levaram esses imigrantes a sair de sua terra e buscar uma nova vida no além mar, assim como desvendar o processo de inserção na nova comunidade, a construção de novos valores e a necessidade em manter um referencial que os distinguiam como grupo, em contraposição a outras colônias e à própria

sociedade brasileira, coloca questões importantes para o entendimento das estreitas relações que o Partido Nazista manteve com alguns grupos no Brasil.

A análise do cotidiano é fundamental para a pesquisa. É no dia-a-dia dos imigrantes, reconstruído por meio de relatórios de viagens, jornais, fotografias, memórias, entre outros, que se compreendem as rupturas e as continuidades em relação à pátria de origem. Recriar esse ambiente, desde a partida da Alemanha até a fixação em solo nacional, elucida algumas questões em relação à sua percepção ao Brasil e às transformações ocorridas na Alemanha, principalmente na década de 1930.

A imigração alemã para Presidente Venceslau, começou em 1923, mais especificamente em 20 de janeiro, no Hotel Central, de Stuttgart, onde se formou um grêmio de imigrantes, sob a direção de Fritz Keller, com o objetivo de iniciar a colonização. Quatro meses após a reunião, no dia 16 de maio, esses imigrantes, num total de 17 famílias e 22 solteiros, aportaram na cidade de Santos e seguiram no mesmo dia para a hospedaria de imigrantes na cidade de São Paulo.

Na viagem desde o Sul da Alemanha, vieram cerca de 100 pessoas, que formavam a *Schwaben Kolonie*, nome que aludia à região de origem (*Schwaben*), próxima à Baviera, local de origem da maioria desses colonos. O movimento imigrantista não cessou e, em 1924, chegaram mais ou menos 30 famílias, o que se repetiu até 1933<sup>20</sup>, com a chegada de novas levas a cada 30 ou 40 dias, não apenas do sul da Alemanha, mas inclusive da Romênia e russos originários da Bessarábia<sup>21</sup>.

Conclui-se, portanto, que tal imigração não ocorreu de forma desordenada, mas fez parte de um projeto maior que não incluía apenas a região de Presidente Venceslau. Fritz Keller deslocou-se para a Alemanha na busca de colonos interessados em adquirir novas terras na região sudoeste do Estado de São Paulo no intuito de loteá-las, sob a forma de pequenas propriedades.

Segundo o jornal *A Tribuna*, de 8 de julho de 1933,<sup>22</sup> em edição comemorativa aos 10 anos de imigração alemã Presidente Venceslau, a colônia teuta foi fundada em 1923, pelo engenheiro Fritz Keller, que havia vivido no Brasil antes da guerra e serviu como agenciador de colonos a serviço da Companhia Mendes Campos Filho.

---

<sup>20</sup> No começo da década de 1930, o governo brasileiro regrou a entrada de imigrantes, estabelecendo quotas. A partir de 1933, a *Schwaben Kolonie* não recebeu mais nenhuma família.

<sup>21</sup> Segundo relatos de Fritz Haug, durante a década de 1920, vieram imigrantes de todas as áreas do Reich alemão.

<sup>22</sup> Jornal *A Tribuna – órgão independente* – 8 de julho de 1933.

Nesse período, o extremo sudoeste paulista, que até o começo do século XX, era denominado como “Terras Desconhecidas” ou “Sertão do Paranapanema”, atravessava uma crise financeira, decorrente da desvalorização cafeeira no mercado internacional, que se arrastava desde o início do século e só se acentuou após a Primeira Guerra Mundial.

Os imigrantes teutos não chegaram a uma região totalmente inóspita, pois, tratava-se de terras ocupadas por posseiros que, interessados nessas imensas terras virgens e ainda não exploradas, abriram caminhos e estradas nos espigões e formaram os primeiros núcleos de povoamento, ponto de apoio para os futuros empreendimentos de colonização.

A expansão efetiva da região ocorreu no final do século XIX e começo do século XX, na chamada frente pioneira, quando as terras do extremo sudoeste paulista foram ocupadas de maneira sistemática. Tratava-se de um empreendimento econômico, fruto da expansão cafeeira que permeava todo o estado e atraía projetos ferroviários, imobiliários e de colonização

Diferente das primeiras ferrovias paulistas que se caracterizavam por servirem ao café, a Sorocabana, estrada de ferro que corta todo o extremo sudoeste do Estado até chegar ao Rio Paraná, nasceu com o objetivo de escoar o ferro produzido na fábrica de São João do Ipanema. Contudo em 1919, quando a ferrovia já estava sob tutela do Estado, houve incentivo para o prolongamento da malha e, em 1922, os trilhos chegaram às margens do Rio Paraná, com a abertura do último trecho entre Presidente Venceslau e Presidente Epitácio<sup>23</sup>.

A particularidade dessa região centra-se na diferença do processo de ocupação frente às antigas áreas desbravadas pela lavoura cafeeira em outras partes do Estado de São Paulo. A ocupação do extremo sudoeste paulista, no que se refere às duas primeiras décadas do século XX, foi permeada por sucessivas crises de superprodução, como de 1908-1909 e a de 1914-1918, durante a Primeira Guerra Mundial, quando o combate submarino reduziu em muito a exportação. Assim, os cafeicultores começaram

---

<sup>23</sup> Segundo Odilon Nogueira Matos, a estrada de ferro Sorocabana se tornou uma “estrada exploradora”, pois até então as estradas haviam caminhado sempre em regiões já povoadas e, de agora em diante, o prolongamento dos trilhos se fazia conjuntamente ou até mesmo antes do próprio povoamento. MATOS, O. N. *Café e Ferrovias. A evolução ferroviária de São Paulo e o desenvolvimento da cultura cafeeira*. 3ª Ed. São Paulo: Edições Arquivo do Estado, 1981, p.119.

a lotear suas terras para os colonos<sup>24</sup>, sobretudo imigrantes, que ocuparam a região com suas pequenas propriedades<sup>25</sup>.

Essa divisão das grandes propriedades atraiu uma leva de imigrantes diferenciada, pois estes não vinham com o objetivo de servir como mão-de-obra para os grandes fazendeiros cafeicultores, mas desejavam adquirir pequenos lotes e participar de forma diferenciada da produção e do desenvolvimento da região.

Vê-se, portanto que a imigração alemã para a região de Presidente Venceslau diferencia-se do modo tradicional de fixação de colonos em terras brasileiras, pois os teutos de Venceslau chegaram ao Brasil como proprietários, trazendo consigo a esperança de começar uma nova vida que, acreditavam eles, seria melhor do que a vivida na Alemanha. Atraídos pelas facilidades do vantajoso loteamento das terras e impulsionados por sucessivas crises em território alemão, ligadas aos problemas pós-Primeira Guerra Mundial, imigrantes alemães começaram a desembarcar no porto de Santos e se dirigir para a região.

Observe-se a existência de interesses comuns: por um lado, imigrantes que abandonavam a pátria por problemas financeiros e buscavam novas terras para construir uma nova vida e, de outro, fazendeiros endividados pela crise do café, que buscavam lotear e vender suas terras sob a forma de pequenas propriedades. Assim, a imigração de teutos da região da Suábia para a colônia de Presidente Venceslau fazia parte de um projeto de venda de terras e agenciamento, no caso uma proposta da Companhia Mendes Campos Filho, que usou como intermediário um alemão, conhecido como Keller.

A Companhia Mendes Campos Filho, dona de terras em Presidente Venceslau, valeu-se de um artifício muito comum nesse período, qual seja fazer propaganda fora do país e de utilizar agenciadores para buscar europeus interessados em melhorar de vida por meio da imigração<sup>26</sup>. Tal função foi cumprida por Fritz Keller, de cuja vida pouco se sabe. Ele foi citado diversas vezes nos escritos sobre a colônia como o idealizador do projeto, pois reuniu o primeiro grupo de alemães no Hotel Central, em Stuttgart, e serviu de intermediário entre os imigrantes e a Companhia. Acredita-se que Keller estava envolvido, como muitos outros estrangeiros, no trabalho realizado por

---

<sup>24</sup>No período entre guerras que se tiveram início as migrações para as novas zonas pioneiras paulistas. Marília, fundada em 1928, ostentava uma das maiores taxas de crescimento do Estado. MATOS, O. N. *Op. cit.*, p.53.

<sup>25</sup>ANTONIO, A.P. *Op. cit.*, p.53.

<sup>26</sup>ALMEIDA, Ana Maria Chiarotti. *A morada do Vale. Sociabilidade e Representação: Um estudo sobre famílias pioneiras do Heimtal*. Londrina: Editora UEL, 1997.

companhias colonizadoras que, na tentativa de lucrar com a crise do café, elaboravam projetos de loteamento nas regiões com dificuldades econômicas e buscavam na Europa e em partes do Brasil, homens e mulheres interessados em adquirir uma propriedade, muitas vezes pagas em várias prestações.

Desde o início da colonização, várias empresas loteadoras instalaram-se na região da Alta Sorocabana. Uma delas, a Companhia Mendes Campos Filho, abriu um escritório na cidade de Presidente Venceslau, naquele tempo ainda denominada Coroados. A Companhia possuía grande porção de terras, que incluía os ribeirões Caiuá e Veado, chamadas de Fazendas Perdeiras, Aymoré e Ingazeiro, perfazendo uma área de aproximadamente 27.000 hectares.<sup>27</sup>

Segundo pesquisa de Armando Pereira Antonio, havia em Presidente Venceslau, no ano de 1943, seis núcleos estrangeiros de grande relevância espanhóis, húngaros, italianos, japoneses, portugueses e alemães. O que leva a crer que as facilidades decorrentes do loteamento de terras na região não atraíram especialmente os imigrantes alemães, sendo esses apenas mais um grupo que procurou novas perspectivas no além-mar, devido aos problemas de seus países.<sup>28</sup>

Após a fixação dos primeiros colonos na região, os que mantiveram o primeiro contato com Fritz Keller, no Hotel Central, em Stuttgart, vieram diversos imigrantes germânicos, atraídos agora não apenas pelas facilidades em adquirir uma pequena propriedade, como também por se encontrar, previamente estabelecida, uma colônia de conterrâneos na região. Dessa maneira, em menos de uma década, o número de teutos na cidade chegou a quatro centenas, tornando-se uma das principais colônias alemães do Estado de São Paulo.

---

<sup>27</sup> O escritório central da Companhia ficava em São Paulo, na Rua São Bento, e a venda de lotes era feita por intermédio de corretores que percorriam todo o Estado, principalmente as 'zonas velhas' do café e, sobretudo, o Departamento de povoamento, onde aguardavam a chegada de várias famílias de imigrantes que vinham sobretudo da Europa. ANTONIO, A.P. *Op. cit.*, p.71.

<sup>28</sup> Todavia, essas facilidades em adquirir novas terras no Brasil desencadearam problemas para os colonos, pois, futuramente, houve discussões sobre a demarcação da colônia, contestada por um processo iniciado pela Cia de Viação São Paulo - Mato Grosso em relação à Companhia Mendes Campos Filho. Segundo o advogado da Viação São Paulo - Mato Grosso, as terras vendidas por Mendes Campos pertenciam a Cia. e ele, por meio de processos ilegais, transferiu seus terrenos para outras partes, nas quais formaria a futura colônia Aymoré.

Um aprofundamento dessa contenda desvirtuaria o foco inicial da pesquisa. Todavia, devemos mencionar que os colonos foram informados sobre o problema e se sentiam desamparados e preocupados com a situação. Contudo, o problema, talvez, não se arrastou por muito tempo, pois não se menciona essa questão, nem nos jornais, nem nos relatos de viagem. – Pelos Litigiosos terrenos de Cayuá – Veado. – *Protesto jurídico da Cia. de Viação São Paulo – Mato Grosso*. Documento sob guarda do Instituto Martius-Staden.

Os colonos que saíram da Europa em direção a Presidente Venceslau estavam cientes que seriam donos de terras, ou melhor, pequenos proprietários, e não se dirigiam para trabalhar nas fazendas de café, como fizera a maioria dos imigrantes na virada do século XIX para o XX. Esse aspecto não pode passar despercebido, como se destacará no decorrer da pesquisa. Entende-se que a expectativa criada por esses colonos, donos de terras no Brasil, estava intimamente ligada ao ideal de progresso material em médio espaço de tempo. Sua empreitada em um território hostil seria justificada, posteriormente, pelos benefícios conseguidos após alguns anos de trabalho e o relativo sucesso material. No entanto, as dificuldades iniciais encontradas deixaram muitos desesperançados em relação à nova vida, o que talvez explique a eficácia dos chamados da pátria que haviam deixado para trás.

Esses imigrantes teutos, impulsionados ao exterior por motivos econômicos e sociais, entendiam, possivelmente, que o Brasil seria um lugar de recomeço, uma nova chance de reconstruir a vida. Deviam assim, em vários aspectos, uma grande gratidão ao país e às pessoas que os acolheram. Esse fato foi constatado diversas vezes na documentação sobre a colônia alemã e também na bibliografia especializada. Contudo, para esses colonos, recomeçar a vida no país não significava, necessariamente, esquecer as tradições e a cultura da pátria de origem. Deviam consideração e respeito ao Brasil, mas amavam o seu país de origem e ressaltavam isso em todos os momentos da vida cotidiana.

É importante entender e desvendar esse processo, muitas vezes doloroso e conflituoso, pois ele teve um peso importante quando se trata da aceitação ou não do nazismo entre os colonos alemães da região. O anseio de recomeçar a vida, deixando no passado as dificuldades da terra de origem e os problemas durante a viagem, não foram superados prontamente. O início no Brasil e o espaço encontrado por esses imigrantes não foi, necessariamente, repleto de facilidades e tranqüilidades. A idéia de recomeço, muitas vezes, foi frustrada por sucessivas crises, tanto financeiras como socioculturais.

As dificuldades enfrentadas pelo grupo uniram-no em torno de um projeto maior, que não se resumirá a quebrar as barreiras das privações econômicas. As famílias perceberam que a superação das dificuldades ligava-se ao trabalho conjunto e à força do coletivo. Muitas colônias alemãs, e aqui se inclui o caso de Presidente Venceslau, estreitaram laços de dependência e cooperação em torno de um projeto de sobrevivência no novo país, que implicou refazer as próprias relações no interior do grupo. Nesse

processo, símbolos e práticas identitárias e a conexão propiciada pela cultura de origem tiveram papel essencial.

O germanismo, que por certo não foi especificidade da colônia de Presidente Venceslau, materializou-se, principalmente, na construção de sua escola que, para os imigrantes, era o centro irradiador da cultura alemã, como se terá oportunidade de discutir mais à frente, e também do Centro Germânico, que amparava, do ponto de vista cultural e técnico os imigrantes.

Entende-se, dessa maneira, que a superação das dificuldades só foi possível com a união da colônia em torno de um projeto comum, o que estreitou os laços entre as famílias e preparou o terreno para a entrada de ideologias nacionalistas, que visavam ao fortalecimento da cultura alemã, caso do germanismo e do nazismo. Na verdade, a ideologia nacionalista propalada pelos ideólogos de Adolf Hitler apenas se apropriou de um grande aparato identitário forjado pelos próprios colonos e seus descendentes ao longo do processo de fixação em território brasileiro.

A pesquisa dialoga com as sugestões analíticas da micro-histórica, mais especificamente no que diz respeito à compreensão de como se deu a conquista e a ocupação do extremo sudoeste do Estado de São Paulo por imigrantes alemães, ocorrida no contexto da crise de produção da cultura cafeeira e também na inserção desse colono teuto no novo espaço, tentando compreender sua rede de relações sociais e suas formas de preservação cultural, o que exige mudar a escala de observação e atentar para a vida concreta dessas pessoas.

Apenas o estudo pormenorizado das relações informais, como o parentesco, as amizades e as atividades em grupo, a união em torno da escola alemã, a identificação dos colonos em relação à saudade do país de origem, às dificuldades a superar no território brasileiro, permite dar concretude às opções feitas por esses imigrantes. A atenção aos aspectos simbólicos e psicológicos dos colonos de Presidente Venceslau, no decorrer da década de 1920 e início da década de 1930, possibilita compreender a influência do nacional-socialismo entre os teutos e a difusão do nazismo no Brasil, principalmente nas áreas rurais.

Antes disso, é necessário entender a realidade alemã da década de 1920 e compreender o que levou esse grupo a se interessar pela proposta de Keller e da Companhia Mendes Campos Filho, deixar a Europa para trás e se aventurar por terras desconhecidas.

As condições socioeconômicas da Alemanha, principalmente após 1918, foram decisivas para o fortalecimento da imigração germânica para o território americano. Segundo Eric Hobsbawm, o desemprego na década de 1920 e a desvalorização monetária levaram a Alemanha à beira da destruição social.

A grande zona de derrota e convulsão, da Alemanha no ocidente à Rússia Soviética no Oriente, testemunhou um espetacular colapso do sistema monetário. (...). No saco extremo - a Alemanha em 1923 - a unidade monetária foi reduzida a um milionésimo de milhão de seu valor de 1913, ou seja, na prática o valor da moeda foi reduzida a zero.<sup>29</sup>

Além desse caos financeiro, havia o problema do desemprego que, mesmo com a pequena melhora na segunda metade da década de 1920, ainda mantinha a população européia e, sobretudo germânica, sem condições de vida e perspectivas de melhora no país, o que conseqüentemente influenciou a idéia de emigração:

O desemprego na maior parte da Europa Ocidental permaneceu assombroso e, pelos padrões pré-1914, patologicamente alto. É difícil lembrar que mesmo nos anos de *boom* da década de 1920 (1924-9) o desemprego ficou em média entre 10% e 12% na Grã-Bretanha, Alemanha e Suécia, e nada menos de 17% e 18% na Dinamarca e na Noruega.<sup>30</sup>

Esse contexto da Alemanha, do início da década de 1920, e que era vivenciado pelos colonos alemães que se fixaram em Presidente Venceslau, é de grande relevância para compreender os laços sociais criados no interior do grupo e, posteriormente, o estreitamento de vínculos com a pátria germânica. Tais dificuldades econômicas impulsionaram os imigrantes teutos para a região de Venceslau, que guardaram na memória a imagem de uma Alemanha arrasada e desestruturada, fato que continuou a viver nos seus corações.

Segundo relatos de Fritz Haug, colono alemão de presidente Venceslau, transcritos no jornal *A Tribuna* pelo professor Gustav Niedhardt, foram os problemas econômicos, que assolavam a pátria alemã, que impulsionaram a idéia de saída desses imigrantes em busca de uma nova vida:

Necessidades econômicas, a terrível desilusão, que a Guerra Mundial e a época seguinte trouxeram consigo, fizeram com que o plano de ir sobre as grandes águas amadurecesse, como muitos milhares antes dele, começar uma nova vida, abandonar o trabalho industrial feito até agora, desbravar a mata, semear e colher, fundar um lar no exterior.<sup>31</sup>

<sup>29</sup> HOBBSAWM, E. *Era dos extremos: O breve século XX – 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 94.

<sup>30</sup> *Op. cit.*, p. 95

<sup>31</sup> Dos diários de Fritz Haug, transcritos por Gustav Niedhardt para a edição comemorativa do jornal *A Tribuna*, referente aos 10 anos de imigração alemã para Presidente Venceslau.

Não se pode perder de vista a sensível diferença entre a imagem da Alemanha que abandonaram e as transformações que o nazismo havia aportado para o país. Levar em consideração esse aspecto, assim como as dificuldades encontradas pelos imigrantes no início de empreitada em solo brasileiro, nos leva a entender a mudança na postura dos colonos em relação aos chamados da Alemanha nacional-socialista.

Como era de esperar, o início da colonização trouxe inúmeras dificuldades, principalmente no âmbito material e cultural, a ser tratados posteriormente. Contudo, havia uma especificidade importante na colônia alemã de Presidente Venceslau: a heterogeneidade dos imigrantes que se dirigiram para lá. Se os primeiros a chegar vinham de *Schwaben*, ao longo dos anos, colonos de origem diversa lá aportaram, o que gerou grandes conflitos, principalmente na questão cultural e identitária desses alemães.

Há que se distinguir entre imigrantes vindos da própria Alemanha e os originários de diversas regiões da Europa, mas que se sentiam parte do Reich alemão. Esse problema esquentou os ânimos entre os colonos, ainda na década de 1920, antes mesmo do aparecimento do nacional-socialismo em Venceslau, e se mostrou de grande importância para a redefinição da identidade no seio do próprio grupo, com conseqüências em relação à comunidade exterior, nesse caso a própria comunidade de Presidente Venceslau.

O principal problema estava entre os imigrantes da Alemanha e os originários da bessarábia, conhecidos também como teutos-russos. A fixação desses imigrantes na *Schwaben Kolonie*, conhecida depois como colônia Aymoré, criou uma grande contenda, pois os primeiros não reconheciam a germanidade dos segundos e se sentiam ‘mais alemães’ que eles.

Nos relatórios das viagens do professor Joahannes Keller, menciona-se a impressão de existir duas colônias germânicas em Presidente Venceslau: a formada por teutos da Alemanha e a constituída por teuto-russos, que se expressou na organização de suas escolas no seio da colônia. Em 1925 foi fundada pelos colonos suábios a Associação Escolar Aymoré-Veado, enquanto os bessarábios organizaram a *Quellental* (1928), que significa vale das fontes, alusão aos muitos riachos da região, a qual foi muito criticada por Keller, que a via como um dos fatores para a desagregação do sistema escolar alemão da região:

A culpa do fracasso das tentativas individuais é a diferença das linhagens alemãs aqui estabelecidas, antagonismos pessoais de várias espécies, e as intrigas de ambição, que quer assar salsichas em sua própria fogueira.<sup>32</sup>

A situação demonstra as dificuldades encontradas pelos imigrantes na definição de sua identidade. Não bastasse os problemas referentes à própria sociedade venceslauense, os colonos germânicos tiveram que resolver conflitos no interior da própria comunidade. Nem todos os aspectos identitários os uniam em torno de um projeto comum. As diferenças entre imigrantes da própria Alemanha e de teutos da Bessarábia levaram a uma redefinição da identidade do “ser alemão” na colônia de Presidente Venceslau.

Não bastava apenas definir-se como grupo em relação a outros núcleos de imigrantes, caso dos italianos, húngaros, japoneses e os próprios brasileiros da área urbana da cidade. A luta simbólica estava criada dentro dos limites espaciais da colônia, o que levaria a uma reafirmação quase diária e inconsciente da identidade germânica. Falar alemão, cantar os hinos pátrios, ostentar símbolos nacionais, manter tradições eram questões imprescindíveis na negociação permanente em que vivia esse colono.

Em viagem à região da Alta Sorocabana no início da década de 1930, para conhecer as colônias germânicas do Estado, o cônsul geral alemão, Dr. Speiser, juntamente com Joahnnes Keller, professor enviado pela Associação dos Professores Teuto-brasileiros do Estado de São Paulo, foram recepcionados com grande festa pelos colonos de Venceslau que não deixaram de receber críticas do cônsul pela inimizade na colônia. Nas palavras de Keller:

Num longo discurso, o Sr, Dr. Speiser agradeceu pela amigável recepção e pelas belas palavras do orador precedente, mas frisou que não compreende os erros perenes e quizílias entre os únicos partidos. As faculdades que são empregadas nesses picuás desnecessários e prejudiciais devem ser sintetizados para o bem geral. Ele aconselhou que se fundasse uma associação comum de colonos, que trabalhassem para o bem da colônia e de seus membros, que examinassem as quizílias de forma imparcial (...) <sup>33</sup>.

Percebe-se que o problema persistiu por vários anos e gerou acaloradas discussões. Na edição comemorativa dos 10 anos da colônia alemã de Presidente Venceslau, o jornal *A Tribuna*, de 8 de julho de 1933, publicou artigo assinado por Reinhold Wittchen intitulado *O ponto de origem dos bessarábios alemães*, no qual

<sup>32</sup> No extremo Oeste do Estado de São Paulo – Joahnnes Keller – Documento sob guarda do Instituto Martius-Staden.

<sup>33</sup> Com alemães no Extremo Oeste do Estado – Viagem para as colônias alemãs na Sorocabana ocidental e às margens do Rio Paraná. – Documento sob guarda do Instituto Martius-Staden.

defendeu as raízes históricas dos teuto-russos, afirmando que eles também eram alemães de fato. Segundo o artigo, o início da imigração para a Bessarábia deveu-se ao Imperador Alexandre I, que procurava agricultores capazes de colonizar a região recém conquistada, argumento que evidenciava o espírito patriótico dos teuto-russos, que haviam seguido ordens do Imperador alemão e levaram a cultura germânica para regiões longínquas:

É propalada com demasiada freqüência a opinião que nós, bessarábios, fôssemos, na verdade, russos; e por uma obscura razão qualquer, falássemos alemão. Gostaria de indicar, em breves palavras, que não somos russos, mas sim alemães, que em nossas veias corre o puro sangue alemão, e podemos chamar Alemanha, com razão, nossa terra natal.<sup>34</sup>

A língua alemã tornou-se um argumento relevante, espécie de atestado da germanidade desses imigrantes. É importante ressaltar essa questão, pois o idioma alemão sempre figurou como uma das maiores preocupações do colono teuto em relação à *Kultur* alemã, o que seria uma forma de atestar, perante aos outros colonos, que esses imigrantes justificavam seu lugar de origem e conseqüentemente sua identidade.

No complexo jogo de negociação, os teuto-russos remetem a raízes históricas, citando o Imperador Alexandre I como idealizador da viagem desses alemães à região da Bessarábia. Qualificavam-se assim como alemães, patrióticos e obedientes, pois haviam respondido ao chamado do Imperador e expandido as fronteiras da cultura germânica a outras regiões. O artigo encerrava-se com a reafirmação da porção germânica desses imigrantes bessarábios, que exigiam ser tratados como alemães por outros segmentos da colônia:

Assim, nós, os chamados bessarábios, não somos russos, como muitas vezes nos chamam, às vezes somos até árabes. Quem conhece geografia sabe, que entre os rios indicados não se localiza a Arábia, mas sim uma parte da Europa. Nossos antepassados eram alemães, e queremos ser alemães tão bons como todos os outros que também o são.<sup>35</sup>

A intenção de ressaltar veementemente a germanidade desses imigrantes indica que essa questão era cara aos colonos de Presidente Venceslau e como a discussão deveria fazer parte dos círculos e dos espaços de sociabilidade criados na colônia, isso antes mesmo da disseminação do nazismo na região.

Essa intensa discussão em relação a ‘alemães tão bons’, como citado no artigo, indica que o sentimento de pertencimento à pátria alemã e a manutenção dos

<sup>34</sup> Jornal *A Tribuna* – Órgão Independente, de 8 de julho de 1933.

<sup>35</sup> Idem.

laços com a cultura germânica eram questões carregadas de significado para os colonos. Se não o fosse, pouco se importariam com seu lugar de origem, desde que estivessem fixados em outro país, no além-mar. A importância dada ao tema, que resultou na produção de vários artigos, no discurso do cônsul e, mais ainda, na separação dos prédios escolares, permite supor que a identidade desses colonos germânicos precisava ser reafirmada a todo instante, não só perante a sociedade brasileira, mas também entre os próprios alemães vindos de outras regiões.

O germanismo exaltado e a necessidade de pertencer à pátria alemã foram de extrema importância para o nazismo lançar raízes entre os colonos, pois esse ideário levanta questões caras aos imigrantes e diz respeito às paixões que mobilizavam os teutos, que estavam longe de seu país: o nacionalismo, os ícones pátrios e as instituições que remetiam à Alemanha. Para a historiografia brasileira, no caso dos imigrantes germânicos radicados no país, essas instituições materializavam-se na *Deutsche Schule*, ou Escola alemã.

A discussão em torno da defesa apaixonada das origens dos colonos e da criação de espaços de sociabilidade e de instituições que remetiam à pátria alemã – língua, hinos, bandeira, danças, comida – assumia grande relevância, a ponto de a germanidade constituir-se num ponto central na vida dos imigrantes. Não se pode esquecer, porém, que houve crescente integração entre a colônia e a sociedade venceslauense, patente no ativo comércio de víveres com a cidade e na participação de figuras proeminentes nas festas da colônia, o que denota que trabalhavam em favor do país que os acolheu. Havia, de fato, um processo de inserção do colono naquele espaço, o que não se deu sem tensões de várias ordens.

Além das dificuldades normais que os imigrantes que se fixavam em áreas rurais brasileiras tiveram de enfrentar, tanto no que respeita à área econômica e de infraestrutura, quanto aos problemas relacionados com a sociedade nacional, na colônia de Presidente Venceslau havia o problema interno, entre alemães e teuto-russos, o que possivelmente exacerbou o sentimento nacionalista dos colonos e também as diversas maneiras de consolidar a cultura alemã.

A luta simbólica entre esses grupos deve ter criado mecanismos e estruturas, como é o caso da escola alemã, para o fortalecimento do germanismo entre os imigrantes germânicos, e constituiu terreno fértil para a disseminação do nazismo na década de 1930. De um lado, havia os alemães lutando pela diferenciação em relação aos teuto-russos, num ambiente em que se procurava estreitar os laços com a pátria de

origem, via manutenção de símbolos, criação da escola e com a autopercepção de fiéis e verdadeiros representantes da Alemanha. No outro, os bessarábios, que viviam um difícil processo de negociação identitária, pois não eram aceitos como verdadeiros germânicos, mas teutos de segunda categoria, o que os fazia tentar criar mecanismos de estreitamento com a Alemanha, materializado na construção do prédio escolar e, principalmente, na manutenção e no uso diário do idioma como forma de reafirmação de seus laços históricos com a cultura alemã.

O referido conflito identitário e simbólico lançou fortes raízes nacionalistas e germanistas entre os colonos alemães de Presidente Venceslau, tanto nos da Suábia quanto nos teuto-russos. Dessa maneira, é fácil compreender que, com a ascensão do nacional-socialismo na Alemanha, ambos os grupos estivessem inclinados a se orgulhar do advento III Reich e receptivos às idéias, símbolos, festas e tudo o que o novo regime alemão fornecia, fato que era mal visto pelos órgãos repressores do governo varguista e por segmentos da sociedade venceslauense.

Não se tratava apenas de manter laços com a pátria de origem, que há quase dez anos havia ficado para trás, mas também uma forma de reafirmar a porção germânica do grupo em relação aos próprios colonos e demonstrar fidelidade aos olhos dos demais. Entende-se, assim, que o conflito no interior da colônia contribuiu para a penetração dos ideais nazistas no decorrer da década de 1930, pois esses imigrantes estavam propensos a olhar de forma positiva tudo o que viesse da Alemanha, não apenas para manter os laços que os uniam ao lugar de origem, como também para consolidar sua identidade frente à sociedade brasileira e, principalmente, diante de outros membros da própria colônia

Todavia, a continua reafirmação da germanidade gerou tensões com a sociedade receptora, pois esses colonos não se mantinham fechados do ponto de vista cultural ao mesmo tempo em que mantinham intensa relação comercial e cultural com outros grupos a sua volta, em especial o núcleo urbano de Presidente Venceslau. Em síntese, os imigrantes alemães de Presidente Venceslau viviam um duplo problema: primeiramente, reafirmavam sua porção germânica frente ao próprio grupo, com conseqüências para sua vida social e cultura, no âmbito da qual a pátria de origem desempenhava papel de relevo. E, em contrapartida, a sobrevivência no novo país exigia o aprendizado do português e mudanças de hábitos, já que estavam submetidos a um ambiente diverso em termos de costumes, comidas, datas comemorativas.

Essa difícil relação entre os próprios imigrantes e a sociedade receptora criou uma relação ambígua entre os colonos e o Brasil, fato esse já estudado pela historiografia brasileira, que cunhou o termo teuto-brasileiro, como se terá oportunidade de destacar oportunamente. Importa destacar aqui como tais aspectos pesaram na negociação identitária, definiu e deu contornos à maneira como o grupo se relacionou dentro e fora de sua própria comunidade.

A partir dessa perspectiva, percebe-se a importância de entender como a colônia se constituiu, quais foram suas prioridades, as estratégias para manter os laços com a Alemanha e, ao mesmo tempo, relacionar-se com uma nova realidade e um novo país, bem como as dificuldades impostas pelas condições da sociedade brasileira, suas autoridades. Essa análise pode fornecer possibilidades no que tange o entendimento sobre a realidade dos colonos e o grau de penetração da ideologia nacional-socialista no seio da colônia Aymoré.

## **1.2 – A colônia Aymoré e o cotidiano do imigrante alemão**

A *Schwaben Kolonie* ou colônia Aymoré, como ficou conhecida por localizar-se na antiga fazenda Aymoré, às margens do ribeirão Veado, próxima à estrada que liga Presidente Venceslau ao Campinal, a 7 Km do núcleo urbano central, chegou a abrigar cerca de 1200 pessoas.<sup>36</sup>

Acredita-se que o cotidiano desse colono, radicado no extremo sudoeste paulista, não deve ter sido fácil, como era de esperar, pois tratava-se de uma região recém colonizada e com poucos atrativos econômicos além da cultura cafeeira, que naquele momento estava em crise. Não havia nesse período nenhum grande atrativo para a aplicação de recursos que pudesse modificar a paisagem encontrada nos primeiros anos da década de 1920.

Segundo descrições do professor Keller, as casas eram muito simples, feitas de madeira e construídas de modo muito primitivo, com fogões de barro. As dificuldades iniciais, tanto na derrubada da mata como no início do plantio, não deve ter deixado recursos e nem tempo para o embelezamento e a estruturação dessas casas.

---

<sup>36</sup> Segundo dados fornecidos por Célia Penço, havia na cidade de Presidente Venceslau, em 1940, 408 imigrantes alemães numa população de 4002 pessoas. A colônia alemã de Venceslau era a segunda maior da Alta Sorocabana, só a baixo da de Maracaí, que comportava 424 imigrantes. PENÇO, C. de C.F. *Op. cit.*, p.56-57.

A confortável casa, mesmo que pequena, eles mesmos a construíram. Madeira há em excesso. Tudo foi construído com os meios mais primitivos, embora bem úteis. O simples fogão na cozinha, feito de barro, por exemplo, deve servir ao mesmo tempo de forno, até que eles encontrem tempo e meios de construir um forno de verdade. Na casa são introduzidas, pouco a pouco, especialmente em dias de chuva, pequenas melhorias que servem ao bem estar. Mas o trabalho mais importante permanece o de desmatar, para aumentar a superfície cultivável.<sup>37</sup>

Há de se salientar que a região era muito pobre e as condições precárias enfrentadas por esses colonos não diferia de forma substancial da vida da maioria dos outros grupos coloniais e da parte da população urbana venceslauense. Em relato de viagem, escrito pelo professor Joahnnes Keller, em uma de suas viagens para Presidente Venceslau, no início da década de 1920, ele faz um breve relato sobre a área urbana do município, o que leva a acreditar que as condições vividas pelos teutos da colônia Aymoré pouco contrastam com o restante da população.

Presidente Venceslau é um local que se encontra em vivo desenvolvimento, que tem bom panorama de se tornar município este ano. O lugar tem apenas poucos anos de idade. Em consequência disso, casas de alvenaria ainda são raras. Mora-se em casas de madeira cobertas com telhas, que são, porém, bem espaçosas. Os únicos cômodos são separados por paredes de tábua. O telhado é comum a todos os quartos.<sup>38</sup>

Além da falta de dinheiro, pois a maioria dos recursos foram usados na aquisição dos lotes e na compra de utensílios de primeira necessidade, para criar as mínimas condições de sobrevivência na área rural, havia também outros aspectos, pois a colônia era muito recente e existia a falta de braços e tempo para suprir todas as necessidades, como foi mencionado em algumas fontes.

As descrições do professor Keller, de extrema relevância na construção do cotidiano desses colonos, coincidem com o material iconográfico sob guarda do Instituto Martius-Staden e também em coleções particulares, que revelam residências simples, mas que tentavam, na medida do possível, seguir o modelo da arquitetura européia.

Ressalte-se, novamente, que as dificuldades encontradas entre os colonos alemães de Venceslau não foi uma especificidade desse grupo. Todavia, no momento em que as fontes foram produzidas, era importante para esses imigrantes, no intuito de legitimar sua identidade, a construção de uma realidade penosa e com inúmeras privações, o que contrastaria com a nova realidade vivida pela colônia no início da

<sup>37</sup> Estadia de férias numa colônia alemã no Estado de São Paulo. – Relatório elaborado por Joahnnes Keller. – Documento sob guarda do Instituto Martius-Staden.

<sup>38</sup> Idem.

década de 1930, na comemoração de seus 10 anos de existência. Questão que será abordada em momento oportuno.

Não apenas as dificuldades materiais foram mencionadas, mas o choque cultural também foi levado em consideração, principalmente no que tange ao clima, a alimentação e no desconhecimento de técnicas de cultivo diferenciadas, que pudessem ser utilizadas em solo brasileiro. Essa questão não deve passar despercebida, pois a interação do imigrante com o meio receptor criou subsídios para a reformulação da identidade do grupo, como também modificou sua forma de entender e codificar a cultura do país de origem.

A alimentação era constituída de produtos da região, como mamão e mandioca, tendo como base dessa dieta a farinha de milho, feijão, arroz e, de vez em quando, carne de galinha ou pato, animais criados em volta de suas casas. Porcos e bois foram criados posteriormente, pois faltava mão de obra para formar um pasto e capital para adquirir animais.

Como era de esperar, a maioria dos imigrantes especializou-se na área agrícola, vivendo à custa da exploração de seus lotes e comercializando esses produtos na área urbana de Presidente Venceslau. Devido a questões comerciais, o contato com a população local começou a intensificar e a produção de víveres tornou-se a maior fonte de renda desses colonos. Cultivaram-se algodão, amendoim, milho, arroz, batata e mandioca, sendo esta utilizada na alimentação familiar.

Após o início problemático, a vida desses imigrantes começou a se estruturar. A limpeza do terreno, a construção de casas simples, o início das plantações, a aquisição de alguns animais de criação deram o colorido inicial à vida dos alemães em Presidente Venceslau. Eram pequenos proprietários e a vida laboriosa na agricultura foi fato marcante desse período. Nesse momento seria estritamente normal a relação traçada por esses alemães entre momento vivido na colônia Aymoré e o contexto deixado anos antes na pátria alemã. As mesmas dificuldades, a mesma carestia, a mesma situação desestimulante.

O plantio inicial também não foi fácil. Faltava experiência a grande parte dos colonos, muitos vindos de áreas urbanas da Alemanha e não acostumados ao trabalho no campo e, mesmo aqueles que viviam da agricultura na Europa deparavam-se com um solo e um clima totalmente diverso daquele que conheciam, o que gerou um período de adaptação e aprendizado. Nota-se também os problemas com a fauna

brasileira, que muitas vezes criou percalços a esses trabalhadores rurais, como é o caso das formigas.

(...) plantava-se em medidas pátrias e acreditava-se que com 1 alqueire de área para plantio, podia-se obter uma abundante colheita, também ninguém sabia nem mostrava como as plantações eram feitas. Com admirável interesse, velhos e jovens observaram a gigante reunião de formigas que, por extensos e limpos caminhos por elas mantidos, carregavam para seu ninho pedaços de folhas dez vezes maiores (...). Não se suspeitava que essas formigas são o mais terrível inimigo dos agricultores no Brasil.<sup>39</sup>

Nesse relato, além é claro das dificuldades encontradas no processo de aprendizado na área da agricultura, a afirmação “ninguém sabia nem mostrava como as plantações eram feitas”. O fato demonstra duas questões importantes: O total despreparo desses colonos em relação à agricultura nacional, assim como a falta de apoio da companhia colonizadora ou mesmo das autoridades de Presidente Venceslau.

Nesse primeiro momento, entende-se que houve considerável isolamento dos imigrantes teutos em relação à cidade de Venceslau, seja pela dificuldade do trajeto, seja pelo trabalho a realizar na colônia, o que dificultava ainda mais o deslocamento dos alemães a outras regiões. Acredita-se também, por meio da análise das fontes e da bibliografia especializada, que não houve uma política efetiva, desenvolvida pela companhia colonizadora ou mesmo pelas autoridades públicas, no sentido de criar subsídios para facilitar a integração desses colonos com a sociedade venceslauense ou mesmo auxiliar no início da construção do núcleo colonial.

A historiografia brasileira sobre o tema refere-se aos inúmeros problemas relacionados com o isolamento de colônias em áreas rurais. O Estado brasileiro pouco ou nada fez em relação aos imigrantes que chegavam ao país, e a grande maioria tinha de se organizar com recursos próprios. Dessa maneira o imigrante traçou suas metas e batalhou por melhorias, sempre amparando-se na cooperação entre o grupo. Devido a esse fator, mas não determinante, os colonos pouco se integraram à comunidade local, mantendo suas tradições e o uso da língua pátria. Entende-se que não, necessariamente, esse foi o caso de Presidente Venceslau, pois, após algum tempo, algumas famílias mudam para o núcleo urbano e começam a estreitar relacionamentos com a comunidade local.

Mas é importante ressaltar que o início problemático da imigração, como também a pouca atenção dada pelo poder público aos colonos alemães, os fizeram criar um sentimento de coletividade no interior do grupo o que significou manter e recriar

---

<sup>39</sup> Jornal *A Tribuna*. *Op. cit.*

laços importantes no seio da colônia e, conseqüentemente, uma reafirmação de laços com a pátria de origem por meio das tradições e costumes.

A relevância dessa questão assenta-se no entendimento da atuação do Partido Nazista em Presidente Venceslau no início da década de 1930. A historiografia brasileira sobre esse fato, principalmente a elaborada por historiadores do Sul do país, na qual a imigração data do final do século XIX, entendeu que poucos foram os alemães que se interessaram pela doutrina trazida por ideólogos do III Reich. Todavia, o caso dos alemães de Presidente Venceslau, pode servir de contraponto, pois os imigrantes que vieram para o Brasil no período entre guerras tinham um sentimento diferenciado em relação à pátria de origem.

Os problemas políticos, econômicos e sociais vividos durante e após a Primeira Guerra Mundial, assim como os motivos diferenciados que os levaram a deixar a Europa rumo ao Brasil, deram aos alemães uma percepção em relação ao nacional-socialismo que, dificilmente os alemães do Sul do país teriam, até mesmo por se tratar da segunda ou terceira geração. No caso da colônia Aymoré, a percepção em relação ao nazismo pode ter sido potencializada devido a fatores específicos, caso da relação conflituosa no seio da própria colônia entre alemães oriundos da Alemanha e teutos de outras partes da Europa, como os bessarábios, o que exarcebou sentimentos nacionalistas e identitários, com a reafirmação dos laços pátrios.

Somado a isso, temos o relativo isolamento inicial da colônia, em relação a outros grupos, mesmo os próprios brasileiros da cidade, o que criou formas de orientação cultural dos imigrantes voltadas necessariamente às práticas comunitárias que reforçavam o sentimento de germanidade, posteriormente apropriado pelo discurso nacional-socialista.

Não se deve imaginar que a colônia Aymoré manteve-se por muito tempo com problemas financeiros e afastada do contato com outras realidades culturais. Aos poucos, as dificuldades relacionadas à agricultura foram superados e a produção agrícola da colônia foi utilizada para a venda de víveres na cidade de Venceslau, destacando-se o milho, feijão, arroz e, em menor escala, o café. O contato comercial lançou as primeiras bases para uma maior integração da colônia com o núcleo urbano do município, fato consolidado nos anos subseqüentes.

Para sistematizar essa produção e alçar uma melhor utilização do espaço pelo colono germânico de Venceslau, em 1933, foi criado o Centro Germânico, com a finalidade de prestar serviços aos alemães de Venceslau, elaborando soluções para

vários níveis de atuação, como alojamentos seguros e transporte para doentes, informações referentes às leis brasileiras, promoção de atividades associativas como canto, música, esporte, vida espiritual. Com o lema *O interesse geral vem antes do interesse próprio*, o Centro tentava suprir uma questão, muito debatida na colônia Aymoré, que era a união dos colonos em torno do bem geral.

A construção do Centro Germânico teve grande importância para a estabilização comercial entre os colonos. As notícias sobre as reuniões do conselho ganharam bom destaque no jornal que circulou na colônia, o *Der Kolonist*, assim como as resoluções debatidas pelos colonos. Acredita-se, ainda, que a construção do Centro Germânico foi uma forma de organizar os colonos na busca de melhores condições econômicas, via produção agrícola, e uma forma de driblar as dificuldades encontradas no plantio, não sanadas devido à dificuldade do poder público nacional em amparar esses imigrantes.

É importante lembrar que essa proposta é colocada em pauta no início da década de 1930, período de fortalecimento do nazismo e suas idéias de cooperação e união dos alemães em torno da coletividade e da germanidade. Não temos subsídios para afirmar com convicção se esse fato foi motivado apenas por interesses comunitários ou se o pensamento nacional-socialista esteve presente na execução desse projeto. Entretanto, não podemos desconsiderar esse fato, tanto pelo contexto histórico no qual ele foi formulado, como também no desenvolvimento do ideal nazista que estava, aos poucos, aparecendo nos escritos dos alemães de Venceslau.

Em relação ao Centro Germânico, percebemos também que desenvolvia atividade mais prática, pois, segundo sua coluna no jornal *Der Kolonist*, que circulou na colônia no início da década de 1930, as questões debatidas centravam-se nas propostas de melhorias na cultura agrícola dos colonos, assim como na distribuição de sementes enviadas pelo Ministério e Secretaria da Agricultura, como também na criação de uma cooperativa agrícola.

Mesmo com as privações materiais e culturais, como também o árduo início da colonização, os imigrantes alemães tentaram a todo custo manter viva a tradição germânica, lembrando a todo o momento a cultura de seu país, tanto no que concerne ao idioma, às canções pátrias e, principalmente, na criação de uma escola para os filhos dos colonos.

O professor Johannes Keller, ao encontrar famílias teutas na colônia Aymoré, descreveu um momento de confraternização delas como uma maneira de

salientar os vínculos dos imigrantes de Venceslau com a cultura germânica e os laços que os ligavam ao germanismo, buscado desde o início, em 1923:

O *plattdeutsche*<sup>40</sup> atou uma parte dos representantes e todos os outros ao nosso redor. Enquanto bebíamos o café (...) as crianças se divertiam também com suas brincadeiras pátrias. Logo após, nos cantaram canções de *Loens*, canções populares do *plattdeutsche*, e o fato que acompanhávamos as canções na maioria das vezes, e certamente na canção do 'Groffsmid', só logramos lembrar a letra por nossos esforços coletivos. Suscitou em especial minha proposta de fotografar a sociedade, pois o primeiro pensamento em todos foi mandar um retrato para nossos parentes na Alemanha, com isso eles ficariam sabendo como estamos por aqui.<sup>41</sup>

Com o passar dos anos e a relativa superação dos obstáculos impostos pela região inóspita, a vida associativa dos imigrantes começou a florescer e os projetos de reerguer e reafirmar a identificação alemã com a pátria de origem ganharam contornos mais firmes. A criação da escola alemã, nos primeiros anos de colonização, foi o primeiro projeto levado a cabo pelos colonos, pois eles sentiam extrema necessidade dessa instituição, que na visão deles, seria o maior baluarte de propagação da cultura germânica no além-mar. De acordo com Keller, superadas as primeiras dificuldades, as discussões em relação ao projeto foram colocadas em pauta:

Existe a necessidade de uma escola alemã. Muitos colonos lamentam que seus filhos vão crescendo sem aulas. Principalmente aqueles, cujos filhos gozaram ainda na Alemanha as bênçãos da aula, sentem fortemente tal falta. Depois que o mais árduo trabalho dos primeiros anos já passou e a batalha pela existência foi vencida com sucesso, as necessidades desse tipo se fazem presentes.<sup>42</sup>

O debate em relação à escola alemã será tratado em capítulo à parte, devido a importância dada por esses colonos à empreitada, principalmente após a construção de seu novo prédio, conseguido, segundo imaginário de alguns colonos, graças aos esforços do Partido Nazista local, no início da década de 1930, o que acarretará, possivelmente, estreitamento dos vínculos entre a colônia Aymoré e os ideólogos do regime hitlerista.

Outro projeto importante desenvolvido logo no início da colonização, foi a criação da igreja evangélica luterana. Na maioria das colônias alemãs a criação da escola e da igreja caminhavam paralelamente, pois ambas tinham a mesma finalidade, ou seja, manter ou muitas vezes recriar a germanidade dentro da comunidade:

<sup>40</sup> Dialeto derivado do alemão falado nas planícies setentrionais da Alemanha.

<sup>41</sup> *Estadia de férias numa colônia alemã no Estado de São Paulo*. Relatório de viagem do professor Johannes Keller. – Documento sob guarda do Instituto Martius-Staden.

<sup>42</sup> *Estadia de férias numa colônia alemã no Estado de São Paulo*. *Op. cit.*

Estimulando e fortalecendo a escola, dois objetivos estariam sendo atingidos: a manutenção da germanidade (*Deutschtum*) e da confessionalidade luterana. Na realidade, essas diretrizes se fundem num único grande objeto, pois são valores indissociáveis entre imigrantes de fé evangélico-luterana.<sup>43</sup>

A igreja evangélica também se estruturou com o mesmo objetivo e tão logo foi criada a comunidade eclesial, com o auxílio do pastor H. Wrede, que em 1924, vindo da colonização Riograndense, institucionalizou a religião na colônia Aymoré, na qual os cultos eram feitos no mesmo ambiente em que funcionava a escola. Esse problema foi solucionado nos anos de 1932/1933, quando é construído o prédio da igreja de Quellental.

Antes disso, após várias discussões e por ocasião da visita do Sr. Dekan Vollkert, plenipotenciário da Igreja Nacional Evangélico-Luterana da Baviera, em 1928, a igreja de Presidente Venceslau foi alçada a curato autônomo. Logo recebeu provimentos próprios e pôde contar com um pastor para a comunidade, não precisando mais o pastor H. Wrede se deslocar da colônia Riograndense para colônia Aymoré, como fazia há alguns anos. Dessa forma os cultos foram organizados, com destaque para instrução religiosa infantil.

A consolidação da Igreja Luterana também é classificada como um passo importante para a construção do germanismo entre os imigrantes e o estreitamento dos laços com a cultura alemã. Com os cultos realizados em língua materna e a união dos colonos na obtenção do prédio da Igreja, a vida associativa se consolida e a identidade germânica se aflora, como notamos nas palavras do Pator L. Striffler:

Queremos dizer obrigado à nação por todos os bens espirituais nesses dias, e nos mantermos fiéis a ela também em tempos difíceis. Não esquecer todos os bons tempos passados, queremos construir a ela, à pátria, um altar em nossos corações, e nunca, jamais esquecê-la.<sup>44</sup>

Dessa forma, com a criação da escola alemã e da Igreja Luterana, alguns espaços de sociabilidade foram sendo criados e a comunidade teuta de Aymoré pode reconstruir, mesmo que de forma peculiar, uma vida associativa nos moldes deixados na Alemanha. A identidade do imigrante é forjada na rememoração desses traços culturais diários, nas canções, no uso da língua, na escola, nos cultos, na passagem do cônsul-geral, nas viagens do professor Johannes Keller, na construção do novo prédio escolar com a ajuda do Partido Nazista local.

<sup>43</sup> KLUG, João. A escola teuto-catarinense e o processo de modernização em Santa Catarina. A ação da Igreja Luterana através das escolas (1871 – 1938). São Paulo: Tese de Doutorado, 1997, p. 7.

<sup>44</sup> Jornal *A Tribuna*. *Op. cit.*

O fato de o novo prédio da igreja ter sido construído no início da década de 1930, na mesma época do prédio escolar, demonstra como mudanças significativas começaram a ocorrer no ambiente colonial nesse período. Acredita-se que esses fatos podem ser analisados como um desenrolar natural do crescimento da colônia, pois passado 10 anos da chegada dos primeiros imigrantes, suas vidas já estavam relativamente estruturadas, o que lhes dava maior margem para a realização de empreendimentos coletivos que beneficiassem a coletividade.

Todavia, após o fortalecimento do nazismo na Alemanha e, principalmente, devido à subida de Adolf Hitler ao poder em 1933, as colônias alemãs de todo o globo receberam maior atenção do governo germânico, que as viam como parte da grande Alemanha que estava começando a ser construída. Dessa maneira, houve uma atenção maior às questões culturais dos colonos, com o envio de material didático, professores, pastores, entre outros, assim como o envio de verbas para a melhoria da infra-estrutura das regiões mais afastadas.

A vida do imigrante, aos poucos, vai caminhando de forma natural na busca de estreitar vínculos com a pátria de origem e será, possivelmente, desse espírito que os ideólogos do nazismo irão se apropriar nessas colônias no Brasil. Nesse contexto, a colônia alemã de Presidente Venceslau, devido a sua própria constituição sócio-cultural, não poderia ficar alheia.

Aos poucos, com a sedimentação da vida associativa, alguns imigrantes deixaram a colônia e abriram estabelecimentos na cidade de Presidente Venceslau, tanto comerciais como industriais. Segundo o alemão Otto Brüll, que escreveu sobre a importância econômica da colônia em Venceslau, havia 24 estabelecimentos germânicos na área urbana em 1933, destacando-se nos ramos de panificação, cervejaria, revendedor de rádios *Telefunken* e armazém de secos e molhados.

O relacionamento entre os colonos e a população venceslauense até a década de 1930, pautou-se em grande respeito e reciprocidade, fato mencionado com júbilo pelos próprios colonos. É sempre lembrado o comparecimento de figuras importantes da comunidade de Venceslau nas festas promovidas pelos colonos, como a de Natal, no início da década de 1930, realizada pelas escolas alemãs:

Encontravam-se também muitos da cidade entre os convidados. O Sr. Dr. Álvaro, diretor da colônia e prefeito, simpático aos alemães e grande protetor da escola alemã, estavam presente com muitos amigos, e o poder armado

fizera-se representar pelo Tenente Sr. Mathias Coelho, que estivera presente com esposa e filhos, e conversou magnificamente.<sup>45</sup>

Os relatos se restringem a datas comemorativas e não se pode afirmar se esse bom relacionamento entre alemães e autoridades da cidade era corriqueiro. A boa relação entre alemães e o governo brasileiro era algo normal nas áreas de colonização. Os imigrantes germânicos sempre foram considerados bons trabalhadores e importantes para o desenvolvimento cultural e étnico do Brasil, fato esse que seria consumado por meio da miscigenação.

Contudo, acredita-se que o desenvolvimento econômico de alguns alemães e o contato comercial entre a colônia e a cidade ao passar dos anos criaram um relacionamento amigável entre ambas as partes. Entretanto, em nenhum momento percebemos ação efetiva do governo local para estreitar relações culturais entre esses imigrantes. Os relatos analisados nos fazem acreditar que houve apenas participações esporádicas das autoridades em festas, o que não construiu, efetivamente, um relação de reciprocidade entre as partes, como os alemães gostavam de afirmar.

Todavia, como era de esperar, devido aos problemas por que os imigrantes passavam, a boa relação não se manteve após a instauração do Estado Novo, em 1937. A medida varguista de nacionalizar as colônias estrangeiras, interferindo em seus costumes, na escola e em seu cotidiano tomou contornos maiores no início da década de 1940. Os problemas ocorridos em diversas partes do Brasil no período de nacionalização também foi sentido na colônia Aymoré.

Constatou-se em Presidente Venceslau após 1942 o crescente atrito entre brasileiros e alemães, especialmente com a entrada no Brasil na guerra ao lado dos Aliados. A disseminação da idéia de “perigo alemão” e a constante vigilância desencadeada não só pelos órgãos repressores como também pela própria população em torno dos imigrantes teutos, deixará apenas na memória os atos de confraternização como as descritas acima, pois o relacionamento com a sociedade venceslauense se tornou problemática.

Percebe-se então que as dificuldades encontradas no início da colonização não levaram a um esmaecimento dos vínculos com a pátria de origem. Pelo contrário, esses problemas, muitas vezes, justificaram a contínua relação à Alemanha. A necessidade de manter os laços culturais fez com que os colonos investissem suas

---

<sup>45</sup> No extremo oeste do Estado de São Paulo. *Op. cit.*

escassas economias em empreendimentos que reafirmassem sua porção teuta, criando condições para que a vida no Brasil pudesse sempre permanecer paralelamente conectada à cultura alemã.

O difícil início da colonização e a relativa independência dos colonos em relação à pátria brasileira, nesse caso materializado no núcleo urbano de Presidente Venceslau, criou condições importantes para o fortalecimento da identidade germânica entre os imigrantes. A lacuna deixada pela companhia colonizadora e pelo poder público local e estadual foi suprida pelos próprios colonos, que trataram de criar espaços de sociabilidade e de vida associativa, todas ligadas à pátria de origem.

A gratidão ao Brasil em nenhum momento se sobrepõe à idéia de vínculo afetivo à Alemanha. A busca dessa identidade é afirmada a todo o momento, não só em relação à comunidade brasileira, mas até mesmo entre os colonos, como é o caso do problema relativo aos imigrantes bessarábios.

### **1.3 – A década de 1930 e as “grandes” transformações**

O início da colonização, como se viu, foi repleto de privações e dificuldades. Apesar de a colônia Aymoré localizar-se relativamente próxima ao núcleo urbano de Presidente Venceslau, o espaço de 7 km deve ser analisado como um obstáculo à integração e ao contato dos colonos com a população local. Naquele período, poucos imigrantes teriam condições de adquirir algum tipo de veículo ou mesmo animais de tração.

Os recém-imigrados depararam com inúmeros problemas, sem nenhuma estrutura que pudessem utilizar para facilitar sua nova empreitada. A derrubada e a queimada das árvores e o início do cultivo do solo foram totalmente feitos por eles. As dificuldades climáticas, a carestia, as doenças, a alimentação diferenciada do lugar de origem, tudo é retratado como uma provação para esses colonos, dando-lhes um colorido muitas vezes heróico:

Onde há muitos anos atrás a mata virgem impenetrável ainda cobria montanhas e vales, e os animais selvagens levavam sua tranqüila existência, há agora extensas colônias humanas. Um sem número de caminhos e ruas mais ou menos transitáveis perpassam as antigas selvas e cada vez mais colonos aparecem na região, para fundar, com machado e enxada, uma nova pátria para si. Entre os muitos colonos encontramos também o elemento alemão numerosamente representado. Isso não é realmente de se admirar. Se houver em qualquer lugar do espaço terrestre um lugarzinho onde se possa

fundar uma nova existência com luta e trabalho duro, coloca-se lá certamente o errante germânico.<sup>46</sup>

Os relatos sobre a chegada dos imigrantes a Venceslau foram pintados com cores trágicas e ao mesmo tempo heróicas, com ênfase num quadro de privações e percalços, os que apenas a tenacidade alemã pôde suportar e modificar. Os colonos, desde o início, sentiram-se abandonados pela pátria de origem e também pelo Brasil, o que os levou a unir-se em torno de um projeto comum. Veja-se a descrição:

Com machado e fogo, com sangue e torrentes de suor, cada metro de solo natural teve de ser arrancado, e perpetuamente defendido de uma multidão de forças hostis. (...) A batalha do camponês, uma dura e incessante batalha. Ser colono significa ser um combatente, na frente da linha de fogo da cultura humana contra as poderosas forças naturais (...).<sup>47</sup>

Há inúmeras considerações sobre as dificuldades de adaptação desses imigrantes no início da colonização devido à falta de referenciais com a pátria de origem, o que justificaria também a eterna busca e organização para lançar raízes que criariam condições para uma básica vida associativa e cultural nos moldes alemães.

Escolas havia desde o início da colonização. (...) Fora das organizações das crianças há tais para os adolescentes e adultos. São a ginástica e o canto que se cultivam. Duas coisas estas que fazem, necessariamente, parte da vida dos alemães. E quando são dispersos, longe dos centros de civilização, são-lhes estes círculos mais caros ainda, sem os quais não desejam viver. Sem uma vida cultural e social raras vezes fica em uma colônia.<sup>48</sup>

Percebe-se que a criação de espaços de sociabilidade e de recreação sempre foram importantes para os colonos. Depois de alocados no lugar e da criação de condições mínimas de subsistência, os imigrantes teutos trataram de elaborar estratégias para manter o espírito alemão vivo e mostrarem-se fiéis à pátria que tiveram que abandonar. É importante lembrar também que a disseminação do germanismo entre os colonos foi potencializada graças às disputas internas entre grupos que se arvoravam nos verdadeiros herdeiros da cultura alemã.

Na já citada visita do cônsul-geral alemão, Dr. Speiser, a questão cultural foi abordada pelo imigrante conhecido como Trautmann, membro do Partido Nazista de Presidente Venceslau, que menciona as privações econômicas e culturais sofridas no início da colonização e superadas posteriormente. Segundo o professor Keller:

<sup>46</sup> Relatório do professor Johannes Keller sobre a ocupação alemã na região sorocabana, que engloba a cidade de Presidente Venceslau.

<sup>47</sup> *Jornal A Tribuna – Órgão Independente*, de 8 de julho de 1933

<sup>48</sup> *A colônia “Aymoré” no município de Presidente Venceslau – São Paulo, 24 de outubro de 1938.* – Documento escrito por Bernardo Buckholz.

O Sr. Trautmann cumprimentou os bem vindos convidados com afáveis palavras, e desenrolou um quadro da história da colônia. (...). De forma esplendida descreveu o orador as batalhas econômicas e culturais, que acompanharam a ascensão da colônia. Entre os colonos encontram-se hábeis forças e talentosas, as mesmas que se unem para o bem da coletividade.<sup>49</sup>

A busca de referenciais culturais e a organização da vida associativa não foi uma particularidade da colônia de Presidente Venceslau e muito menos da imigração alemã; antes esteve presente em inúmeros círculos de imigrantes, tanto na área rural como urbana. Entretanto a questão não deve passar despercebida, principalmente em se tratando da década anterior à ascensão do nazismo na Europa e sua posterior difusão entre as colônias brasileiras.

Na década de 1930, os colonos sentiram-se, novamente, acolhidos e perceberam a subida de Hitler ao poder como uma nova fase, tanto da Alemanha como dos imigrantes além-mar. Toda à privação inicial serviu como contraponto ao fim da década de 1920, pois, nesse momento, o Partido Nazista se preocupa com os alemães radicados em outros países, auxiliando-os material e financeiramente.

No jornal *A Tribuna*, de 8 de julho de 1933, exemplar relativo ao decênio da colônia Aymoré, salientava-se a coincidência entre a efeméride e o renascimento do povo alemão na Europa, fato esse que teve reflexos na comunidade teuta no Brasil e deu novos ânimos para os colonos:

O ano de 1933 é o ano de renascimento de nosso povo, de nossa terra natal, após longos anos de vergonha e ignomínia, de necessidade e de miséria. Seja para nós um bom augúrio, que o começo do 2º decênio da colônia coincida com esse fato, nós nos mostraremos aqui no oeste selvagem dignos de nossa origem, de nossa pátria. Que preservar nossa etnia alemã e transplantá-la a nossos filhos e netos seja nossa última e sagrada tarefa.<sup>50</sup>

O texto é sintomático para a compreensão da visão dos teutos imigrados para Presidente Venceslau e talvez possa ser considerado válido também para as demais colônias alemãs formadas no período entre - guerras no Brasil.

Os imigrantes colocavam-se como parte do corpo alemão que fora arrasado após a Primeira Guerra Mundial. Mesmo longe do país, teriam passado por privações, assim como os conterrâneos que estavam na Europa. Contudo, as colônias germânicas, no decorrer dos anos longe da pátria, conseguiram se manter fiéis ao espírito e à cultura

---

<sup>49</sup> *Com alemães no extremo oeste do Estado. Op. cit.*

<sup>50</sup> *Jornal A Tribuna – Órgão Independente, de 8 de julho de 1933*

alemã, o que as legitimariam para colher os dividendos conseguidos na nova fase da história da Alemanha.

A total ou parcial veracidade desses fatos não vem ao caso, uma vez que o importante é a criação de um imaginário construído pelos colonos, sempre reafirmando o discurso da superação e da união entre os colonos. A grande maioria das fontes analisadas datam do final da década de 1920 e início da de 1930, mais precisamente de 1933, ano muito importante para a colônia, uma vez que se comemoravam os dez anos de sua existência.

A formação da identidade alemã em Venceslau precisava desse arcabouço, pois os germânicos do extremo sudoeste paulista traçavam sua trajetória paralelamente aos passos da pátria alemã. Percebe-se, por meio das análises documentais, que mesmo longe da pátria de origem, os teutos sentiam que sua história estava intimamente ligada à nação alemã. Os períodos de dificuldades e carestia foram vividos mutuamente, assim como a “grande virada” no início da década de 1930.

Não é a toa que 1933 foi emblemático para a questão. Foi nesse ano que Adolf Hitler assumiu o poder da Alemanha como Chanceler e, com isso, intensificou a propaganda entre os alemães do exterior convencendo-os sobre as conquistas e os benefícios que o nacional-socialismo traria a todos os seus cidadãos. Não é demais ressaltar, que no de 1933, foi comemorado na colônia Aymoré 10 anos de sua existência e havia um forte discurso a propalar o fim das dificuldades iniciais e o advento de um novo momento para os colonos.

Nessa perspectiva, os imigrantes entendiam que sua saída da Alemanha, no início da década de 1920, não teria, necessariamente, trazido grandes melhorias às suas vidas. As dificuldades encontradas no Brasil eram tomadas como bem parecidas com as enfrentadas na Alemanha. Mas, todas as fontes consultadas, afirmam que 1933 foi um ano de profundas mudanças para a colônia que, com seus dez anos, alcançou resultados positivos.

Concomitante a esses fatos havia também o surgimento de uma nova Alemanha, iniciada pelo nacional-socialismo, que traria inúmeros benefícios aos alemães além-mar e que começaria a ser sentido pelos teutos de Presidente Venceslau com a construção do novo prédio escolar da colônia. Percebe-se o imediatismo em relação à aceitação do ideário nacional-socialista entre alguns colonos: a maioria das filiações ao Partido, em Presidente Venceslau, ocorreu já em 1934, levando-nos a

acreditar que a ascensão do nazismo na Alemanha não passou despercebido dos imigrantes do sudoeste paulista.

Entende-se que a análise do imaginário criado pelos imigrantes das privações e das dificuldades encontradas no decorrer da década de 1920 em Presidente Venceslau elucidará questões importantes no que concerne à aceitação do ideário germanista e, principalmente, nazista nos anos seguintes. O pensamento coincide com a visão do Partido Nazista alemão, que pretendia apropriar-se das instituições criadas pelos colonos nas décadas anteriores, pois, naquele momento o governo hitlerista tinha condições de colocar em ação mecanismos para propagar a cultura germânica, fato levado a cabo pelos próprios colonos em décadas anteriores.<sup>51</sup>

As discussões referentes à apropriação pelo nazismo das bases lançadas pelo germanismo, assim como a explanação pormenorizada de conceitos e o debate em relação à bibliografia sobre o tema serão objetos de estudo no capítulo 2 deste trabalho. No entanto, é importante frisar a busca desses imigrantes, radicados em Presidente Venceslau, na formação de uma identidade alemã com estreitos laços com pátria de origem, não esquecendo também de respeitar as leis brasileiras e de agradecer o modo hospitaleiro com que o país os acolheu

A todo o momento menciona-se o fortalecimento das raízes germânicas no início da colonização, apesar dos problemas materiais encontrados na chegada. Essa dupla questão: dificuldades e privações materiais, assim como espírito de perseverança na preservação da germanidade foram levantadas a todo o momento no discurso organizado pelos colonos. Entende-se que nem todos os fatos retratados nas fontes analisadas demonstram, claramente, os problemas iniciais da colonização e também do projeto criado pelos colonos na busca de referenciais à cultura germânica. Mas, acredita-se que os problemas enfrentados pelos imigrantes no início da década de 1920 e a “rememoração” deles em 1933, período de comemoração do decênio da colônia, se tornou um marco identitário e legitimador, pois atestava que o reerguimento dos alemães corria paralelamente ao da Alemanha.

Deve-se sublinhar que a recriação do imaginário do imigrante alemão de Presidente Venceslau fez parte de uma construção ideológica, que visava evidenciar a tenacidade alemã em terras brasileiras e que determinasse nos anos vindouros o crescimento material e cultural da colônia, amparada agora pelo apoio nazista. Isso num

---

<sup>51</sup> SANTANA, Nara M. C. de. *Associações Nazistas no Brasil (1938-1945)*. Dissertação de Mestrado: Niterói: Universidade Federal Fluminense, 1999.

contexto em que houve maior atenção da Alemanha às colônias brasileiras, como bem atesta a historiografia nacional. Esse fato foi consumado pelo envio de recursos para a construção do novo prédio escolar da colônia, fato marcante para os imigrantes, que se preocupavam com maneiras de estreitar laços com a pátria e percebiam a escola alemã como principal mecanismo para esse fim. Entretanto, após uma década de fixação em território brasileiro, seria normal uma diminuição dos problemas, pois as questões relativas ao clima, à comida, ao solo e às privações já não seriam novidade.

De fato, o período de consolidação das conquistas dos imigrantes e das festas do primeiro decênio da colônia coincidiu com o advento do III Reich. Além das realizações cotidianas da colônia comemorava-se também as transformações em sua pátria de origem, como foi ressaltado pelos propagandistas do nazismo.

O ano de 1933 não teria sido uma feliz coincidência, mas sim a reafirmação de que a trajetória dos colonos de Venceslau estava ligada à da Alemanha, mesmo que espacialmente distante. A idéia de pertencimento à nação germânica é sentida nos relatos e nos empreendimentos dos colonos, sempre mencionando o ideal pregado pelo germanismo, reafirmado posteriormente pela filosofia nacional-socialista, pois muitas das fontes que chegam a nossa pesquisa figuram da década de 1930.

A conjuntura autorizava articular o progresso dos colonos no início da década de 1930 com ascensão do regime nazista na Alemanha no mesmo período. A trajetória dos colonos muito se assemelhava à de sua pátria européia que, a partir de 1933, mudou sua política em relação aos alemães residentes fora da Europa. A efetiva atuação dos ideólogos do nacional-socialismo no Brasil que, com um projeto de reerguimento da pátria e do povo alemão, que incluía os cidadãos germânicos do outro lado do Atlântico, gerou uma forte simpatia em relação ao projeto nazista, caso que será estudado nos capítulos seguintes.

## Capítulo 2 – Identidade e Germanidade no processo de construção do imigrante alemão radicado no Brasil.

*Assim cumprimos, no futuro, nosso dever com melhor sabedoria e consciência, nos reuniremos em volta da bandeira com a suástica, pois ela é a nova do 3º Reich, e seremos leais ao Führer e a nossa bandeira.*

*Relatório sobre a construção do novo prédio escolar da colônia alemã de Presidente Venceslau-1934.*<sup>52</sup>

O estudo referente à imigração alemã para o Brasil deve, necessariamente, obedecer a critérios essenciais para uma análise pormenorizada e não anacrônica. Por iniciar-se na primeira metade do século XIX e estender-se por mais de um século, ganhando corpo no período entre guerras, o fluxo migratório germânico para o Brasil mantém peculiaridades, principalmente pelas transformações político-sociais conhecidas por essa parte da Europa no decorrer do tempo.<sup>53</sup>

A espacialidade e a temporalidade são requisitos essenciais no trabalho do historiador, pois sua análise dialoga com essas questões e ganha contornos a partir dos objetos estudados. Em linhas gerais, houve duas correntes migratórias alemãs para o Brasil. Uma, da primeira metade do século XIX até o início da Primeira Guerra Mundial em 1914, e outra, característica do período entre guerras, ou seja, entre a década de 1920 e o início do decênio seguinte. Mesmo com suas especificidades, no que tange ao tipo de imigrante e ao contexto alemão e brasileiro, os colonos sempre tiveram a preocupação em manter vivas as instituições e os costumes do lugar de origem, principalmente no que se refere a língua alemã.

De qualquer maneira, foi característico da imigração alemã o associativismo, essencial para delimitar a identidade do imigrante no país receptor. Giralda Seyferth aponta essa questão como primordial para o entendimento do colono germânico, pois a luta para manter a comunidade unida em torno do projeto identitário constituiu-se numa característica compartilhada por todas as levas migratórias, rurais ou urbanas:

A concentração em áreas restritas, relativamente isoladas da sociedade brasileira, apesar da posterior introdução de outros imigrantes, facilitou a manutenção dos costumes e o uso cotidiano da língua alemã. A carência de serviços públicos e a instabilidade dos assentamentos, por sua vez, ensejaram a constituição de uma organização assistencial comunitária e a criação de uma rede escolar particular.<sup>54</sup>

<sup>52</sup> Documento sob a guarda do Instituto Martius-Staden.

<sup>53</sup> Antes de 1870 não havia o Estado alemão unificado. Dessa maneira a imigração germânica mantém contornos diferenciados na questão de identidade após essa data.

<sup>54</sup> SEYFERTH, G. *Op. cit.*, p. 291.

Os pilares principais desse associativismo germânico materializaram-se no binômio escola-igreja, vistos como essenciais para a formação do caráter e da identidade do imigrante alemão. Desde o início da colonização, tão logo os primeiros problemas de fixação na nova terra eram parcialmente resolvidos, a busca por referenciais culturais do espaço de origem eram colocadas em pauta e a construção da escola e da igreja tornavam-se o centro das discussões. Na maioria das vezes, devido a problemas financeiros e organizacionais, escola e igreja eram empreendimentos conjuntos, pois o mesmo espaço era utilizado pelas duas atividades e não raro o pastor ou o padre fazia o papel de professor ou vice e versa.

Segundo Neli Schäfer da Silva, que estudou a influência da evangelização católica nas comunidades germânicas do Rio Grande do Sul, a atuação conjunta dessas instituições foi fundamental para o estreitamento das relações comunitárias, assim como uma forma de os jesuítas aproximarem os fiéis e também arrebanhar novos devotos. Na sua avaliação,

Lar, escola e igreja paroquial deveriam passar a formar um conjunto indissociável. Várias práticas atestam estas estratégias, pois desde os primeiros anos de trabalho os jesuítas instituíram que as crianças só seriam admitidas à solene primeira comunhão após terem frequentado de 3 a 4 anos as escolas católicas.<sup>55</sup>

A busca da criação de espaços de sociabilidade e associativismo entre os imigrantes germânicos visava criar instituições que facilitassem a vida no novo país, preenchendo lacunas deixadas pelo Estado brasileiro, com destaque para a escola. Nessa busca, elaboravam-se estratégias que acabavam por reafirmar a identidade teuta no além-mar e manter acesa a chama do espírito alemão, com todas as implicações daí advindas. Como argumentou Seyferth:

O uso cotidiano da língua alemã, a intensidade da vida associativa, a rede escolar particular, a imprensa e outras publicações periódicas, inclusive a produção literária, pelas apregoadas vinculações com ideais de germanidade, ajudaram a construir uma etnicidade teuto-brasileira e serviam como limites inclusivos do grupo étnico.<sup>56</sup>

A criação desses espaços, bem como a utilização diária da língua alemã, foi essencial na construção da identidade dos imigrantes radicados no Brasil. O estreito relacionamento com a herança cultural mantinha-os próximos, mesmo que

---

<sup>55</sup> SILVA, Neli Schäfer Tesch da. *A compreensão jesuítica da Identidade (étnica) teuto-brasileira católica rural no Rio Grande do Sul: Instrumento(de poder) do projeto de restauração católica regional (1871 – 1961 – Rio Grande do Sul)*. São Leopoldo: Doutorado em História, Unisinos, 2003. p. 189.

<sup>56</sup> SEYFERTH, G. *Op. cit.*, p. 295.

simbolicamente, do lugar de origem, seus valores e tradições. Esse fato não pode ser relegado quando, na década de 1930, o nazismo, utilizando do nacionalismo arraigado pelo germanismo décadas antes, arrebatou simpatizantes, o que não implica, entretanto, que os colonos tivessem abraçado os ideais defendidos por Hitler.

## 2.1 – O *Deutschtum* e a construção do imigrante teuto

Para entender a penetração da ideologia nazista na comunidade teuta do Brasil deve-se ter presente que já havia sido criado, desde o final do século XIX, mecanismos para a assimilação de um discurso nacionalista e de exaltação do espírito alemão. Esse pensamento foi construído desde a chegada dos primeiros imigrantes e exacerbou-se com a criação de um projeto desenvolvido pelo próprio governo alemão, por meio de redes de sociabilidade e de instituições criadas pelos imigrantes radicados no país.

O período áureo do associativismo teuto concentra-se entre os anos de 1850 e 1942. (...) Os novos contingentes de imigrados influenciados pelo ideário nacionalista foram importantes para a criação de instituições voltadas ao grupo étnico específico. (...) A vida associativa teuta, guardiã do “espírito” alemão (*Volksgeist*) e da cultura ancestral, sofreu desde as primeiras manifestações do nacionalismo brasileiro, desde as primeiras medidas da Campanha de Nacionalização, reveses que transformariam definitivamente seu sentido.<sup>57</sup>

É comum na historiografia sobre a imigração alemã considerações em relação à dificuldade de inserção da comunidade germânica na sociedade receptora, o que se explica por um complexo conjunto de fatores, que inclui as condições adversas aqui enfrentadas, o isolamento, a falta de uma política governamental e mesmo abandono dos colonos que, não raro, só podiam contar com seus próprios esforços, o que acabou por reforçar os laços culturais e a identificação com a região de origem.<sup>58</sup>

Se, desde o início do processo imigratório, as relações com a sociedade brasileira não foram fáceis – vale lembrar as dificuldades com o idioma e as diferenças culturais –, de outra parte também se observa a pouca preocupação por parte do governo

<sup>57</sup> SILVA, Haike Roselane Kleber da. *A trajetória de uma liderança étnica. J. Aloys Freiderichs (1868 – 1950)*. Porto Alegre: Doutorado em História, UFRGS, 2005. p. 132.

<sup>58</sup> Sobre a questão ver: HAAC, L.T.K. “*Com Deus início meu trabalho*”. (*Mitt Gott Fang Ich Die Arbeit An*). Imigrantes de origem cultural germânica e seus descendentes. Rio Claro, SP. Araraquara: Mestrado em Sociologia, 1998; MAGALHÃES. Marionilde Brepohl de. *Pangermanismo e Nazismo: A trajetória alemã rumo ao Brasil*. Campinas: Editora da Unicamp/FAPESP, 1998; SEYFERTH, G. A colonização alemã no Brasil. Etnicidade e Conflito. In: FAUSTO, B. (org.) *Fazer a América. A imigração em massa para a América Latina*. 2ª ed.. São Paulo: Edusp, 2000; GERTZ, R. *O perigo alemão*. 2ª Ed. Porto Alegre: Editora UFRGS, 1992.

brasileiro de promover ou facilitar a integração desse imigrante no seio da comunidade nacional. Nesse contexto, pode-se argumentar que havia uma espécie de lacuna simbólica e institucional, que coube aos próprios imigrantes preencherem:

A localização de algumas colônias em áreas próximas às capitais provinciais não resultou numa aproximação com a sociedade brasileira. De fato, o isolamento é uma primeira característica observável na fase de implantação de colônias (que podia durar décadas) e estava longe de ser apenas geográfico. Apesar da preocupação dos setores imigrantistas com a assimilação, e do discurso republicano que condenava a homogeneidade étnica durante o Império, a participação de brasileiros foi diminuta e até cerceada.<sup>59</sup>

Ainda, segundo Giralda Seyferth, desde o princípio da colonização germânica, ainda no século XIX, as colônias alemãs do sul do país, tanto rurais como urbanas, criaram uma rede de associações beneficentes e assistencialistas para atendimento médico-hospitalar, socorro médico, orientação técnica, além de associações culturais e esportivas, como teatro, canto, ginástica, clube de tiro etc., voltadas para o grupo étnico e que auxiliavam nas dificuldades provenientes do processo imigratório e que mantinham fortes os laços dentro da comunidade. Essa idéia de pertencimento à cultura germânica, portanto ligada a um grupo étnico específico, por meio da língua alemã, denomina-se de *Deutschtum*.

O sentimento de *Deutschtum* caracteriza-se pela seleção, por parte do grupo teuto-brasileiro, de uma série de traços culturais que identificavam os membros que o integravam. Esse pensamento, surgido em meados do século XIX no curso do próprio nacionalismo alemão, tem suas origens na idéia de unidade cultural germânica e integra um conjunto de fatores que formariam a identidade do alemão: língua, cultura, instituições típicas, *Geist* (espírito) alemão, lealdade à pátria, enfim, tudo o que estivesse relacionado à Alemanha como nação e que materializasse uma crença de origem e passado comum.<sup>60</sup>

Esse movimento intelectual ganhou contornos mais incisivos nos estados que iriam compor a Alemanha unificada e esteve presente nas colônias alemãs do Brasil no século XIX, como também as surgidas nas primeiras décadas do século XX.

As idéias que compõem o germanismo advém de um modo geral, do romantismo alemão, que serviu de alicerce para a formação de um sentimento nacional, um desejo de unidade como nação, a base do nacionalismo alemão

<sup>59</sup> SEYFERTH, G. *Op. Cit.* p. 287.

<sup>60</sup> Segundo Haike Silva, a idéia de nação alemã nada dependia da formação do Estado alemão, uma vez que ambos eram identidades distintas nesta tradição. Para a autora, a nação deveria estar circunscrita a todos os povos de língua alemã, permanecendo, dessa forma, um critério lingüístico como princípio de nacionalidade. SILVA, Haike Roselane Kleber da. *Op. cit.*, p. 236.

do século XIX. Os românticos buscaram na língua o elo de ligação do povo germânico, traço comum aos indivíduos da nação alemã, uma idéia de nação cultural que não previa unificação política.<sup>61</sup>

Como o próprio nome revela, o germanismo e a valorização do *Deutschtum* não se relacionava apenas a nuances de um caráter, identidade ou movimento de “ser alemão”, mas parte da concepção de uma unidade cultural germânica própria do nacionalismo do século XIX, anterior a unificação de 1870.

O *Deutschtum* privilegia fatores ou traços culturais comuns a comunidade germânica devendo atuar como elementos de distinção e demarcação do grupo étnico. Esses fatores de diferenciação, presentes no imaginário de uma elite letrada e burguesa no início do século XIX, que buscavam falar o mesmo idioma e construir uma língua nacional, ganharam ingredientes adicionais no fim do século, com o surgimento de teorias evolucionistas e raciais que pregavam uma suposta superioridade ariana.

No momento em que se concretiza o Estado Nacional alemão, surge também uma política institucionalizada que entendia o grupo étnico germânico portador de características próprias e especiais, e que as mesmas deveriam ser vivenciadas no cotidiano de seus cidadãos, mesmo os que não estavam na Alemanha. Haike Silva salienta: “É, portanto, no fim do século XIX que, entre os alemães de ‘além-mar’, um conjunto de fatores fazem brotar a reflexão sobre a preservação consciente da germanidade”.<sup>62</sup>

Nesse contexto, criou-se a Liga Pangermânica (*Alldeutschen Verband*),<sup>63</sup> que atuou sobretudo de 1890 a 1918 e foi a principal propagadora do *Deutschtum* no começo do século XX. Seus ideólogos defendiam a possibilidade de construir um *Heimat* (lar) para o povo alemão mesmo no estrangeiro.<sup>64</sup> Essa ideologia supunha que a nacionalidade alemã era herdada por meio do sangue (*Jus sanguinis*) e perpetuada pela cultura, língua, costumes e espírito próprios do povo alemão.<sup>65</sup> Segundo René Gertz, a difusão consciente da idéia de *Deutschtum* esteve presente em todas as regiões de colonização alemã no sul do País, desde jornais, escolas, associações culturais e

---

<sup>61</sup> Idem, *Ibidem*.

<sup>62</sup> Idem. p. 237

<sup>63</sup> PERAZZO, P.F. *Op. cit.*, p.57.

<sup>64</sup> A idéia de germanidade (ou *Deutschtum*) foi divulgada em todas as colônias alemãs do Brasil, num primeiro momento pela Aldeutsche Verband (Liga Pangermânica), criada em 1891 na Alemanha. A Liga defendia a união de todos os alemães espalhados pelo mundo em nome de uma vinculação racial e nacional. BOMENY, H.M.B. Três decretos e um ministério: o propósito da educação no Estado Novo. In: PANDOLFI, D. (org). *Repensando o Estado Novo*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1999, p. 137-166.

<sup>65</sup> SEIFERTH, G. *Op. cit.*, p.301.

esportivas e até igrejas.<sup>66</sup> Embora os imigrantes não tivessem no seu horizonte o retorno à Europa, isso não significava que não se apegassem, até com grande fervor, às recordações do lugar de nascimento, como se apenas fossem viajantes em terra estranha.

Entre as estratégias dos pangermanistas estava a promoção de palestras nos países nos quais havia imigrantes ou descendentes de alemães, visando, com isso, divulgar o ideário de superioridade racial ariana, conquistar a adesão de todos os de ascendência germânica para fortalecer o Estado alemão, enfim, proteger os interesses nacionais.<sup>67</sup>

Os ideólogos do germanismo referiam-se à categoria *Deutschbrasilianer* (teuto-brasileiro), que integrava o pertencimento étnico alemão à cidadania brasileira, ou seja, o teuto-brasileiro ou brasileiro-alemão. Acreditavam, portanto, na possibilidade de se construir uma identidade na qual se mesclavam elementos brasileiros e alemães.<sup>68</sup> Noutros termos, o colono afirmaria a porção de sua identidade étnica alemã por meio da lealdade à língua, às instituições, aos costumes e ao modo de ser alemão, enquanto a porção brasileira, por sua vez, se expressaria na lealdade política e no cumprimento de todas as obrigações para com o Estado e as leis do país. Assim, a categoria teuto-brasileira, formulada pelo pensamento germanista, pregava que o indivíduo poderia conservar a nacionalidade alemã, assumida por intermédio de sua condição étnica, herdada pelo sangue e, ao mesmo tempo, adquirir a cidadania brasileira, entendida no seu significado jurídico:

A luta pela germanidade constituía-se, isso é visível, numa resistência à assimilação, critério básico para a integração à nação brasileira. Neste propósito, propunham a construção de uma identidade teuto-brasileira em que os elementos de uma e de outra estariam bem definidos.<sup>69</sup>

A língua alemã constituía-se num fator determinante do *Deustchtum* e da construção simbólica da relação com a germanidade, a principal mantenedora dos vínculos de pertencimento, daí a importância de mantê-la no âmbito particular, nas escolas, cultos, associações, festas, hinos e na produção cultural vinculada à comunidade residente no país. A solução aplicava-se inclusive para indivíduos nascidos no Brasil, que poderiam manter a nacionalidade germânica e um sentimento de pertencimento à grande nação alemã, cuja lealdade se manifestava diariamente por meio

<sup>66</sup> GERTZ, R. *O fascismo no Sul do Brasil*. Porto Alegre. Mercado Aberto, 1987.

<sup>67</sup> SILVA, H. R. K. da. *A trajetória de uma liderança étnica. J. Aloys Freiderichs (1868-1950)*. Porto Alegre: Tese de Doutorado – UFRGS, 2005. p. 182

<sup>68</sup> Idem. p.239.

<sup>69</sup> Idem, ibidem.

da manutenção da língua, costumes e *Geist* alemão.<sup>70</sup> Como prova de que o governo alemão preocupava-se com seus cidadãos que viviam no exterior, foi promulgada na Alemanha em 22 de julho de 1913, uma lei reconhecida como *Reich UndStaatsangeharigkeitsgesetz*, que garantia aos naturalizados a manutenção da nacionalidade alemã.

Contudo, como ressaltou Haike Rosilane Kleber da Silva,<sup>71</sup> deve-se diferenciar a imagem do teuto-brasileiro idealizada pelos germanistas do imigrante real, que enfrentava os problemas da colonização, os dilemas identitários e tinha que se relacionar cotidianamente com a sociedade brasileira:

O germanismo surge, no Brasil, em meio a uma sociedade multi-étnica (...). Disso originou-se o “teuto-brasileiro” ou o “brasileiro-alemão”. Este, porém, não é o “teuto-brasileiro” dos germanistas. Para estes, o que ocorria nas “colônias alemãs” do sul do Brasil – de forma inconsciente, desordenada e desorientada – era a perda da matriz essencial da identidade, o abandono dos elementos fundadores da cultura ancestral (...). Sendo assim, o germanismo tinha por objetivos reverter esse processo, restaurar a “autêntica” germanidade entre os emigrados e seus descendentes, fossem eles alemães naturalizados ou cidadãos nascidos em território brasileiro.<sup>72</sup>

A dupla identidade forjada pelo imigrante teuto não foi construída como os ideólogos germanistas imaginaram. O contato com a sociedade nacional, as obrigações sociais, políticas, econômicas e culturais dos imigrantes minaram o projeto inicial de não assimilação. Criou-se um imigrante que, se não atendia prontamente todas as prerrogativas defendidas pelos germanistas, mantinha acesa a idéia de identidade germânica relacionada aos aspectos simbólicos do lugar de origem. De outra parte, o “teuto-brasileiro” tinha que respeitar as obrigações frente ao Estado brasileiro, obedecer às leis e manter contato com os naturais do país.

A idéia do *Deutschtum* não se propagou apenas entre os imigrantes do século XIX, que majoritariamente se dirigiam à região Sul do país. No decorrer do século XX, a identidade teuta, defendida pelos germanistas, manteve sólidas bases nas colônias já assentadas, como também difundiu-se entre as novas levas imigratórias, que tinham como destino a região Sudeste do Brasil, principalmente o Estado de São Paulo.

(...) ao ideário germanistas, que defende que os imigrantes e seus descendentes possuem uma essência compartilhada com o povo alemão, a mesma identidade étnica e nacional daqueles que habitam o território da Alemanha. Embora essa identidade seja herdada, imutável – um dado

<sup>70</sup> “A ação doutrinária dos ativistas da Alldeutsche Verband com sua retórica racista e expansionista e a própria etnicidade teuto-brasileira, minaram as relações ainda precárias com os brasileiros nos anos que antecederam a Primeira Guerra Mundial” SEYFERTH, G. *Op. cit.*, p.303.

<sup>71</sup> SILVA, H.R.K. *Op.cit.*, P.35.

<sup>72</sup> Idem. p. 238.

inexorável do destino – e mantinha-se nas gerações nascidas noutra continente – o que aparece claramente também nos discursos de 1923 – 1927 – necessita ser cuidadosamente preservada e constantemente cultivada, de modo que não seja perdida.<sup>73</sup>

A derrota alemã na Primeira Guerra Mundial não fez esmaecer o sentimento nacionalista e a preocupação em manter vivo o espírito germânico no decorrer da década de 1920, quando os teutos dirigiram-se para Presidente Venceslau. Nesse momento, a questão da humilhação da Alemanha, tema candente no país, não deixou de afetar as colônias:

Em relação à Alemanha, os discursos deste período – 1921 a 1924 – carregam, de forma subentendida ou mais explícita, o sentimento de humilhação pela derrota na guerra e pela dominação francesa nas terras banhadas pelo Reno. Isso mostra que, nem sempre a identidade cultural e étnica com o povo alemão pretendida pelo discurso dos germanistas – sem implicações de ordem política – mantinha-se alheia aos acontecimentos no âmbito do Estado.<sup>74</sup>

A ascensão do nazismo na Alemanha foi observada de forma singular pelos imigrantes alemães que deixaram o país no período, quando predominava um sentimento de humilhação e de dor decorrentes da derrota, que também afetou os que, imigrados antes, cultuavam o *Deutschtum*.

Na historiografia brasileira, a análise e a compreensão do *Deutschtum* diz respeito sobretudo às colônias germânicas do Sul do país, que remontam ao século XIX. Giralda Seyferth e René Gertz escreveram obras essenciais sobre a questão e elucidaram a intricada negociação que se estabeleceu entre os colonos e a sociedade brasileira.

Após a abertura dos arquivos do Departamento de Ordem Política e Social (Dops), órgão repressor que atuou durante o Governo Vargas e manteve vigilância constante em relação às colônias alemãs no país, a questão referente ao germanismo e ao nacionalismo alemão contou, especificamente para as décadas de 1930 e 1940 com novos dados.<sup>75</sup>

Em relação à estrutura do Partido Nazista no Brasil, há indícios de sua complexidade e capacidade de arrebatar alguns milhares de filiados, principalmente no

<sup>73</sup> Idem. p. 247.

<sup>74</sup> Idem. p. 249-250.

<sup>75</sup> Sobre a questão ver: CARNEIRO, M.L.T. (org.) *Inventário Deops- Alemanha*. São Paulo: Arquivo do Estado, Imprensa oficial do Estado, 1997; DIETRICH, A. M. *A Caça às Suásticas. O Partido Nazista em São Paulo sob a mira da Polícia Política*. São Paulo: Mestrado em história. F.F.L.CH. USP, 2001; MORAES, E. de S. *EIN VOLK, EIN REICH, EIN FÜHER. A seção brasileira do Partido Nazista e a questão nacional*. Mestrado em História. Rio de Janeiro: Museu Nacional da UFRJ, 1996; PERAZZO, P. F. *O Perigo Alemão e a repressão policial no Estado Novo*. São Paulo: Arquivo do Estado, Imprensa oficial do Estado, 1999.

Estado de São Paulo, que mantinha colonização mais recente, datada do período entre guerras. Na opinião de Dietrich,

O maior contingente de alemães que aderiram ao nazismo no Brasil localizou-se no Estado de São Paulo, contrariando as correntes historiográficas que afirmam que o movimento foi mais expressivo nos estados do Sul. Isto se deu, principalmente, devido a imigração mais recente para este estado, mão-de-obra que foi atraída pelo crescimento econômico e industrial local, já crescente no início do século XX (...). O grande sucesso do nazismo em São Paulo, porém, também se deveu à atuação do chefe – primeiramente regional e depois nacional – Hans Henning von Cossel.<sup>76</sup>

Pode-se supor que a propagação do nazismo entre as instituições associativas elaboradas pelos imigrantes teutos pode ter desempenhado um papel relevante no fortalecimento da identidade e do nacionalismo entre os colonos. Entretanto, deve-se distinguir entre o imigrante fixado há gerações no sul do país, e os que aqui chegaram após o conflito de 1914.

Fixados no Brasil desde o final do século XIX, com gerações de teutos já nascidos em terras brasileiras, contando com relações comerciais e sociais mais sólidas, melhor infra-estrutura nas colônias e instituições já consolidadas, pode-se supor que os chamados da pátria tiveram menor efeito entre os colonos que chegaram anterior a 1914. Os recém-imigrados, testemunhas da derrota, que lhes trouxe sérias dificuldades a ponto de levá-los a partir, podem ter percebido a década de 1930 como um momento de reviravolta positiva na situação da Alemanha.

Tendo em vista as diferentes temporalidades e a especificidade própria de cada leva imigratória, não se deve tomar o discurso germanista como homogêneo, tanto em seus preceitos quanto na recepção dos colonos. Para a imigração sulista do século XIX, o *Deutschtum* tem um sentido identitário e cultural. Tratava-se então, da criação do país, defender suas fronteiras e dar sentido a tradições que tinham que ser inventadas, no sentido atribuído por Habsbawm e Ranger.<sup>77</sup>

Entretanto, o “ser alemão” não é algo imutável, tanto no discurso germanista alemão como no brasileiro. Por isso, deve-se ter maior atenção quanto à nova leva de imigrantes alemães que desembarcou no Brasil após 1918, expressão de uma nova realidade, um novo sentimento e uma nova identidade. Como discutiu Haike Silva, houve preocupação em manter o espírito alemão na década de 1920 e os ideólogos

<sup>76</sup> DIETRICH, Ana Maria. Nazismo Tropical? O Partido Nazista no Brasil. São Paulo: Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, 2007. p. 166.

<sup>77</sup> HOBBSAWN, Eric J.; RANGER, Terence. A invenção das tradições. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

germanistas não se furtaram a enfrentar a questão. A maneira de interpretar esse espírito alemão, que deveria ser “recriado” em terras brasileiras, ganhou contornos simbólicos diferenciados para quem viveu a humilhação da Primeira Guerra e do Tratado de Versalhes.

Longe de defender generalizações, a análise sobre a adesão ao Partido Nazista no Brasil pode elucidar algumas questões sobre o sentimento que esse colono mantinha em relação à Alemanha. Ostentar seus símbolos, cantar seus hinos, reverenciar seus heróis não deve ser entendido pura e simplesmente como um continuísmo de práticas já elaboradas em seu país de origem e trazidas em sua bagagem cultural. Manter os referenciais da cultura de origem sempre foi importante aos colonos imigrados, isso em todas as épocas. É nesse contexto que se deve compreender o projeto da escola alemã, ponte de sustentação e difusão do *Deutschtum* e, em certas circunstâncias específicas, do nacional-socialismo.

## **2.2 – A Escola Alemã: mecanismo fundamental para propagação do *Deutschtum***

A criação de instituições e de lugares privilegiados para a manutenção e reconstrução da germanidade por parte dos colonos alemães foi uma constante em todos os núcleos coloniais criados no Brasil, tanto no âmbito rural como no urbano. Dentre as inúmeras associações levadas a cabo pelo projeto germanista para a concretização desse fim, nenhuma logrou tamanho êxito como a *Deustch Schule* (Escola alemã).

Apesar de a Constituição outorgada de 1824 já garantir a instrução primária gratuita para todos os cidadãos do país, a disposição foi letra morta por décadas.<sup>78</sup> Além da precariedade do sistema educacional brasileiro, é importante salientar que a construção da escola alemã relacionava-se, principalmente, com a manutenção da cultura étnica germânica, via ensino, principalmente nas conhecidas como *Volkschulen* (escolas primárias), prioritariamente voltadas para a construção da germanidade. Assim,

A instituição escolar alimentava um conjunto de representações voltadas para a cultura alemã. Com aulas de música, de canto, de poesias, ensino de religião e manutenção da língua, a criança aprendia valores étnicos e morais específicos da cultura germânica. Dessa forma, a escola teuto-brasileira

---

<sup>78</sup> Artigo 179, n.º. XXXII.

constituiu-se reproduzindo representações que norteavam as relações do grupo e limitavam suas fronteiras.<sup>79</sup>

A importância da escola e da igreja para os colonos alemães é indiscutível, até mesmo os núcleos mais pobres e distantes preocupavam-se com o tema, a exemplo do que constatou Sonia Aparecida dos Santos Nobre, que informa haver, em 1930, 1260 escolas, com o significativo montante de 826.000 alunos teuto-brasileiros e 50.125 de outras nacionalidades.<sup>80</sup>

A escola, ao lado da igreja, lutava para manter viva a tradição alemã. Para isso, foram criados meios de comunicação como jornais, revistas, calendários, etc, que circulavam diariamente não apenas no ambiente escolar, mas também em toda a comunidade. Todo esse material de leitura tinha a intenção de informar e, principalmente, de formar o espírito alemão.<sup>81</sup>



Figura 1: Localização das escolas teutas no Estado de São Paulo - 1931<sup>82</sup>

Segundo a pesquisadora, as escolas teutas eram mistas e abertas a alunos de todas as crenças, sendo que nas escolas coloniais era oferecido normalmente o ensino de quatro anos. Caso o aluno se interessasse em dar continuidade aos estudos, teria que se deslocar para escolas maiores na capital ou em cidades como Campinas e Rio Claro. A

<sup>79</sup> NOBRE, Sonia Ap. dos S. *Associação dos Professores teuto-brasileiros do Estado de São Paulo: Uma reconstrução histórica da trajetória de um órgão associativo voltado à educação étnica no período de 1916 a 1938*. Universidade Estadual de Campinas: Mestrado em História, 2004 p. 69

<sup>80</sup> Idem. p. 55.

<sup>81</sup> Idem. p. 68.

<sup>82</sup> *Jahresbericht: Deutsche Schule (Olindaschule), 1931* – Instituto Martius-Staden.

autora explica as prioridades defendidas pelas escolas germânicas paulistas no início do século XX:

Ao definir as tarefas da escola, o presidente da *Lehrerverein* (associação de professores) revela a visão de educação dessa instituição. Embora se reconheça que a educação naquele tempo não tinha o amplo sentido da época atual, fazem-se necessárias algumas observações. Segundo registros do livro-ata, a educação tinha como função “desenvolver no aluno a responsabilidade para os deveres e a submissão frente ao belo”. (...) A verdade é que a escola tinha função importante dentro dos núcleos alemães. Era no espaço escolar que as crianças recebiam formação, fosse ela repressora ou libertadora, era nesse espaço que os imigrantes se reuniam, organizavam festas e compartilhavam os sabores e dissabores de ser imigrantes.<sup>83</sup>

Um fato que demonstra o grau de comprometimento dos imigrantes com a manutenção da cultura germânica e a importância atribuída à *Deutsche Schule* estava na possibilidade de todo colono tornar-se sócio da escola, mesmo que não tivesse filhos nela matriculados. Sonia Nobre constatou que, em algumas instituições, o número de membros-sócios era superior ao de alunos que freqüentavam a escola, o que demonstra a relevância da manutenção do estabelecimento:

A vida comunitária nas colônias era bastante intensa sendo à escola o local de socialização, espaço cultural e de desenvolvimento de várias atividades. Era, normalmente, no prédio escolar que aconteciam as festas comemorativas de integração entre os colonos. O prédio escolar era usado nos fins de semana pelos imigrantes como uma espécie de clube. Lá eram realizados bailes e outras atividades de lazer.<sup>84</sup>

Esse comprometimento com a manutenção do *Deutschtum* e a relevância da *Deutsche Schule* na vida associativa dos imigrantes alemães também foram observadas na colônia alemã de Presidente Venceslau. Segundo dados referentes ao ano de 1935, havia 32 alunos matriculados na escola da colônia Aymoré, sendo que os membros da Associação escolar, que participavam ativamente da vida da entidade e, dentro do possível, colaboravam com fundos para sua manutenção, era de 80 pessoas, portanto, mais que o dobro de alunos.<sup>85</sup> A manutenção da escola, propagadora da germanidade e a qual a comunidade atribuía grande significado, por se constituir num espaço privilegiado de sociabilidade, estava entre os objetivos dos habitantes da colônia Aymoré.

<sup>83</sup> NOBRE, Sonia Ap. dos S. *Op. cit.*, p. 44 – 45.

<sup>84</sup> *Idem.* p. 74

<sup>85</sup> *Jahresbericht: Deutsche Schule (Olindaschule)*, 1935. Apud: NOBRE, S. A. dos S. *Op. cit.*, p.70.

Preocupada com a educação transmitida nas escolas alemãs, a Associação dos Professores Teuto-Brasileiros do Estado de São Paulo (*Lehrerverein*),<sup>86</sup> em 1926, elaborou um plano objetivo para padronizar o ensino no Estado e propôs levar a cabo a integração curricular entre as escolas germânicas de São Paulo. A proposta foi feita por Johannes Keller, professor de origem suíça que emigrou para o Brasil em 1897 e se tornou grande defensor e propagador do *Deutschtum* em São Paulo. Em 1916, desempenhou papel de destaque na fundação da Associação dos Professores Teuto-brasileiros do Estado de São Paulo e foi a pedido desta que Keller, muitas vezes acompanhado por amigos e até pelo cônsul geral alemão, Dr. Speiser, visitou escolas alemãs no interior do estado, com a tarefa de conversar com os professores e os colonos e tentar auxiliá-los na resolução das dificuldades do dia-a-dia:

Visto que no longínquo oeste muitas escolas também travam uma dura batalha pela existência, eu e meu amigo Wilhelm decidimos, através da Associação alemã de Professores de São Paulo, visitar a chamada nova terra<sup>87</sup>.

Keller foi muitas vezes mencionado pelos imigrantes de Presidente Venceslau, como atesta o trabalho de Armando Pereira Antonio.<sup>88</sup> No Instituto Martius-Staden há farto material iconográfico referente às suas visitas ao município, o que permite supor que sua presença teve grande relevância no cotidiano da comunidade da Aymoré.

---

<sup>86</sup> A Associação de Professores e Escolas do Brasil Central foi fundada em 1916 a partir da união de professores e representantes de escolas com o intuito de organizar o sistema de ensino teuto no país. No período de 1921-1925 a Associação mudou de nome, denominando-se Associação das Escolas Alemãs do Estado de São Paulo, tendo nesse período desempenhado um grande projeto empenhado na manutenção do *Deutschtum*. No decorrer dos anos ainda receberia a denominação de Associação dos professores Teuto-brasileiros do Estado de São Paulo e posteriormente Associação Hans Staden, sendo que em 1938, obrigada pelo governo Vargas a se transformar em uma sociedade brasileira, mudou definitivamente seu nome para Sociedade Hans Staden.

<sup>87</sup> Relatório de viagem de Johannes Keller sobre suas passagens pelas colônias e escolas do Estado. - *No extremo oeste do Estado de São Paulo* – Documento sob guarda do Instituto Martius-Staden.

<sup>88</sup> ANTONIO, A.P. *O Processo de ocupação das terras no extremo sudoeste paulista. A colônia alemã no município de Presidente Venceslau - São Paulo*. Rio Claro. Mestrado em Geografia. IGCE/UNESP, 1984.



**Figura 2: Johannes Keller em visita a escola alemã de Presidente Venceslau.**<sup>89</sup>

Nos relatórios existentes no Instituto Martius-Staden, sobre as viagens de Keller ao que ele chamava de “extremo oeste do Estado de São Paulo”, há diversos registros sobre a situação e o desenvolvimento da Associação Escolar, criada pelos colonos de Presidente Venceslau e também sobre a própria escola da colônia.

Coube a Keller elaborar a proposta de unificação do currículo das escolas alemãs paulistas. O projeto, datado de 1926, propunha que ensinasse Língua alemã, Língua portuguesa, Ciências Naturais, Geografia, História, Aritmética, Geometria, Desenho, Música e Ginástica.<sup>90</sup> Segundo o plano, o idioma alemão deveria ser prioridade e seu objetivo era dotar o aluno dos fundamentos capazes de inseri-lo na cultura germânica e capacitá-lo a compreender os rituais litúrgicos. A língua portuguesa era encarada pragmaticamente, uma vez que não se poderia negar a necessidade de comunicação com a sociedade brasileira.<sup>91</sup>

A questão da convivência entre língua germânica e o idioma português foi tema constante nas várias discussões propostas pelos germanistas desde o século XIX. Uma vez que residia no Brasil, o colono via-se obrigado a aprender pelo menos os rudimentos do idioma, necessidade da qual os imigrantes estavam cientes. Contudo, preservar a língua alemã era uma forma de reafirmação do *Deutschtum* e, portanto, de se manter próximo à cultura da nação alemã.

<sup>89</sup> Material iconográfico disponível no Instituto Martius-Staden.

<sup>90</sup> Idem. p. 90.

<sup>91</sup> Não houve a preocupação em detalhar as questões pedagógicas e curriculares desenvolvidas pela associação, pois a mesma não é objeto da pesquisa. Para mais informações sobre o plano de ensino elaborado pela Associação dos Professores teuto-brasileiros do Estado de São Paulo ver análise detalhada em: NOBRE, S. A. dos S. *Op. cit.*

Nas disciplinas de História e Geografia privilegiava-se abertamente o estudo da formação da Alemanha como nação e Estado e o estudo dos grandes ícones de sua História, como os antigos germanos, Carlos “O Grande”, Martinho Lutero, Wilhelm I e Bismark. A História e a Geografia do Brasil se fixariam nas localizações geográficas (capitais, rios, montanhas), assim como no descobrimento e em breves comentários sobre a situação econômica e fronteiriça do país.

Há ainda uma especial atenção as aulas de Música e Ginástica, pois, segundo o relatório, estava havendo uma grande indiferença por parte das escolas em relação a essas matérias que, segundo a doutrina germanista, seria de grande importância para o fortalecimento do espírito alemão na comunidade colonial:

Segundo relata o plano de ensino, as aulas de ginástica eram tratadas com preconceito, indiferença e desprezo por parte de muitas escolas. Normalmente, com raras exceções, faltavam nas escolas os aparelhos necessários à ginástica. Frequentemente o professor não tinha a formação necessária para tal, caindo assim os exercícios corporais em descuido. Apesar dessa relação problemática com as aulas de ginástica, defendia-se a idéia de que algo deveria ser feito nessa disciplina. Tinha-se a consciência de que exercícios físicos aumentam a força e a flexibilidade do corpo e fazem com que ele resista melhor às inclemências da vida.<sup>92</sup>

A importância da ginástica, como disciplina pedagógica para formação da identidade do colono teuto-brasileiro, tem sido destacada pela recente historiografia brasileira. O *Turnen*, a ginástica desenvolvida por pedagogos alemães, servia como uma disciplina auxiliar na construção do caráter e da moral do alemão e foi introduzida oficialmente em 1841 nas escolas prussianas.<sup>93</sup> A prática é, normalmente, associada ao nacionalismo alemão, gestado no início do século XIX e articula-se às idéias de educação nacional. Segundo seus ideólogos, os exercícios deveriam ser feitos ao ar livre. Os *Turnenverein* (associações de ginástica) eram encarados como lugares de sociabilidade, divertimento e ocupação das horas livres e integravam-se à vida de seus praticantes.

A prática do *Turnen* estava difundida entre os colonos de Presidente Venceslau como sugere o material iconográfico fornecido por famílias da cidade<sup>94</sup>, e segundo parece, tinha lugar no edifício da escola. Merece destaque, como forte indicação do ideário germanista difundido na colônia, a presença das bandeiras afixadas ao fundo.

---

<sup>92</sup> Idem. p. 96-97.

<sup>93</sup> SILVA, H.R.K. da. *Op. cit.*, p.47

<sup>94</sup> Foto do arquivo pessoal de Elisabeth Oesterle, filha de imigrantes alemães que chegaram ao Brasil em 1921 e se mudaram para a colônia Aymoré em 1931. Segundo relatos de membros da colônia, as festas ocorriam no prédio da escola, construída em 1934.

Observa-se perfiladas, lado a lado, o pavilhão brasileiro e a bandeira com a suástica, símbolo do regime nazista implantado na Alemanha após 1933.



**Figura 3: Prática do *Turnen* na Colônia Aymoré – Presidente Venceslau. – s/d.**

Percebe-se na imagem o que os historiadores da temática muito debateram, a questão referente sobre o “teuto-brasileirismo”. Há um forte sentimento de pertencimento à pátria alemã, materializada na ginástica executada pelos colonos que, como se salientou, ligava-se à identidade e à cultura germânicas, como também pela ostentação do símbolo pátrio, nesse caso a cruz gamada do regime hitlerista. É importante ressaltar, que a presença do símbolo nazista não permite concluir que havia adesão aos ideais que ela representava.

A bandeira nazista ao lado da brasileira nos remete ao harmonioso jogo levado a cabo pela comunidade germânica, que representava a nação alemã e, ao mesmo tempo, o país de acolhida. A identidade hifenizada, já discutida anteriormente, não entrava em choque com a política germanista de preservação do *Deutschtum*. Deve-se respeito ao país receptor, mas é a identidade alemã que está sendo reafirmada, não só com o símbolo, como também por meio da ginástica artística e do próprio espaço, pois as festas eram organizadas no salão escolar.

Contudo, a afirmação categórica de que a bandeira do regime nazista pode mostrar uma clara adesão ao ideário nacional-socialista constitui-se numa simplificação.

A imagem que, possivelmente, data do período de 1934 e 1942<sup>95</sup>, deve ter sido constante nas comunidades alemãs aqui radicadas. No momento, a Alemanha passava por um rápido processo de reerguimento político-econômico e era natural sentir orgulho do país. No caso de Presidente Venceslau, há um fator importante, pois a colônia foi constituída no início da década de 1920 e os alemães adultos tinham nascido na própria Alemanha, ou em regiões ligadas à cultura germânica.

A prática do *Turnen* em Venceslau indica a persistência de uma filosofia elaborada no século XIX, mas que ganhou contornos político-ideológicos específicos, apropriados pelo pensamento de direita que então dominava a Alemanha. Vale esclarecer que:

A concepção de *Turnen* como ginástica patriótica alemã, nascida no bojo do movimento das nacionalidades, se transforma na mesma medida da dinamicidade do próprio nacionalismo alemão, que, apenas no decorrer de um século, sofreu transformações severas. (...). Se, em fins do século XVIII, implicava apenas num movimento cultural, folclórico, intelectual e literário, a partir do início do XIX, vai tomando um caráter de reivindicação política, até desembocar, na virada para o século XX, em um programa político de sustentação de massas. Se, nos primórdios, o nacionalismo tinha uma identificação com o liberalismo e movimentos radicais de libertação muito próximos a Revolução Francesa, no decorrer dos anos seu conteúdo vai tomando outras formas, vai se deslocando para a direita política – especialmente entre os anos de 1880 – 1914, quando a política imperialista dos Estados atingiu seu auge – a ponto de, no início do século XX, nacionalismo ser identificado com a extrema direita.<sup>96</sup>

Conclui-se que a prática o *Turnen* em Presidente Venceslau desempenhou um papel que ultrapassava o sentido da ginástica e ganhava contornos identitários e, talvez até políticos. Efetivamente, houve elementos da comunidade germânica residente no Brasil que, além de simpatizantes e propagandistas do Eixo, trabalhavam para o governo alemão como espões.<sup>97</sup> No entanto, é obvio que nem toda a colônia aderiu às atividades nazistas e mesmo o simples ato de possuir símbolos nazistas, como a imagem do Führer, a bandeira com a suástica ou fazer juramentos de fidelidade à pátria de origem não faziam desses imigrantes adeptos político-ideológicos do regime do III Reich<sup>98</sup>. Por

<sup>95</sup> A figura 3 não está datada, mas é possível supor que foi tirada entre 1934 e 1942, pois a atividade foi praticada na nova escola, construída pelos colonos e inaugurada em 1934. Já o ano de 1942 justifica-se pelo fato de haver sido nesse momento, mais precisamente em janeiro, que o governo brasileiro rompeu relações com o Eixo e intensificou a perseguição aos imigrantes vindos daqueles países..

<sup>96</sup> SILVA, H.R.K. da. *Op. cit.*, p. 155.

<sup>97</sup> HILTON, S. *Suástica sobre o Brasil, A história da Espionagem Alemã no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1977.

<sup>98</sup> “Cabe ressaltar que essa simpatia à ideologia pelo III Reich ainda que profundamente enraizada na comunidade alemã de São Paulo não significou uma adesão partidária em massa. Porém, percebe-se que os agentes nazistas encontravam-se infiltrados em praticamente todos os segmentos sociais da

vezes, tais situações não eram mais que momentos de confraternização dos colonos que não necessariamente implicava em aderir ou concordar com o regime vigente na Alemanha.

Contudo, entende-se que a penetração da simbologia nazista e também do ideário do Partido não pode ser desconsiderado. O agradecimento ao Partido local na construção da escola, bem como a ostentação de símbolos que remetiam ao regime hitlerista nos permite supor que os fatos relacionados a essa “nova” Alemanha tornaram-se importante para a comunidade e mereciam lugar de destaque. Todavia, não se sabe se significavam adesão aos ideais do partido ou do regime.

Mesmo por se tratar de um momento importante para a história política da Alemanha conclui-se que essa ligação com o nazismo relacionava-se, principalmente, em âmbito sócio-cultural e não estritamente político, pois havia entre os colonos a necessidade em reafirmar, continuamente, sua porção germânica e sua fidelidade à pátria de origem.

Ainda sobre o *Turnen*, há referências sobre sua prática na colônia Aymoré num relatório sobre a escola alemã da comunidade. Apesar de não ter título e ter o nome de seu autor rasurado, o documento faz rasgados elogios ao Partido Nazista alemão e evidencia a sua existência em âmbito local<sup>99</sup>. Sobre o *Turnen* na colônia afirma-ser:

Criamos também um grupo de ginástica e esportes para instruir os jovens à coletividade e ao senso de companheirismo, dentro do espírito do nacional-socialismo. Nossa escola também é o ponto de encontro da Juventude de Hitler.<sup>100</sup>

A importância atribuída pelos colonos às atividades relacionada a ginástica pode ser avaliada no documento intitulado *A Colônia Aymoré no município de Presidente Wenceslau*, escrito no ano de 1938 por Bernardo Buckholz. Há descrições sobre as condições geográficas e econômicas da colônia, assim como um breve histórico de seus anos iniciais. Quanto à referência ao *Turnen*, o autor afirma a importância dada pelos imigrantes às aulas de canto e ginástica, fator de coesão e espaço de sociabilidade:

Fora das organizações das crianças há tais para adolescentes e adultos. São a ginástica e o canto que se cultivam. Duas coisas estas que fazem necessariamente parte da vida dos alemães. E quando são dispersos, longe

---

comunidade alemã, pregando fidelidade ao Führer e a construção de uma grande nação alemã que extrapolaria os limites territoriais da Alemanha.” DIETRICH, A.M. *Op. cit.*, p.132.

<sup>99</sup> A discussão sobre a existência do Partido Nazista em Presidente Wenceslau será tratada posteriormente e em capítulo específico.

<sup>100</sup> Documento sob guarda do Instituto Martius-Staden. Sem título, e nome rasurado.

dos centros de civilização são-lhes estes círculos mais caros ainda, sem os quais não desejam viver.<sup>101</sup>

Concluí-se dessa forma que, como outras comunidades teuto-brasileiras espalhadas pelo território nacional, a colônia Aymoré de Presidente Venceslau mantinha-se forte no intuito de preservar o *Deutschtum* e conservar seus descendentes coesos dentro do espírito da germanidade. Para alcançar tal fim, a escola criada ocupou posição estratégica.

### 2.3 - Deutsche Schule Presidente Venceslau

*As escolas alemãs têm um caminho espinhoso embaixo de si, a responsabilidade que os diretores da associação carregam é um fardo pesado, que se baseia então no bem mais caro aos alemães no exterior, o perseverar de sua cultura para os conseguintes. Gustav Niedhardt, ex-professor da escola alemã de Presidente Venceslau, 1933.<sup>102</sup>*

Na comunidade germânica de Presidente Venceslau a escola foi um dos primeiros objetivos levados a cabo após a chegada da primeira leva de imigrantes, em 1923. Segundo dados obtidos em fontes primárias e historiográficas,<sup>103</sup> a fundação da Associação Escolar Teuto-Brasileira Aymoré, a primeira da colônia, ocorreu em assembléia realizada em 1º de dezembro de 1925. É importante ressaltar que, quase dois anos após a chegada dos primeiros imigrantes à região, houve a preocupação de criar um espaço específico para ministrar aulas e propagar a cultura germânica.

A princípio a associação contou com 20 membros e sua direção foi compartilhada entre três colonos.<sup>104</sup> O início das aulas ocorreu em 1926, no dia dez de março, com a presença de 40 alunos. As aulas eram ministradas em um rancho, por um professor improvisado, o Sr. Hölzer. Mesmo sem a infra-estrutura necessária e mão-de-obra especializada, o projeto foi colocado em prática, o que indica a importância de que se revestia o assunto para os colonos. Segundo Joahnnes Keller, a contribuição para o projeto era dada de bom grado: “O Sr. Koller é o caixa da Associação Escolar, e tais pessoas o vêem com especial prazer, principalmente no fim do mês”.<sup>105</sup>

<sup>101</sup> A colônia “Aymoré” no município de Presidente Venceslau – 24 de outubro 1938 – Instituto Martius-Staden.

<sup>102</sup> *A Tribuna – Órgão Independente*. – 8 de julho de 1933.

<sup>103</sup> Idem. NOBRE, S. A. dos S. *Op. cit.*

<sup>104</sup> Os três colonos são: Feuerharmel, Scherr e Jock. - *A Tribuna – Órgão Independente*. – 8 de julho de 1933.

<sup>105</sup> No extremo oeste do Estado de São Paulo. Relatório de viagem de Joahnnes Keller. Documento sob a guarda do Instituto Martius-Staden.

Todavia, a Associação Escolar Aymoré solicitou ao diretor da colônia Dr. Álvaro Antunes Coelho, um local para a construção de um prédio; Johannes Keller por sua vez, intermediou pedido de auxílio financeiro junto à Associação dos Professores de São Paulo, sendo ambos os objetivos atingidos.<sup>106</sup> A atuação da entidade evidencia a preocupação existente na comunidade germânica do Estado em relação à questão escolar. Os relatórios de viagens elaborados pelo professor Keller são ricos em observações referentes à situação das escolas teutas da sorocabana, bem como sobre questões relativas ao cotidiano dos colonos, suas festas, empreendimentos e dificuldades. Havia real interesse em mapear a situação dos imigrantes e enfatizar a importância da escola na preservação da germanidade. O apoio financeiro concedido à colônia demonstra o interesse da Associação dos Professores em dar suporte para o desenvolvimento e padronização de um projeto escolar alemão.

Nos primeiros anos, a escola contou com apenas um professor que, possivelmente, atuava como alfabetizador e ensinava o conteúdo básico sobre a cultura germânica.<sup>107</sup> A exemplo de outras colônias alemãs em território brasileiro, houve grandes dificuldades para a manutenção da escola colonial Aymoré, como se observa no relatório referente à instituição:

Nem todos os compatriotas compreenderam, quando de sua fundação, que é obrigação de cada um unir-se à associação escolar, para erguê-la e mantê-la em condições de funcionar. A situação financeira deu a alguns a oportunidade de se pôr ao lado em caso de ajuda. Foi a consequência inevitável que tivemos de lutar contra dificuldades, que às vezes tornavam-se tão grandes, que parecia que tudo iria se desfazer.

Mas novamente prevaleceu a tenacidade alemã. Pouco a pouco entregaram-se pontualmente as contribuições e comissões da escola, as festas promovidas trouxeram grandes lucros líquidos.<sup>108</sup>

<sup>106</sup> O diretor da Colônia, Dr. Álvaro Antunes Coelho, deu a Associação 12 hectares de terra e um subsídio de 1.000 Milréis. *A Tribuna – Órgão Independente* – 8 de julho de 1933.

<sup>107</sup> A organização das escolas dentro das comunidades germânicas em solo brasileiro foi um empreendimento que exigiu grande esforço por parte de todos os colonos, seja no âmbito rural como no urbano. Os imigrantes tinham dificuldades em fundar, estruturar e manter essas escolas com seus problemas de infra-estrutura, político-financeiros e escassez de material didático. Manter uma instituição escolar numa comunidade colonial exigia esforços e comprometimento muito grande por parte dos colonos, o que de certa forma serviu para reafirmar os laços da comunidade com a instituição e criar um ambiente de cooperação entre as famílias.

<sup>108</sup> A respeito da escola e seu cotidiano, além dos relatos de Keller, merece destaque um documento sem data, cuja autoria foi propositadamente rasurada. O(a) autor(a) enviou o texto à Associação dos Professores do Estado de São Paulo, cujos arquivos encontram-se no Instituto Martius-Staden. Trata-se de três páginas nas quais se mencionam o significado da escola, sua importância para a comunidade e a luta travada para sua construção. O importante do texto está no caráter explicitamente favorável ao regime nazista, ao qual se atribui o reerguimento da Alemanha, além de apresentar a construção da escola como o resultado da ajuda consular e do Partido Nazista. É sintomático que a autoria tenha sido ocultada. Talvez o fato tenha ocorrido como forma de proteção frente ao controle exercido sobre a comunidade alemã pelo governo depois de 1942 ou a ocultação ocorreu após 1945, com a derrota alemã e a revelação das atrocidades do regime. O documento é reproduzido na íntegra em anexo 1.

Nobre afirma que as dificuldades encontradas entre as escolas alemãs do Estado de São Paulo foram uma constante e que no decorrer dos anos muitas fecharam. As instituições sofriam com a falta de professores e, em algumas colônias menores, era comum a escola funcionar apenas dois ou três dias da semana, como forma de economizar nas despesas. As que conseguiam funcionar, apesar das dificuldades, na maioria das vezes, tinham poucos alunos e estavam em péssimas condições de infraestrutura.<sup>109</sup>

A falta de professores aptos e que pudessem lecionar dentro da proposta adequada ao germanismo e, posteriormente, ao nazismo foi uma constante na escola da colônia Aymoré, como se observa no relato a seguir:

Não podemos deixar de notar que também fomos, vez por outra, presenteados com dissabor e aborrecimento, principalmente no que tange aos professores. Para as escolas é, no fundo, bem difícil e útil poder empregar personalidades íntegras, que ajudem a educar as crianças no espírito do 3º Reich e que sejam completamente cômnicos de seus deveres e obrigações. Porém esperamos que tudo melhore no passar dos anos.<sup>110</sup>

O documento referente à escola da colônia Aymoré deixa claro as dificuldades encontradas na década de 1920. Num primeiro momento, a análise torna-se problemática por tratar-se de uma fonte produzida nos anos 30 e escrita por alguém que nutria forte simpatia pelo nacional-socialismo e analisava aquele momento como uma época de transformação para o povo alemão:

O cultivo dos campos feito exclusivamente à enxada também se extinguiu, a maioria dispõe de animais de carga e arado, o solo é explorado de forma racional, a força de trabalho humana não é mais tão exigida, cada qual pode refletir novamente sobre si mesmo e fazer parte do grande acontecimento em nossa pátria. (...) Nesses entretimentos, nossa pátria mudara de feição. A 30 de janeiro de 1933, aquele dia inesquecível, (...) ao qual a Alemanha toda rejubila, a revolução de nosso povo foi iniciada (...).<sup>111</sup>

Entretanto, confrontando a documentação com outras fontes, principalmente jornais da própria colônia, bem como dialogando com a historiografia especializada, acredita-se que os percalços por que passaram os colonos não se diferenciaram dos que deram-se em outras partes do Brasil. A questão de maior relevância é a percepção de

---

<sup>109</sup> Vale destacar que, na área rural, onde as dificuldades normalmente eram maiores, a união entre os imigrantes era imprescindível para o êxito do projeto escolar. Envolver parte da comunidade na execução do projeto, provavelmente, atuou como força agregadora entre os alemães, pois além do esforço físico em construir o prédio escolar e, posteriormente, mantê-lo, havia também a questão financeira, na qual a participação de um maior número de pessoas era primordial.

<sup>110</sup> Idem

<sup>111</sup> Idem. (grifos nossos)

que no início da década de 1930, mais precisamente após a ascensão do nazismo na Alemanha, a situação melhorou.

Segundo relatórios do professor Keller, o sistema escolar alemão de Presidente Venceslau estava bem estruturado e manteve vínculo estreito com a Associação dos Professores de São Paulo, que disponibilizou dinheiro, livros, mapas e figuras. O primeiro prédio escolar na colônia Aymoré foi erguido em madeira e ganhou o nome de Escola Central, pois se localizava no centro da colônia. Segundo consta em periódicos da época, essa foi a primeira escola erguida no município.<sup>112</sup>



**Figura 4: Escola alemã na colônia Aymoré – 1928. Fonte: Instituto Martius-Staden**

Pelo material iconográfico percebe-se a rusticidade do prédio escolar, bem como a precariedade do local. Paredes feitas com troncos de árvores formavam uma espécie de galpão. Num primeiro momento, o empreendimento foi executado pelos imigrantes com modestas economias e intenso trabalho. Pode-se imaginar a dificuldade em se ministrarem aulas em um ambiente como esse. O calor, a chuva, os insetos, os problemas financeiros, não faziam deste o lugar sonhado pela colônia. Talvez, encarando a realidade do momento, entende-se que o projeto viável só poderia ser esse, mas não se desistiu de, a qualquer sinal de melhora, unirem-se esforços para modificar a realidade do espaço, que desempenhava relevante papel no seio da colônia.

---

<sup>112</sup> *A Tribuna – Órgão Independente*. – 8 de julho de 1933

Passadas as adversidades do primeiro momento, a escola da colônia Aymoré consolidou-se no núcleo colonial e a própria comunidade criou grande expectativa na construção de um novo prédio. Segundo a proposta, este deveria servir não apenas como associação escolar, mas também como ponto de encontro, onde se realizariam ginástica, esportes, festividades e assembléias:

Assim, tínhamos em mente a nova construção, no centro e suficientemente grande. Naturalmente, também não poderia faltar um amplo salão para a realização de festas escolares, festas da associação e noites de filme, etc.; como também uma espaçosa e limpa morada para o professor. De acordo com nossos cálculos, uma tal construção deveria custar entre 12 e 14 contos de reis, e mais uma vez a pergunta de sempre: de onde tirar tanto dinheiro? (...) a nova construção deveria se realizar, tratava-se de nosso germanismo.

113

A idéia de manter a escola e de consolidá-la, via construção de um novo prédio, esteve sempre imbuído no pensamento do germanismo, ou seja, como uma forma de perpetuar as instituições da pátria germânica e manter viva, nos limites da colônia e por que não ultrapassando os mesmos, a cultura alemã.

As dificuldades em arrecadar fundos para a construção do novo prédio diminuiriam, coincidentemente ou não, após a chegada de Adolf Hitler ao poder em 1933. Por meio de recente historiografia, sabe-se que houve um projeto de amparo aos imigrantes fora da Alemanha, pelo qual o regime nazista empenhou-se em difundir sua doutrina entre os teutos radicados no exterior e, através de associações e obras assistencialistas, unir cada vez mais as comunidades germânicas em torno do ideário nacional-socialista.

Segundo a historiadora Nara Santana, após a subida de Hitler ao poder na Alemanha houve uma sistemática e incisiva atuação do Partido Nazista no Brasil frente às comunidades teutas. Antigas associações de imigrantes alemães se filiaram espontaneamente ao partido alemão e outras foram criadas especificamente para propagação da ideologia do III Reich. As escolas ganharam ainda uma atenção especial frente à política ideológica do Partido e a partir de 1933 muitas começaram a receber professores que eram membros do NSDAP.

As associações nazistas no Brasil foram sedes de sociedades recreativas e culturais, formadas por sócios de origem alemã ou diretamente ligados às atividades nazi-fascistas. Elas funcionavam como núcleos de alemães e seus descendentes e como espaço de reprodução e manutenção de tradições. Estas associações coexistiram com a imprensa nazista, as escolas e as igrejas, e tiveram um papel fundamental na organização e difusão do nazismo no país. (...) É interessante notar que algumas destas sociedades que funcionavam no

---

<sup>113</sup> Ibidem. (Grifos nossos).

país desde os anos 20 - com a finalidade de difundir o germanismo à comunidade germânica -, foram mudando seu perfil para o de associações nazistas, à medida em que o nazismo foi se fortalecendo.<sup>114</sup>

A busca por fundos para a construção do novo prédio escolar foi uma fonte de preocupação durante anos. Tentou-se arrecadar fundos não apenas entre os colonos de Venceslau, mas junto a empresas particulares, instituições alemãs no Brasil e o próprio governo germânico:

Nós apelamos à Associação Hans Staden, com a qual fomos associados durante anos, ao Consulado Geral alemão, à firmas em São Paulo, também a todos os compatriotas de nossa colônia, pois para nós isso era certo: Nosso projeto deveria passar, a nova construção deveria se realizar, tratava-se de nosso germanismo.<sup>115</sup>

Não é possível precisar de onde proveu o financiamento para a execução do novo prédio. Entretanto, entende-se que a mobilização e a dificuldade em consegui-lo gerou grande expectativa entre os teutos. A construção da escola, efetivada em 1934, foi assimilada por alguns como fruto da nova realidade existente na Alemanha, na qual os cidadãos do exterior também estariam a desfrutar. Não é demais supor que a questão, invariavelmente, ligava-se, no imaginário colonial, a ascensão do nazismo anos antes:

Nesse entrementes, nossa pátria mudara novamente de feição. A 30 de Janeiro de 1933, aquele dia inesquecível, em cuja noite um número quase interminável de colonos fez uma marcha luminosa de marrom em homenagem ao nosso recém nomeado Chanceler do Reich Adolf Hitler, e ao qual a Alemanha toda rejubila, a revolução de nosso povo foi iniciada, e pouco tempo depois, sabíamos nós no exterior, que não éramos mais desprezados e esquecidos, mas sim, membros de vital interesse no poderoso organismo de nossa corporação.

Então demos publicidade ao pedido de subsídio para nossa construção, e nos foi ajudado, todos contribuíram. Em primeira linha o Consulado Geral Alemão.

Que todos sejam aqui agradecidos!<sup>116</sup>

Percebe-se dessa forma que, para parte dos imigrantes de Venceslau, a conquista do novo prédio escolar da Colônia Aimoré esteve ligada à subida de Hitler ao poder e à atuação do partido nazista local. A idéia era que a consolidação do nacional-socialismo na Alemanha rendeu frutos diretos para a vida colonial. A participação da seção do partido de Venceslau foi mencionada como tendo um importante papel na realização do projeto:

<sup>114</sup> SANTANA, Nara M. C. *Associações Nazistas no Brasil (1938 – 1945)*. Rio de Janeiro. Doutorado em História. Universidade Federal Fluminense, 2004. p. 94.

<sup>115</sup> Documento sob a guarda do Instituto Martius-Staden. Autor com o nome rasurado.

<sup>116</sup> Idem.

Também nos comprometemos a agradecer à seção local do Partido Nacional Socialista em Pres. Venceslau: trabalhamos conjuntamente, em leal camaradagem, cômicos da grande responsabilidade que temos para com a nossa pátria, e do mesmo modo conscientes da mesma responsabilidade que nos é imposta através do cumprimento das leis da pátria que nos acolheu, o Brasil.<sup>117</sup>

Obviamente, o autor do documento estava entre os simpatizantes do nazismo e é patente seu esforço em tentar relacionar a conquista do prédio com a nova realidade política da Alemanha, fato que, entretanto, não parece calcado na realidade dos fatos. Se é inegável que os nazistas se preocupavam com os imigrantes alemães e seus descendentes, não há indícios de que tal preocupação já se expressasse em ajuda financeira em 1933 e 1934 para a cidade de Venceslau. Contudo, não é demais supor que tal leitura dos acontecimentos possa ter contado com adeptos entre os colonos, que passaram grandes dificuldades nos primeiros anos de colonização e, que transcorridos dez anos, conseguiram estruturar suas vidas e melhorar as condições materiais da colônia. Coincidentemente foi quando a situação política da Alemanha também se alterou e a ligação dos episódios poderia parecer verossímil aos colonos.

Mais difícil de precisar é se o partido nazista estava estruturado na colônia alemã de Presidente Venceslau antes de 1933. Por meio das fontes analisadas e da historiografia especializada<sup>118</sup>, conclui-se que havia certa influência dessa ideologia entre os imigrantes. A julgar pelo documento que dá conta da construção da escola, o consulado alemão colaborou com a obra, sem que se precise, entretanto, o montante. Há que se considerar que, segundo Dietrich, havia forte interesse do partido em relação às escolas alemãs do país, fato que não nos permite, porém, concluir que em 1934 esse interesse já se manifestasse em Venceslau a ponto de levar à concretização da escola com meio de propagação do nazismo:

Uma das preocupações dessas instituições<sup>119</sup> era com as escolas alemãs estabelecidas no Brasil. O governo do III Reich dava tanta importância às escolas, consideradas como mantenedoras do *Deutschtum*(germanismo), como ao partido nazista. A nacionalização de escolas causou quase o mesmo desconforto diplomático que a proibição do partido. (...) As menores escolas

<sup>117</sup> Idem.

<sup>118</sup> Sobre a questão ver: DIETRICH, A. M. *A Caça às Suásticas. O Partido Nazista em São Paulo sob a mira da Polícia Política*. São Paulo: Mestrado em História. F.F.L.CH., USP, 2001.; DIETRICH, A. M. *Nazismo Tropical? O partido nazista no Brasil*. São Paulo: Doutorado em História. F.F.L.CH., USP, 2007.; MORAES, E. de S. *EIN VOLK, EIN REICH, EIN FÜHER. A seção brasileira do Partido Nazista e a questão nacional*. Rio de Janeiro: Mestrado em História. Museu Nacional da UFRJ, 1996.

<sup>119</sup> Instituições ligadas aos interesses dos alemães no exterior: VDA (*Volksbund für das Deutschtum im Ausland* – União para o germanismo no exterior), o Instituto de Exterior em Stuttgart, o Instituto Ibero-americano e o RDV (*Reichverband der Deutsche im Auslands* – Liga do Reich das associações alemãs no exterior). - DIETRICH, A. M. *Nazismo Tropical? O partido nazista no Brasil*.

geralmente dependiam de recursos vindos da Alemanha, enquanto as médias e grandes, que em sua maioria estavam estabelecidas nas cidades maiores, conseguiam arrecadar mais receita.<sup>120</sup>

Há que se considerar que a consulta à documentação que contém o nome de todos os membros do Partido Nazista no Brasil, bem como o ano de filiação, revela que as primeiras menções a filiados em Presidente Venceslau remontam a 1934, ano em que a nova escola foi inaugurada.<sup>121</sup>

Vale acrescentar que já havia no discurso do professor Gustav Niedhardt, em 1933, a idéia de que as escolas fariam parte de um processo maior, mencionado por ele como “revolução nacional alemã”. Seria papel da escola, segundo o professor, preparar a virtude e o caráter do colono, assim como “educar pessoas hábeis, conservar o amor e a compreensão pela pátria de seus pais”.<sup>122</sup>

No Estado de São Paulo, registrou-se o maior número de filiação do Partido Nazista no Brasil e a cidade de São Paulo congregava o maior contingente de membros, com 366 inscritos, seguida por Campinas e Santos com 38 e 37, respectivamente. Logo depois, segundo pesquisa de Edmundo Moraes, encontram-se as cidades de Santo André e Presidente Venceslau, com 34 membros cada uma.<sup>123</sup>

O maior contingente de alemães que aderiram ao nazismo no Brasil localizou-se no Estado de São Paulo, contrariando as correntes historiográficas que afirmam que o movimento foi mais expressivo nos estados do Sul. Isto se deu, principalmente, devido a imigração mais recente para este estado (...). O grande sucesso do nazismo em São Paulo, porém, também se deveu à atuação do chefe – primeiramente regional e depois nacional – Hans Henning von Cossel. A sua gerência em organizar células do partido e outras associações ligadas a ele, como das mulheres, da juventude e da Frente de Trabalho, foi elogiada pelos seus companheiros e pela matriz de Berlim.<sup>124</sup>

É interessante observar que as cidades com mais membros localizavam-se próximas à capital paulista que, além de congregar uma colônia germânica significativa, era sede nacional do partido. Presidente Venceslau localiza-se no lado oposto, no

<sup>120</sup> Idem., p. 150-151.

<sup>121</sup> Setor: Grupo: Alemão 6 – Partido Nazista – Cx. 754. – Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro. A análise pormenorizada da questão será abordada em capítulo posterior.

<sup>122</sup> *A Tribuna* – Órgão Independente – Presidente Venceslau – 8 de julho de 1933.

<sup>123</sup> MORAES, E. de S. EIN VOLK, EIN REICH, EIN FÜHER. A seção brasileira do Partido Nazista e a questão nacional. Mestrado em História. Rio de Janeiro: Museu Nacional da UFRJ, 1996. Apud: DIETRICH, A. M. *Op. cit.*, p.54. – A pesquisa efetuada por este pesquisador levantou números diferentes, pois foi encontrado apenas 26 filiados em Presidente Venceslau e não 34 como afirma Edmundo Moraes. Todavia não foi possível confrontar os dados e tirar conclusões satisfatórias. Entretanto a questão não afetará o desenvolvimento da pesquisa e as conclusões a serem tiradas. Para esclarecer a análise, iremos utilizar o número de 26 filiados.

<sup>124</sup> DIETRICH, A. M. *Nazismo Tropical? O partido nazista no Brasil. Op. cit.*, p. 166.

extremo sudoeste do Estado, mais isso não impediu que lá houvesse uma das maiores adesões explícitas ao partido em São Paulo.

Em síntese, a documentação só permite levantar alguns indícios. A relação entre o Partido Nazista e a construção da escola foi estabelecida por um único documento, três páginas não datadas e cuja autoria, conforme já se apontou, foi apagada. Nesse texto há claro esforço de apresentar a escola como fruto da ajuda material do consulado e do partido, mas não se deve tomar essa interpretação como expressão do que ocorreu, já que não há outros elementos que indiquem ser correta a versão. A historiografia, por sua vez, tem colocado ênfase em símbolos externos, como bandeiras, uniformes, etc, não raro como atestado da adesão dos colonos localizados no Brasil ao nazismo. Tampouco se nega que a Alemanha tinha interesse nos colonos de além-mar e que desenvolveu políticas específicas para tais compatriotas ou se subestima que o partido organizou-se em São Paulo e que contou com um contingente de filiados. Mas é preciso relativizar o impacto desses porta-vozes do partido: assim, o que significavam os 26 indivíduos de Venceslau? Sem um estudo detalhado da trajetória de cada um e de seu impacto na comunidade é difícil responder. Por certo, deveriam fazer proselitismo entre os demais e a versão de que a escola, tão esperada, resultou da ação deles era uma estratégia interessante mas que não deve ser tomada como expressão dos fatos.

Outro documento importante, que fornece uma idéia do clima reinante na colônia Aymoré frente ao ideário nacional-socialista, é o livro de memórias *Fragmentos*, da professora Arthuzina de Oliveira D' Incao, no qual relembrou seu primeiro dia como professora na escola da colônia Aymoré:

Sete horas e meia. – Em frente à escola conversávamos; eu e o professor alemão da colônia. Alto, magro, avermelhado pelo sol, olhos azuis. Falava muito mal o português.

Os alunos chegavam. Olhavam-me curiosamente e com um sorriso desconfiado, numa voz constante, cumprimentavam com forte sotaque:

- Pom tia!

Logo em seguida, erguendo marcialmente o braço direito, tanto as meninas como os meninos, saudavam o professor:

- Heil Hitler!

- Heil Hitler! – era-lhe respondido com igual marcialidade.

Essa forma de homenagear Hitler por brasileirinhos, muito embora filhos de alemães, chocou-me de início. Com o passar do tempo, porém, acabaria achando divertido o 'Pom Tia' para mim e o 'Heil Hitler' para o 'herr professor'. Preparando-me para comentários, quando regressasse para minha cidade natal. Comentários esses superficiais porque, quando se é muito jovem, têm-se muito em que pensar para se impressionar com coisas sérias.<sup>125</sup>

<sup>125</sup> D'INCAO, A. de O. *Fragmentos*. s/e, s/d. p.94-98.

Pela descrição, não se pode afirmar com exatidão em que prédio da escola alemã da colônia ela lecionou, se na antiga Escola Central ou no novo edifício, inaugurado na festa de Pentecostes de 1934. Contudo, pelo mesmo texto não assinado que dá conta da construção do novo prédio escolar, sabe-se que havia, ao lado do professor alemão Sr. L. Pietz uma pessoa, mencionada apenas como a “professora brasileira”. O trato dispensado à última personagem, que não tem o nome declarado, deixa dúvidas em relação à sua identidade, possivelmente Arthurzina D’Incao. Registre-se, ainda, o desconforto de contar com uma professora brasileira na inauguração do novo prédio, um projeto que, pelo menos segundo indicam alguns documentos, tinha em vista a afirmação do ideário germanista e, após 1933, uma forma de divulgar o novo regime entre os colonos, já que um sonho longamente acalentado transformava-se em realidade graças ao apoio do partido nazista.

Não mencionar o nome da professora brasileira, em contraposição ao professor alemão, devidamente identificado, pode ser interpretado como sinal da incômoda situação dos colonos naquele contexto histórico, pois apesar de não se pretender desrespeitar as leis e o Estado brasileiro, como propunha o ideal do “teuto-brasileirismo”, a figura da professora evidenciava as limitações impostas pelo governo do Brasil, num momento em que o nacionalismo varguista também se propunha a combater os enquistamentos de imigrantes em seu território.

No mesmo relatório, no qual há inúmeras referências positivas ao nazismo, são mencionado o problema e o ‘dissabor’ existentes na escola colonial em relação aos professores, pois estes não estariam aptos e não seriam íntegros o suficiente para ajudar a educar as crianças no espírito do 3º Reich.<sup>126</sup> Contudo, o autor acredita que esse problema possa ser sanado no decorrer dos anos.

Dessa forma, acredita-se que o relato memorialístico antecede a inauguração do novo prédio, em 1934, pois professores brasileiros já eram designados para exercer funções na colônia desde 1931<sup>127</sup>, o que se faz concluir que a disseminação do ideário nazista na colônia de Presidente Venceslau já estaria presente na colônia. Acredita-se também que a relação do nazismo com a colônia não se configurava, necessariamente,

---

<sup>126</sup> Deve-se lembrar que o autor desse documento nutria forte admiração pelo nacional-socialismo e menciona o ano de 1933 como uma “revolução de nosso povo”. Entretanto não se pode afirmar se essa posição era comum a toda a comunidade teuta de Venceslau. Entretanto, evidencia que havia naquela localidade simpatizantes do regime hitlerista e que entendiam que a escola alemã era importante na disseminação dessa doutrina.

<sup>127</sup> Relato de Gustav Niedhardt – *A Tribuna – Órgão Independente*. Idem.

em âmbito político, sendo mais uma forma de identificação cultural com a pátria de origem.

Nota-se dessa forma a forte penetração da simbologia nazista entre os colonos teutos da colônia Aymoré, assim como a referência à saudação hitlerista estimulada entre as crianças, o que nos leva a crer que, além da filiação de 26 colonos ao Partido Nazista no Brasil, a disseminação dos símbolos, e por que não da ideologia defendida pelo III Reich, estava disseminada entre os imigrantes da cidade, o que ocasionou sérios problemas à comunidade após as leis nacionalizadoras de Vargas após a implantação do Estado Novo, em 1937.

#### **2.4 – Os alemães e a cidade de Presidente Venceslau: Múltiplas formas de integração.**

Paralelamente à questão identitária germânica, com a criação de espaços de sociabilidade e reafirmação do *Deutschtum*, os imigrantes deveriam elaborar maneiras de se relacionar com a população dos locais onde se fixaram no intuito de criar laços de sociabilidade com outras pessoas e culturas e, principalmente, para facilitar a integração com a comunidade, conseguindo benefícios econômicos. A colônia alemã de Venceslau era essencialmente agrícola e dependia do comércio de seus produtos com o município.

Por meio de relatórios de viagens de Johannes Keller, fotografias, periódico da própria colônia Aymoré e jornais de Presidente Venceslau, percebe-se que houve um esforço em manter uma relação harmoniosa entre os colonos e os habitantes da cidade, com forte relação com as autoridades da cidade. Desde o início da colonização os imigrantes alemães mantiveram contato com a os habitantes da área urbana de Venceslau, principalmente pela necessidade de escoar os produtos colhidos na colônia, como foi salientado no capítulo 1.

Não se pode analisar a colônia alemã como uma comunidade enclausurada, na qual os preceitos do germanismo os tornavam marginalizados perante a população brasileira. Na verdade, o que se observa em Venceslau, é exatamente o contrário, pois se criou entre os colonos diversos mecanismos para que a sua realidade fosse vivenciada pelos brasileiros que ali viviam. Mesmo assim, essa postura não entrava em choque com a ideologia defendida pelos germanistas, que entendiam que os colonos pudessem participar da vida nacional e obedecer às leis do país receptor, desde que mantivesse a lealdade à cultura alemã:

Nesta identidade hifenizada, a porção “teuta” afirmaria a ascendência, a origem étnica e nacional e a lealdade à língua, aos costumes, às instituições, enfim, ao modo de ser alemão. Por definirem, a partir da noção alemã, a nacionalidade por critérios de ascendência, consideravam legítimos que os imigrantes, assim como seus descendentes – nos quais corre sangue alemão – partilhassem dessa mesma identidade nacional. (...). À porção brasileira, por outro lado, ficariam garantidas a lealdade política e todas as obrigações que a ligação a um Estado comporta. Do ponto de vista jurídico, esta equação pautava-se no “jus sanguinis”, concepção utilizada como critério de nacionalidade até hoje na Alemanha.<sup>128</sup>

Essas especificidades podem ser observadas na colônia alemã de Presidente Venceslau por meio do periódico editado pelos imigrantes intitulado *Der Kolonist*. A análise desse jornal evidencia a dupla relação em que estavam envolvidos os colonos com a sociedade receptora e os próprios limites do grupo colonial. A idéia de identidade hifenizada é expressa por meio da estrutura do periódico, lançado em edição bilíngüe, o que pode ser interpretado como uma forma de a colônia se inserir no cotidiano da cidade. No que diz respeito às temáticas do jornal, vale destacar que essas diziam respeito ao dia-a-dia colonial, o que indica que os colonos não se fecharam entre si e percebiam a necessidade de integração.

Mesmo com a colônia Aymoré localiza fora do perímetro urbano, o contato entre a comunidade germânica com a população venceslauense era constante, por meio de trocas comerciais e culturais, pois a colônia era fornecedora de víveres para a cidade, como foi constatado no trabalho de Armando Pereira Antonio.<sup>129</sup> Já a população de Presidente Venceslau participava em algumas confraternizações da colônia, quando se faziam presentes algumas autoridades da cidade, tal como ocorreu no caso das comemorações da Páscoa de 1933 e se registrou no relatório da Associação Escolar Teuto-Brasileira Aymoré, endereçada à diretoria da Associação alemã de professores<sup>130</sup>, pelo presidente Christian Maier. A festividade que, segundo o documento, agradou os brasileiros, contou com cantos e recitais em língua alemã:

Na páscoa, a Associação celebrou uma festa escolar no salão do Sr. Koller, ao qual os representantes dos servidores públicos brasileiros, bem como o diretor da escola estadual deste país compareceram, os senhores se manifestaram elogiosamente sobre os recitais e cantos das crianças em língua pátria, tal os agradou muito na festa escolar alemã<sup>131</sup>.

<sup>128</sup> SILVA, Haike Roselane Kleber da. *Op. cit.*, p. 239 - 240

<sup>129</sup> ANTONIO, A. P. *O Processo de ocupação das terras no extremo sudoeste paulista: A colônia alemã no município de Presidente Venceslau – São Paulo*. Rio Claro: Mestrado em Geografia, 1984.

<sup>130</sup> Associação escolar teuto-brasileira – Presidente Venceslau, 29 de Abril de 1933. – Documento sob guarda do Instituto Martius-Staden.

<sup>131</sup> Idem.

O professor Joahnnes Keller, em suas viagens ao oeste do Estado de São Paulo, também menciona a participação da comunidade brasileira nas festividades desenvolvidas pela escola, em conjunto com a Igreja Luterana, em sua passagem pela cidade de Presidente Venceslau:

Em 25 de dezembro as escolas primeiramente mencionadas celebraram uma bela festa de natal no salão do Sr. Koller. Discursos, canto, declamações, um festival mudando em seqüência colorida, e presta testemunho do quão seriamente o Sr. Niedhardt<sup>132</sup> desempenhou seu trabalho. Encontravam-se também muitos da cidade entre os convidados. O Sr. Dr. Álvaro, diretor da colônia e prefeito, simpático aos alemães e grande protetor da escola alemã, estava presente, e o poder armado fizera-se representar pelo Tenente Sr. Mathias Coelho, que estivera presente com a esposa e filhos, e conversou magnificamente.<sup>133</sup>



**Figura 5: Crianças reunidas com o professor Niedhardt em confraternização na colônia Aymoré.**

<sup>132</sup> Professor Gustav Niedhardt exerceu funções na escola Aymoré até 1931.

<sup>133</sup> No Extremo Oeste do Estado de São Paulo – Relatório de viagens do professor Johannes Keller. – Documento sob guarda do Instituto Martius-Staden.



**Figura 6: Encenação da peça “Menino Jesus na manjedoura”, no natal de 1929. Festas como essa, ocorridas na colônia Aymoré, contavam com a participação de autoridades de Presidente Venceslau.**<sup>134</sup>

Essas confraternizações demonstram a importância dos alemães na cidade. O comparecimento do Prefeito, na festa natalina organizada pelos colonos nos atesta a boa relação que mantinham com o poder público até o início da década de 1940. Não se pode desprezar o fato de os imigrantes alemães serem encarados, pelo menos por parte da elite intelectual do país, que flertava com as teorias raciais que dominavam a antropologia da época, como um povo culturalmente superior e que poderia colaborar e aprimorar o tipo nacional.

Ao analisar o início do Governo Vargas, René Gertz insistiu no bom relacionamento entre as colônias germânicas do Sul do Brasil e os governos Federal, Estadual e Municipal:

Com as “colônias” das grandes cidades o governo brasileiro procurou manter boas relações, o que correspondia à sua atitude diante do governo alemão. Sempre que havia quaisquer comemorações na colônia alemã do Rio de Janeiro, Vargas procurava estar pessoalmente presente ou enviava um de seus colaboradores mais graduados para representá-lo. (...) Esse comportamento certamente visava criar um clima favorável nas relações com a Alemanha.<sup>135</sup>

No âmbito comercial, em um primeiro momento, os colonos organizaram-se para a concretização de cooperativa agrícola, na tentativa de conseguir melhores condições de venda no comércio da cidade. Contudo, devido à evolução precária dos

<sup>134</sup> Fotos em poder do Instituto Martius-Staden.

<sup>135</sup> GERTZ, René. *O Fascismo no Sul do Brasil*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987. p. 65.

meios de produção da colônia e dos baixos preços dos produtos cultivados, a cooperativa, no começo da década de 1930, não logrou êxito e acabou desestruturando-se. Somado a isso, o núcleo urbano de Presidente Venceslau contou com a firma Comercial e Exportadora Platzeck Ltda. – Comércio/Indústria, cujo proprietário era o teuto-brasileiro Frederico Platzeck.<sup>136</sup> Beneficiador de arroz, vendedor de ferragens, cereais, secos e molhados, madeiras e outras miudezas, atuava como intermediário entre a colônia e os habitantes da cidade:

As relações comerciais estabeleciam-se portanto, da seguinte forma: o colono levava e vendia o excedente agrícola para o comerciante teuto-brasileiro Platzeck, ou para outro comerciante estabelecido no núcleo urbano. Estes por sua vez ofereciam mercadorias manufaturadas ou mesmo agrícolas para os colonos.<sup>137</sup>

Entende-se que após alguns anos e devido à relativa estruturação do espaço colonial, as relações entre os colonos e a cidade de Presidente Venceslau se desenrolaram de forma positiva, a exemplo do que ocorria com outras colônias no país. Por estar em um ambiente rural, a colônia Aymoré cultivou víveres para comercializar no centro urbano mais próximo. Houve, também, o deslocamento de alguns colonos para o município, que deixaram a vida de agricultor e se tornaram comerciantes, o que talvez possa ser interpretado como um processo de ascensão social.

---

<sup>136</sup> Pouco se sabe sobre a atuação do colono Frederico Platzeck nas relações entre a colônia e a cidade de Presidente Venceslau. Nas inúmeras fontes consultadas, relatórios de viagens, jornais da colônia, filiações ao Partido Nazista, cartas da Associação escolar, nada é mencionado sobre ele. Entende-se que se tornou um rico comerciante, sendo que nos dias atuais sua família ainda mantém posses na cidade. Todavia, com exceção da parte comercial, percebe-se que pouco se relacionou com a colônia alemã, ou se manteve distante das questões sócio-culturais.

<sup>137</sup> Idem. p. 139.

**Padaria Allemã**

Pães, doces, biscoitos,  
Aceita-se encomendas para  
Casamentos, baptizados e  
outras festas.

Massas feitas com o afa-  
mado fermento  
Fleischmann.

**Bernardo Aipperspach**  
Pres. Wenceslau.

1—3

Figura 7: Anúncio de estabelecimento de imigrantes alemães na cidade de Presidente Wenceslau. *Jornal A Gazeta* – 15 de dezembro de 1940

Tal suposição é reforçada pela análise das propagandas comerciais presentes no jornal *A Gazeta*, que circulou na cidade de Wenceslau de 1939 a 1945<sup>138</sup>. Nesse periódico observamos, com certa constância, um bom número de propagandas referentes a estabelecimentos alemães no centro urbano da cidade. Encontram-se propagandas de secos e molhados, fortificantes, padaria e da casa comercial e exportadora de Frederico Platzeck, o que leva a entender que a comunidade teuta não se mantinha enclausurada, e sim em contato constante com a sociedade local.

<sup>138</sup> O primeiro número de *A Gazeta* refere-se a 19 de fevereiro de 1939. Constatamos que o jornal continuou a circular após 1945, contudo, delimitando nosso recorte cronológico, o estudo sistemático do material limitou-se apenas ao ano do fim da ditadura Vargas.



**Figura 8: Propaganda da exportadora do alemão Frederico Platzeck, em edição comemorativa do Jornal *A Gazeta* – 22 de Dezembro de 1940**

É importante sublinhar que o estreitamento comercial e cultural dos alemães da colônia Aymoré com a área urbana de Presidente Venceslau pode não ter se desenvolvido de forma intencional, como uma política voltada para esse fim. As fontes que puderam ser analisadas figuram-se no fim da década de 1930 e início de 1940, ou seja, quase 20 anos após a chegada dos primeiros colonos à região. O contato dos imigrantes com a população venceslauense, nesse caso, é fruto de um desenrolar natural da inserção desse imigrante, que precisava integra-se comercialmente com a população para manter-se em sua terra e que também justificasse seu trabalho na lavoura.

A transferência de famílias para a área urbana também faz parte desse processo, uma vez que, acredita-se, nem todos os colonos teutos que se fixaram na região sabiam trabalhar na lavoura e, como a maioria, houve dificuldades para se habituar ao clima e as condições de plantio em terras brasileiras.<sup>139</sup>

Entretanto, entende-se que houve uma preocupação de certos segmentos da colônia em inserir o cotidiano da colônia na vida da população brasileira. A publicação do jornal colonial em língua alemã e portuguesa ocorre antes do governo Vargas instituir as leis nacionalizadoras e criar uma política específica para esse tipo de impresso, obrigando os imigrantes a usar a língua oficial do país. Como foi ressaltado anteriormente, manter os laços com o país de origem e preservar a cultura germânica

<sup>139</sup> Sobre a questão climática e as dificuldades em relação ao plantio em terras brasileiras vide o Capítulo 1.

não necessariamente entrava em conflito com a integração dos colonos com o país e a sociedade que os acolheu.

Ainda, sobre a participação da colônia alemã na cidade de Presidente Venceslau, temos o artigo assinado por Otto Brüll no jornal *A Tribuna*, intitulado *A importância econômica da colônia alemã de Presidente Wenceslau*<sup>140</sup>, no qual é classificado como de extrema relevância a produção de gêneros desses colonos para a venda no perímetro urbano, destacando-se a produção de milho, feijão, arroz e café, além da participação da comunidade teuta no comércio e na indústria, que segundo o autor “*gozam de grande popularidade junto à população local por força de suas capacidades, e são envolvidos em todos os compromissos maiores.*”<sup>141</sup>



**Figura 9:** Propaganda sobre a visita do proprietário do jornal *A Gazeta* a fabrica de bebidas Aymoré – 19 de fevereiro de 1939.

Esse contato demonstra bem a boa relação da comunidade germânica com a população de Presidente Venceslau que, por hora, eram percebida como importante para a cidade. O germanismo não defende a total rompimento dos alemães em relação a

<sup>140</sup> *A Tribuna* – Órgão Independente, 8 de julho de 1933

<sup>141</sup> Idem

outras comunidades, e sim a defesa de que esse relacionamento não desagregue a cultura germânica e os costumes vinculados a origem étnica alemã.

Ainda no jornal *A Gazeta*<sup>142</sup> há comentários elogiosos em relação à Fábrica Aymoré, na qual eram produzidas bebidas “(...) de ótimo paladar e de preparo esmerado”.<sup>143</sup> Consta-se que, em relação à colônia Aymoré, a manutenção de seus costumes não impediu que a colônia mantivesse boa relação com a cidade, principalmente no ramo comercial. Contudo, após o início do conflito mundial (1939), a relação entre os imigrantes alemães e a população brasileira alterou-se profundamente e Presidente Venceslau não ficou alheia aos acontecimentos.

Todavia, antes do agravamento das relações entre germânicos e brasileiros no final da década de 1930 e começo de 1940, não apenas as relações comerciais se mantinham firmes entre a colônia Aymoré e a população da cidade de Venceslau. No âmbito cultural, houve a exibição de filmes, a exemplo de *Minha Pátria*. Segundo o letreiro, a película mostrava “as mais belas paisagens da Alemanha”, e poderia ser vista no Cine Casari, que, como revela o material iconográfico<sup>144</sup>, localizava-se no perímetro urbano de Presidente Venceslau e o filme poderia ser assistido por todos os munícipes interessados no tema.<sup>145</sup>

---

<sup>142</sup> *A Gazeta*, 19 de fevereiro de 1939.

<sup>143</sup> *Idem*.

<sup>144</sup> Material iconográfico disponível no Instituto Martius-Staden.

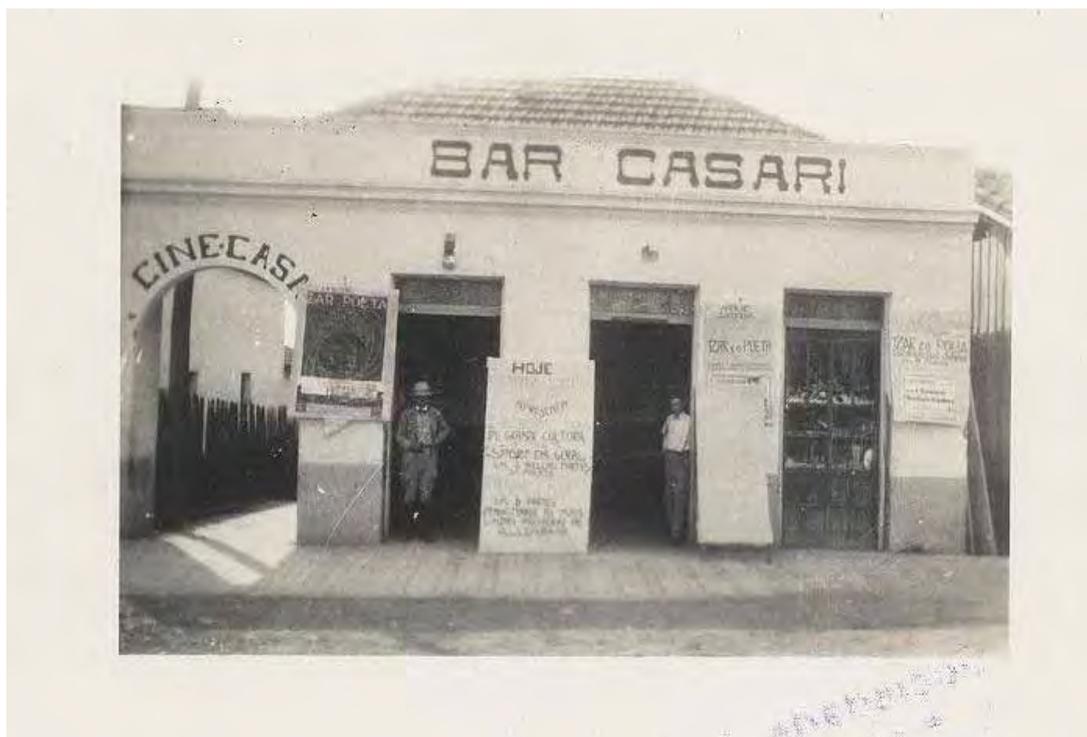


Figura 10: Local, localizado no perímetro urbano de Presidente Venceslau, no qual se vinculou filmes sobre a Alemanha



Figura 11: Detalhe do letreiro escrito em português. O filme não se endereçava exclusivamente a comunidade teuta de Venceslau. Fonte: Instituto Martius-Staden

Apesar da impossibilidade de datar a foto, pode-se supor que se tratasse de um filme semelhante a centenas que foram distribuídos pela Alemanha para fazer propaganda do seu regime. Note-se que o tom laudatório, “2 interessantes films de

grande cultura”. *Minha Pátria* propõe-se a mostrar as mais belas paisagens da Alemanha, e o próprio nome convida a imaginar tratar-se de produção com teor nacionalista.

O interessante, nessa questão, é a intenção em passar a película na área urbana da cidade, afinal a esmagadora maioria da comunidade teuta morava na área rural. Percebe-se que o filme não se endereçava ao público germânico da cidade, pois se assim fosse seria exibido na própria colônia. A intenção em vincular um filme, que tem a proposta de mostrar as “mais belas paisagens da Alemanha”, teria um propósito maior do que apenas o de conhecimento, por parte da cidade, da pátria de muitos dos habitantes de Venceslau. Poderia nesse caso trabalhar dois objetivos: Nutrir nos alemães distantes da pátria a ideologia nacional-socialista e fazê-la simpática aos habitantes dos lugares que os abrigaram.

O próprio letreiro, em português e não em alemão ou bilíngüe, demonstra que o público alvo da reprodução seria a comunidade não germânica da cidade. Contudo, até que ponto a vinculação da película teria uma finalidade político-ideológico não é possível afirmar. Entretanto, o desconhecimento do teor da reprodução não minimiza sua análise e não descaracteriza o foco principal que está sendo levantado.

A questão debatida, nesse sentido, elucida parte da relação dos colonos com a cidade. A integração dos imigrantes não se dava apenas na área comercial, como necessidade em levantar recursos para melhorar a vida material dos moradores da colônia. A necessidade em editar um jornal bilíngüe e a vinculação de filmes alemães na área urbana, demonstra o esforço despendido pelos colonos para estreitar o relacionamento com os brasileiros de Venceslau.

Havia ainda, em 1940, propaganda no jornal *A Gazeta*, na qual se anunciava, na mesma papelaria, o livro *Minha Luta*, de Adolf Hitler. Não é possível afirmar se o anúncio foi pago por algum alemão da cidade ou se foi colocado pelo dono do jornal. Entretanto, o que deve ser ressaltado é que mesmo em 1940 não havia maiores problemas entre a comunidade germânica e sua relação com o nazismo com a população brasileira da cidade. Até 1941, encontram-se propagandas, com certa periodicidade, de estabelecimentos teutos na cidade. Contudo, a partir de 1942 todos os anúncios desaparecem e as matérias sobre os imigrantes começam a se tornar mais rígidas, sendo que os teutos começam a ser classificados como “súditos do Eixo”.

A relação amistosa entre a comunidade e a cidade acabou por se deteriorar com o passar dos anos e tornou-se crítica a partir de 1942, ainda que a causa de tal situação

não se deva a questões internas da colônia, ou seja, as tensões foram causadas pela situação internacional. Mas, antes disso, acredita-se que os alemães estiveram bem estabelecidos na cidade, tanto nas relações pessoais dos integrantes da colônia com as autoridades, quanto por meio das atividades comerciais desenvolvidas no perímetro urbano de Wenceslau.



Figura 12: Jornal *A Gazeta* – 10 de Novembro de 1940.

A preocupação em preservar o *Deustchtum* na colônia deu-se paralelamente ao processo de integração social. Mantinham a língua pátria, faziam festas nas quais cantavam músicas alemãs, ostentavam os símbolos nazistas, mas, ao mesmo tempo, mantinham viva a necessidade de construir boas relações com o país que os acolheram e integrar o cotidiano de ambas comunidades, por meio das relações culturais.

Observa-se essa preocupação pela análise do relatório referente ao aniversário de 10 anos da escola alemã da colônia Aymoré, comemorada no ano de 1935, no qual estava explícito esse sentimento de preservação da cultura germânica aliada aos cumprimentos dos deveres com a pátria receptora. Segundo o documento, o êxito da escola na colônia, reafirmada como peça fundamental na preservação da germanidade entre os colonos, devia-se, entre outras coisas, a atuação e esforço da seção local do Partido Nacional-Socialista na cidade. Mesmo assim, salientava-se a obrigatoriedade e as responsabilidades em relação às leis do país:

Principalmente, somos gratos também à associação Hans Staden, cujos senhores da diretoria estiveram sempre prontos a nos ajudar, apoiar e aconselhar, e aos que muitas vezes não tiveram receio da longa viagem até nós, se tal estivesse em jogo, para intervir no próprio local e remediar as dificuldades existentes.

Também nos comprometemos a agradecer à seção local do Partido Nacional Socialista em Pres. Wenceslau: trabalhamos conjuntamente, em leal camaradagem, cômnicos da grande responsabilidade que temos para com a

nossa pátria, e do mesmo modo conscientes da mesma responsabilidade que nos é imposta através do cumprimento das leis da pátria que nos acolheu, o Brasil.<sup>146</sup>

Mesmo após a consolidação do Partido Nazista na Alemanha e a suposta organização de uma de suas seções na cidade de Venceslau, não parece ter havido empecilho para a manutenção de boas relações com as autoridades locais. É óbvio que esse discurso ocorreu antes do processo de nacionalização instaurado no Estado Novo por Getúlio Vargas. Entretanto, o cerco aos imigrantes tornou-se mais incisivo no ano de 1942, momento em que o Brasil rompeu relações com os países do Eixo e que o discurso referente à comunidade germânica de Venceslau ganhou outros contornos. Até aquele momento havia boa relação entre o governo e a comunidade alemã no país, que podia manifestar suas opções políticas e ideológicas.

---

<sup>146</sup> Relatório datilografado encontrado no Instituto Martius-Staden. (Grifos nossos). – O relatório encontra-se com o nome rasurado e ilegível, possivelmente devido as referências ao Partido Nazista

### Capítulo 3 - Alemães sob suspeita: O nazismo e o “perigo alemão” no Brasil

Diversos estudos referentes à temática da atuação do partido nazista no Brasil surgiram em decorrência da abertura dos arquivos políticos do DOPS, os quais contêm farta documentação sobre a atuação e o envolvimento da comunidade germânica radicada no Brasil com o partido nacional-socialista e suas atividades.<sup>147</sup>

A pesquisa sistemática nesses arquivos, espalhados em diversos estados, forneceu múltiplas possibilidades de interpretação e lançou luzes sobre o estudo das comunidades germânicas no país. Por meio desses trabalhos, elucidaram-se questões quanto à percepção do alemão em relação à pátria de origem, as rupturas e permanências no que diz respeito à germanidade, as maneiras como a comunidade se relacionava com o Brasil e a percepção dos imigrantes ao novo regime alemão, instaurado em 1933.

Esse olhar, lançado por meio de nova análise, também redimensionou a abordagem sobre o papel da ideologia germanista em relação à comunidade teuta no país. A adesão ou não desses colonos à ideologia do III Reich pode elucidar até que ponto os vínculos pátrios se mantiveram após a emigração e se a referida adesão foi ideológico-partidária ou apenas cultural.

Ana Maria Dietrich, historiadora que se debruçou sobre essa documentação, tanto no Brasil quanto na Alemanha, afirmou que o partido nazista no exterior estava muito bem estruturado e trabalhou incisivamente para mostrar aos alemães, e porque não convencê-los, de que o nacional-socialismo formaria uma nova Alemanha e que os teutos, mesmo no exterior, participavam desse processo histórico:

O partido nazista no exterior esteve presente em 83 países do mundo, com 29 mil integrantes. É intrigante saber que países com realidades históricas tão distintas compartilharam desse ponto em comum: a presença do movimento organizado do nazismo por meio de um partido político e a disseminação da ideologia nazista nas décadas de 1930 e 1940.<sup>148</sup>

<sup>147</sup> CARNEIRO, M.L.T.(org.). *Inventário Deops. – Alemanha*. São Paulo: Arquivo do Estado, 1997; DIETRICH, A.M. *A Caça às Suásticas. O Partido Nazista em São Paulo sob a mira da Polícia Política*. Monografia de Mestrado, F.F.L.CH., USP, 2001. DIETRICH, Ana Maria. *Nazismo Tropical? O Partido Nazista no Brasil*. São Paulo: Doutorado em História. Universidade de São Paulo, 2007; MORAES, E. de S. *EIN VOLK, EIN REICH, EIN FÜHER. A seção brasileira do Partido Nazista e a questão nacional*. Mestrado em História. Rio de Janeiro: Museu Nacional da UFRJ, 1996; PERAZZO, P. F. *O Perigo Alemão e a repressão policial no Estado Novo*. São Paulo: Arquivo do Estado, Imprensa oficial do Estado, 1999.

<sup>148</sup> DIETRICH, Ana Maria. *Nazismo Tropical? O Partido Nazista no Brasil*. p. 19.

A atuação do partido, o número de filiações, as festas e instituições criadas e/ou financiadas com capital hitlerista levantaram para os historiadores a questão das nuances e das diferentes relações que os colonos mantinham com o país acolhedor. Os diferentes momentos de imigração também colocam indagações, pois, segundo as pesquisas, as colônias que remontavam à imigração do final do século XIX e começo do século XX, como as do sul do Brasil estudadas por Gertz, mostraram-se menos receptivas às investidas dos ideólogos nazistas:

A tomada do poder na Alemanha teria trazido inicialmente entusiasmo para os teutos no Brasil, quando, porém, começaram a aparecer os partidários, o entusiasmo se desfez. Ninguém pode tolerar, quando se grita contra o indolente teuto-brasileiro que não pode mais ser contado como integrante do povo alemão. (...) O número de membros do partido no Brasil permaneceu, em consequência, bastante baixos. As fontes divergem, mas mesmo que se admita os números mais altos que são apresentados, apenas pequeno percentual de teutos tornou-se partidários.<sup>149</sup>

Todavia, as imigrações mais recentes, datadas principalmente do período entre guerras, ou seja, da década de 1920 principalmente, parece terem se mostrado mais receptivas à ideologia nacional-socialista e mais entusiasmadas com a subida de Hitler ao poder em 1933. Essa afirmação pode ser apoiada na análise do número de filiados ao partido no Brasil, no qual o Estado de São Paulo, de imigração alemã mais recente, ocupou o primeiro no país, conforme se observa abaixo.

#### Distribuição dos Filiados à Seção Brasileira do NSDAP por Data e por Estado.

	SR	Até 193 0	193 1	193 2	193 3	193 4	193 5	193 6	193 7	193 8	193 9	194 0	194 1	Total
SR	4	2	4	9	14	25	2	29	39	8	0	1	0	137
AL	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	1
AM	0	0	0	0	0	0	0	0	3	1	0	0	0	4
BA	0	0	0	3	2	18	9	0	7	0	0	0	0	39
CE	0	0	0	0	0	2	0	0	2	0	0	0	0	4
ES	0	0	0	8	3	23	0	2	4	0	0	0	1	41
GO	1	0	0	0	0	0	0	0	0	22	0	0	0	23
MG	0	0	1	2	8	24	0	5	25	1	0	0	0	66
MT	0	0	0	0	0	0	0	8	18	5	0	0	0	31
PA	0	0	0	5	5	1	0	7	7	2	0	0	0	27
PB	0	0	0	1	4	12	0	4	0	0	0	0	0	21
PE	1	0	0	3	2	26	4	2	3	2	0	0	0	43

<sup>149</sup> GERTZ, R. *O Fascismo no Sul do Brasil. Op. cit.*, p. 85-86.

PR	2	0	1	5	21	52	1	64	30	9	0	0	0	185
RJ	4	8	19	97	121	135	4	11	35	11	2	0	0	447
RS	4	10	11	43	79	100	22	100	50	20	0	0	0	439
SC	0	30	20	23	103	136	22	128	40	26	0	0	0	528
SE	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1
SP	6	6	14	41	46	313	8	168	111	53	3	16	0	785
Tota l	22	56	70	241	408	867	72	529	374	160	5	17	1	2822

SR = Sem referência de data de filiação ou endereço<sup>150</sup>

A questão é relevante principalmente para o contingente imigratório que se dirigiu à região sudeste na década de 1920. Tais imigrantes deixavam a Alemanha por conta de problemas políticos, econômicos e sociais decorrentes da derrota na Primeira Guerra Mundial e da assinatura do Tratado de Versalhes, em 1919, quando imperou um clima de grande intranquilidade no país, devido às inúmeras exigências impostas pelos países vencedores.

O imigrante que aportou em São Paulo no referido período muito possivelmente mantinha vínculo mais estreito com a pátria de origem, pois sua condição de imigrante era mais recente do que os que se dirigiram ao Sul do Brasil. Os estados do Sul já contavam, em alguns casos, com teutos de terceira geração, o que, certamente, interferiu na percepção mantida em relação à Alemanha, principalmente no que tange ao sentimento de derrota e humilhação que abateu a maioria dos alemães nesse período.<sup>151</sup> O fato foi explorado exaustivamente pelos ideólogos do III Reich e, possivelmente, despertou sentimentos nacionalistas também nos alemães de além-mar, os quais mantinham relações mais próximas com a questão.

Outro aspecto importante em relação às filiações ao partido nazista no Brasil esteve na sua própria estrutura e normas. Em recente pesquisa, Dietrich afirmou que só eram aceitas filiações de alemães natos e que esses se diferenciavam dos outros imigrados, pois formariam uma espécie de elite política dentro da comunidade. Sobre os alemães que chegaram no período entre guerras, esclareceu:

O vínculo com a pátria era maior e eles próprios se diferenciavam dos teuto-brasileiros da primeira onda imigratória denominando-se como *Reichsdeutsche* (alemães do Reich), em contraposição com os teutos, denominados *Volksdeutsche* (alemães do povo). Somente os *Reichsdeutsche*

<sup>150</sup> MORAES, E. de S. *Op. cit.*

<sup>151</sup> Percebe-se, porém, que o número de filiados ao partido em Santa Catarina e no Rio Grande do Sul está entre os maiores do país. Todavia, proporcionalmente ao número de alemães nesses estados, as filiações em São Paulo e no Rio de Janeiro ganham maior expressividade.

podiam entrar nos quadros partidários, daí a grande concentração dos partidários em estados como São Paulo.<sup>152</sup>

A circunstância ajuda a compreender a maior quantidade de filiados nas regiões de imigração recente, mesmo tendo a região Sul do país um contingente mais expressivo do que em outras partes do Brasil. Somado a isso, há o fato de a estrutura do partido localizar-se no Estado de São Paulo o que, possivelmente, facilitou a atuação de seus ideólogos e propagandistas nessa região do país.

Segundo os registros policiais, o partido nazista no Brasil foi criado em 1931, na cidade do Rio de Janeiro. Contudo, sua atuação efetiva começou em 1934, quando da transferência da sede para a cidade de São Paulo, onde teria funcionado abertamente até o ano de 1938 sob a chefia de Hans Henning von Cossel.<sup>153</sup>

O ano de 1934 é emblemático para o partido no Brasil, pois foi nesse momento que ocorreu o maior número de filiações. Até 1933 contava com poucos quadros, uma vez que as filiações crescem de forma lenta desde a data da fundação. Em relação à cidade de Presidente Venceslau, as primeiras adesões também ocorreram em 1934, mais precisamente em 1 de dezembro. A mudança da sede para São Paulo, assim como subida de Hitler ao poder no ano anterior, possivelmente despertaram o interesse dos colonos na agremiação, o que também se constatou na colônia Aymoré.

Nos seus anos iniciais, o partido não teve problemas com o Estado brasileiro, que mantinha intensas relações comerciais com a Alemanha, segundo maior parceiro econômico do país:

Apesar da pressão norte-americana, que chegou ao nível de ameaçar a imposição de um bloqueio continental das dívidas geradas pela exportação de produtos brasileiros para os Estados Unidos, um acordo teuto-brasileiro foi assinado em fim de 1934 (...). O comércio teuto-brasileiro cresceu consideravelmente à luz de acordos bilaterais. De um lado, expandiram-se substancialmente as vendas de café e algodão (...). Argumenta-se que a política brasileira foi uma “resposta oportunista” ao acirramento das rivalidades econômicas interimperialistas da década de 1930, ao mesmo tempo mantendo o apoio político norte-americano e expandindo seu comércio com a Alemanha.<sup>154</sup>

De acordo com Roberto Gambini, a Europa e, principalmente, a Alemanha desempenhavam papel fundamental na economia brasileira da década de 1930, inclusive

<sup>152</sup> DIETRICH, Ana Maria. *Nazismo Tropical?... Op. cit.*, p. 58.

<sup>153</sup> DIETRICH, A.M. *A Caça às Suásticas. O Partido Nazista em São Paulo sob a mira da Polícia Política*. p.66.

<sup>154</sup> FAUSTO, B. (org). *O Brasil republicano*. In: *História Geral da civilização brasileira*. São Paulo: DIFEL/ Difusão Editorial, 1984 p. 24-25.

superando os Estados Unidos. Dessa maneira, não era interessante ao Governo Vargas criar atritos com a comunidade alemã que também contava com a simpatia de alguns membros do alto escalão:

Na década de 30 (...) o comércio brasileiro dependia grandemente da Europa, que se apresentava como principal fornecedor de produtos industriais. O predomínio europeu nesse terreno manteve-se praticamente inabalado entre 1932 e 1938, correspondendo a cerca de 55% das importações brasileiras (...). O período compreendido entre 1936 e 1939, quando ocorre a decretação do Estado Novo, assiste o apogeu da influência comercial alemã no Brasil, superior por alguns pontos à americana, extinguindo-se porém bruscamente a partir de 1940.<sup>155</sup>

Nesse contexto, o partido nazista pode funcionar e aumentar o número de filiados, por meio de atividades propagandísticas. Quanto à estrutura, o partido dividiu-se em núcleos estaduais e municipais, sob a responsabilidade de chefes e vice-chefes estaduais, chefes de distrito, tesoureiros, secretários, além de responsáveis pela propaganda ideológica em rádios, jornais, panfletos, livros e música.<sup>156</sup> Sérgio Correia da Costa, por sua vez, afirmou que, no Estado de São Paulo, o Partido nacional-socialista foi organizado em círculos, blocos e células.<sup>157</sup> Os primeiros repartiam-se entre norte, sul, leste e oeste, sob os codinomes de *SELLGE*, *SYANPIUS*, *ANDRIESSEN* e *EISDENDECKER*. As ordens do partido eram transmitidas por mensageiros que usavam codinome e números de telefone em código.<sup>158</sup>

No primeiro momento, ou seja, entre 1931 a 1938, o Partido Nazista expandiu-se no Brasil e tinha como meta declarada a “regermanização” da população alemã residente no país. Valia-se de propaganda ostensiva e causou grande efervescência na colônia germânica,<sup>159</sup> que não ficou insensível a certos aspectos da ideologia pregada pelos agentes do Reich.<sup>160</sup>

Nesse período, o governo brasileiro procurou manter boas relações com a colônia alemã, em sintonia com sua postura diante do governo alemão. As

---

<sup>155</sup> GAMBINI, R. *O duplo jogo de Getúlio Vargas: influência americana e alemã no Estado Novo*. São Paulo: Ed. Símbolo, 1977. p. 105.

<sup>156</sup> Idem, p.67.

<sup>157</sup> COSTA, S. C. da. *Crônica de uma Guerra Secreta. Nazismo na América: A conexão Argentina*. Rio de Janeiro: Record, 2004.

<sup>158</sup> Idem, p.257.

<sup>159</sup> SEYFERTH, G. *Op. cit.*, p. 306-307.

<sup>160</sup> René Gertz pouco conhece acerca da postura assumida pelo que ele chama de “minoría silenciosa”. Entretanto, personalidades ligadas ao germanismo viam com simpatia o regime nazista, por representar o reerguimento da pátria-mãe e a retomada dos princípios germanistas. GERTZ, R. *Op. cit.*, p. 50.

comemorações da colônia germânica no Rio de Janeiro sempre contavam com ilustre a presença do Presidente Getúlio Vargas ou de seus representantes:<sup>161</sup>

Assim, no período que antecede o Estado Novo o governo Vargas já manifestava tendências autoritárias e racistas – mostrando assim simpatia por certos elementos do sistema autoritário alemão, como a constituição de uma raça homogênea como necessidade para à construção de um Estado Nacional; a unidade cultural como inerente a nação, um projeto educacional de valorização do trabalho, da pátria e da família e um órgão de propaganda, responsável pela institucionalização de um universo simbólico que, edificado através de imagens manipuladas e impostas, garantia a continuidade do regime.<sup>162</sup>

Enquanto o governo brasileiro considerou o imigrante teuto como importante para a construção da brasilidade, com seus ideais de trabalho e obediência, e a Alemanha um parceiro econômico privilegiado, as manifestações nacional-socialistas puderam ocorrer. Em diversas localidades, era comum ostentar a bandeira com a suástica e manter a foto do Führer em estabelecimentos comerciais e moradias particulares. Tratava-se de símbolos nacionais, que lembravam uma pátria que os imigrantes e/ou seus filhos orgulhavam-se de pertencer ou descender:

A ascensão do nazismo nos anos 30, na Alemanha, lançou mão da propaganda ideológica entre os alemães, inclusive no Brasil. Tal recurso de propagação das idéias nazistas pretendia colocar-se como um conjunto de idéias-força que visavam recobrir todo o campo cultural que se pretendia dominar. O “campo cultural que se pretendia dominar” era, justamente, aquele onde estavam inseridos os alemães que moravam no Brasil e que, de uma forma ou de outra, procuravam sempre preservar os elementos que simbolizavam sua “Pátria-mãe”.<sup>163</sup>

Nesse momento a alusão ao nazismo não poderia surpreender e admirar o regime ou seu líder não necessariamente tornava o alemão aqui residente um “súdito do eixo”. A questão identitária também ganhava contornos acentuados, pois referências a essa ideologia e seus símbolos reafirmavam o sentimento de pertencimento dos colonos em relação à nação de origem e os punha em contato com a “verdadeira” cultura, como o germanismo apregou diversas vezes.

<sup>161</sup> O Governador do Rio Grande do Sul, Flores da Cunha, na comemoração dos 110 anos de imigração alemã em 1934, decretou feriado no 25 de julho. Idem. p.66

<sup>162</sup> PERAZZO, P. F. *O Perigo Alemão e a repressão policial no Estado Novo*. São Paulo: Arquivo do Estado, Imprensa oficial do Estado, 1999. p. 36.

<sup>163</sup> PERAZZO, P. F. *Op. cit.*, p. 58.

### 3.1 – Manifestações “nazistas” em Presidente Venceslau?

Iniciada na década de 1920, a colônia alemã de Presidente Venceslau constituiu-se de imigrantes que deixaram a Alemanha após o conflito de 1914. Conheciam, portanto, os problemas enfrentados pelo país e os vivenciaram, mesmo à distância, por meio das notícias vindas de amigos e parentes que lá continuaram.

O fortalecimento do nazismo no início da década de 1930 e a estruturação do partido no Brasil em 1934 não deixaram de atingir os colonos residentes em Venceslau, como se constata pelo material iconográfico,<sup>164</sup> como também pelas filiações ao partido. Segundo Armando Pereira Antônio, que estudou a constituição econômica e fundiária da colônia Aymoré, houve incisiva campanha a favor do nazismo no seio da colônia, havendo mesmo imigrantes que venderam suas terras e voltaram à Alemanha:

Entre 1935 e 1939, o III Reich faz grande campanha pedindo a volta dos alemães radicados no Brasil e no resto das Américas. Slogans como: “Volte para unificar e reconstruir a Alemanha”; “Volte para o Reich”; “Volte para a pátria”; “Volte para a terra, pelo Hitler”, circulavam por toda a Schwaben Kolonie (...). De fato, essa chamada de Hitler comoveu muitos colonos, pois havia promessas de empregos, terras, etc; é a partir daí que a colônia começa a entrar em decadência. De 20 a 30% dos colonos vendem suas terras e voltam para a Alemanha.<sup>165</sup>

Ainda sobre a questão, no jornal *O Sitiante*, auto intitulado “Semanal independente da colônia alemã de Presidente Venceslau”, já em 1933, fornecia notícias sobre o nazismo e decisões tomadas pelo então Chanceler Adolf Hitler. As menções à pátria de origem e ao regime não significam a adesão do jornal à causa nazista ou mesmo simpatia à ideologia. No entanto, dava a conhecer fatos importantes da Alemanha, governado pelo partido nacional-socialista,

O Chanceler do Reich alemão, Adolf Hitler, explicou a saída deste da Aliança Popular e da Conferência do Desarmamento, fez desligar o parlamento e anunciar novas eleições em 12 de novembro, junto ao qual se realiza um plebiscito sobre sua administração do Estado.<sup>166</sup>

Mesmo sem fazer referências positivas ao nacional-socialismo, o semanário mantinha os colonos de Venceslau informados sobre as questões referentes à pátria, pedia donativos para a campanha de “Ajuda de inverno alemã”. Em todos os textos, citava-se o partido, como se todos os fatos ocorridos lhe estivessem estreitamente

<sup>164</sup> Material iconográfico sob guarda de famílias da cidade e em relatórios do DOPS, disponíveis para consulta no Arquivo do Estado de São Paulo.

<sup>165</sup> ANTONIO, A. P. *Op. cit.*, p. 203 – 294.

<sup>166</sup> *O Sitiante* – 22 de outubro de 1933.

ligados. Também há notícias e informativos, estampados pelo próprio partido no jornal da colônia, como o que pede colaboração em prol dos necessitados no inverno:

O regime nacional-socialista iniciou sua batalha na Alemanha contra a fome e o frio do próximo inverno. Nenhum compatriota, rico ou pobre, pode negar sua participação nessa obra filantrópica, surgida em períodos difíceis (...). Pelos seus irmãos necessitados e desempregados. Demonstrem seu amor pela pátria através da ação.

O representante nacional em exercício do partido nacional-socialista, Dr. Menk.

Ministro do Reich alemão, Dr. Schmidt Eslskop.<sup>167</sup>

Percebe-se que a ideologia nacional-socialista não era corpo estranho entre os colonos de Presidente Venceslau. Ligados à pátria de origem por questões culturais ou laços familiares, os colonos se interessavam pelo que ocorria na Alemanha. Logo, no decorrer da década de 1930, com o fortalecimento do regime hitlerista na Alemanha, as manifestações simpáticas à doutrina começaram a aparecer, materializadas em bandeiras, símbolos nas roupas e saudações como o famoso “Heil Hitler”, prática comum na escola da colônia.

Datam de 1934 as primeiras filiações de colonos de Venceslau ao partido nazista e até 1936 registraram-se 26 filiados, um número pequeno, mas que fez do núcleo um dos mais expressivos do interior de São Paulo. Segundo Luis Edmundo de Moraes, autor de um dos estudos mais completos sobre o partido no Brasil, o número de filiados no Estado de São Paulo foi o maior do país e a capital contou com 366 membros.<sup>168</sup> O restante dividiu-se em algumas cidades próximas: Campinas (38 filiados); Santos (37); Santo André (34) e, logo depois, Presidente Venceslau.

O pequeno número de filiações foi uma constante nas cidades do interior. Em Venceslau, o número foi até inexpressivo, tendo em conta que a comunidade contava com centenas de colonos e poucos se sentiram impelidos a aderir à agremiação. É difícil precisar a causa do baixo número de filiados, mas há que se considerar que, de acordo com Armando Pereira Antônio, vários imigrantes voltaram à Alemanha após a propaganda nazista. Pode-se elencar muitas causas para o regresso: saudade, melhora da situação econômica do país, o fato de o imigrante ter juntado economias, percalços familiares e até mesmo resposta aos apelos do nazismo. Somente uma pesquisa específica com os que deixaram o país poderá esclarecer a questão.

<sup>167</sup> *O Sítiante* – 29 de outubro de 1933.

<sup>168</sup> MORAES, L. E. de. *Op. cit.*

É importante identificar os cidadãos residentes em Venceslau que se filiaram ao partido:

Filiados ao Partido Nazista na cidade de Presidente Venceslau

Nome	Data de filiação	Cidade que nasceu	Profissão
Albert Zucker	1/jan/1936	Kleinsachsenhauser	Agricultor
Hermann Domke	1/dez/1934	Heinrichsgrund	Agricultor
Ernest R. Eberhard	1/jan/1936	Leutkirch	Eletricista
Werner Eckert	1/dez/1934	Chemnitz	Motorista
Heinrich Graefe	1/dez/1934	Delitsch	Mecânico
August Hammerschmidt	1/mar/1936	Dedersteldt	Agricultor
Michael Heckmaier	1/Nov/1936	Freising	Maquinista
Friedrich Herbster	1/mar/1936	Graben	Maquinista
Georg Herold	1/mar/1937	Gyoergyhaza	Agricultor
Emil Jock	1/mar/1936	Schwemingen	Vidraceiro
Karl Kaffka	1/mar/1936	Ellafka	Agricultor
Emil W. Klein	1/dez/1934	Warnicken	Mecânico
Paul Koch	1/mar/1936	Beutelsbach	Agricultor
Heinrich Krimmer	1/dez/1934	Gaildorf	Agricultor
Gottlob Lehmann	1/dez/1934	Beuren	Carpinteiro
Max E. Lotze	1/dez/1934	Erfurt	
Adolf Mehler	1/jul/1938	Weisbaen	Comerciante
Erich Oebser	1/dez/1934	Thalhthheim	Comerciante
Johannes Pippus	1/jan/1936	P. Venceslau	Agricultor
Ernest Seddig	1/dez/1934	Pregelswalde	Contratador
Fritz Stephan	1/mar/1936	Erfurd-nord	Agricultor
August Trautmann	1/jan/1936	Dittersbach	Agricultor
Erich Trautmann	1/dez/1934	Dortmund	Agricultor
Ernst Trauymann	1/dez/1934	Dortmund	Agricultor
Richard Voss	1/ago/1936	Jabel/Meckl.	Agricultor
Richard Weyler	1/dez/1934	Schwenningen	Comerciante

**Fonte:** Grupo: Alemão 6 – Partido Nazista – Cx. 754. – Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro.

A lista acima permite supor que se tratava de pessoas comuns, agricultores, motorista, maquinista, eletricista, membros da comunidade que, a princípio, não desempenhavam papel de destaque na comunidade. Entretanto, o baixo número de filiados não permite inferências acerca do grau de influência do nazismo entre os alemães da cidade. Já um indício a ser considerado é a foto apreendida pelo DOPS e sob a guarda do Arquivo do Estado de São Paulo, na qual se encontram vários colonos ostentando o símbolo nazista, e não apenas os 26 filiados, o que pode evidenciar uma possível simpatia pelo regime naquele momento:



**Figura 13: Reunião de colonos alemães em Presidente Venceslau. A ostentação de símbolos nazistas, segundo a lógica policial, era prova irrefutável da adesão da colônia ao regime hitlerista. Fonte: Prontuário 5405, Nazismo (vol. 1 e 2), DEOPS/SP, DAESP.**

Segundo a lógica policial, a imagem representaria a inauguração da sede do partido nazista em Presidente Venceslau. Não se pode afirmar que tal assertiva seja verídica, pois entre os órgãos repressores da época predominava a interpretação de que qualquer manifestação da colônia era uma adesão político-ideológica ao nazismo. De fato, na construção ao fundo identifica-se, na parte superior da casa, o símbolo nacional-socialista, indicação de que não havia a preocupação de esconder o símbolo do regime hitlerista e também da Alemanha.

A questão é importante, pois não se pode afirmar a existência na colônia Aymoré de uma comunidade “nazificada”. Sabe-se que havia na cidade uma célula do partido e que eram comuns manifestações explícitas de simpatia ao regime. Entretanto, ostentar os símbolos e reverenciar seu líder não torna a comunidade teuta da cidade adepta dos ideais da agremiação. Sabe-se que nesse momento o partido nazista e a Alemanha se confundiam e que ser nazista era uma forma de ser patriota, de reverenciar a pátria, de sentir-se membro do país. Entende-se, portanto, o possível fascínio por parte dos colonos em relação ao regime, às melhorias econômicas e sociais alcançadas

naquele momento e propagandeadas entre os teutos do país. Ainda eram recentes as lembranças da Alemanha arrasada e humilhada, que tiveram que abandonar. Sem dúvida, havia mudanças em curso e que pareciam resgatar o antigo orgulho alemão.

O início da década de 1930 também foi emblemático para os colonos. Foi então que os alemães de Venceslau começaram a melhorar financeiramente e a estruturar de maneira satisfatória a colônia, como atesta a construção do novo prédio escolar. A prosperidade colonial foi sentida como um prolongamento do que ocorria também na Alemanha. Não é demais afirmar, que os imigrantes sentiam-se parte do país que haviam deixado, afinal, a ligação identitária não foi esmaecida em uma década de permanência no Brasil.

Mas, essa identificação com o país de origem, que num primeiro momento não trouxe problemas para a comunidade, começou a ser tornar uma questão das mais sérias no início da década de 1940, quando as relações entre o Brasil e a Alemanha deterioraram-se. Os imigrantes de Presidente Venceslau, que até aquele momento mostraram simpatia ao regime hitlerista, inclusive com membros filiados ao partido, sentiram as dificuldades da guerra, materializadas na propaganda contra os “súditos do Eixo”, nas hostilidades da sociedade venceslauense e no aparato repressivo elaborado pelo governo Vargas.

### **3.2 – O Estado Novo: nacionalização e repressão contra o imigrante indesejável**

A relação entre a colônia alemã e a cidade de Presidente Venceslau que se pautava por trocas amistosas e relativa integração social e econômica, conheceu mudanças drásticas que culminaram em 1942 num ambiente de animosidade, por força do curso das relações internacionais.

Entre os anos 1920 e 1930, a imigração alemã, então estimulada pelo governo e entendida como peça importante na construção da identidade nacional, começou a ser percebida como empecilho para o projeto de nacionalização posto em prática pelo governo Vargas. Já em 1938 quando o isolamento, expresso na lealdade à cultura do seu grupo, chocou-se com os próprios ideais perseguidos pelo Estado brasileiro, os quistos

étnicos foram denunciados por intelectuais e autoridades governamentais e alimentaram o suposto fantasma do “perigo alemão”:<sup>169</sup>

O imigrante desejável – branco, protestante, camponês – até 30, era sinônimo de progresso e portador de qualidades almeçadas para a formação do brasileiro idealizado. O bom colono deveria ter amor ao trabalho, à família e respeito às autoridades, além de ser sóbrio, perseverante, resignado, habilidoso, etc.<sup>170</sup>

Sobretudo após 1937, ganhou força a discussão a respeito da “nação incompleta”. Os intelectuais envolvidos com o regime propunham forjar a identidade nacional por meio de políticas instituídas pelo Estado e que visariam tornar a nação brasileira homogênea racial e culturalmente. O discurso baseava-se no caldeamento das diversas etnias existentes no país com o intuito de “criar” o “ser nacional”, mesmo que para isso foi necessário se valer de práticas repressivas.

Para Tucci Carneiro, a mudança do discurso em relação ao imigrante estrangeiro foi conseqüência das transformações na postura do executivo brasileiro após a implantação do Estado Novo, quando os interesses em jogo ganharam novos contornos e a identidade tornou-se assunto de segurança nacional. O imigrante, antes classificado como peça chave para o país, transformou-se em problema, passando a ser vigiado e coagido. Nas suas palavras,

Sua identidade de cidadão desejável ou indesejável – por sua raça, cultura, moral ou religião – foi sempre construída pela diferença em relação ao “outro”. Dependendo dos interesses em questão, o imigrante era olhado como estrangeiro inassimilável, atrasado, grosseiro, ou então símbolo do progresso, da civilização e, até mesmo, de raça pura (...). O imigrante era bem vindo desde que se integrasse ao “nós”, atendendo as regras impostas pelos ordenadores da sociedade brasileira. A partir do momento em que se tornava inoportuno à ordem instituída, propondo reformas sociais e políticas – ou seja, procurando instituir uma nova ordem segundo ideologias exóticas – sua identidade era questionada como “perigosa à composição racial da população ou à segurança da Nação.”<sup>171</sup>

Em relação à comunidade germânica residente no país, havia a idéia de um “suposto” complô germânico, que visava anexar parte do território brasileiro ao Reich alemão e que se processou com maior ou menor intensidade em diversos momentos da história da imigração teuta para o Brasil. Frente ao pequeno contato que esses imigrantes mantinham com os nacionais e os diversos mecanismos que visavam preservar a identidade alemã, não faltou quem alertasse para os riscos de

<sup>169</sup> NEUMANN, R. G. *‘Quem nasce no Brasil, É brasileiro ou traidor’*. As colônias germânicas e a campanha de nacionalização. São Leopoldo: Mestrado em História – UNISINOS, 2003. p. 115

<sup>170</sup> Idem. p. 121.

<sup>171</sup> CARNEIRO, M.L.T. A imagem do imigrante indesejável. In: *Seminários: Imigração, repressão e segurança nacional*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2003. p. 23.

desnacionalização, especialmente do Sul do país, e isso já no contexto da Primeira Guerra. Corria a lenda que os teutos mantinham total obediência ao governo alemão e que a qualquer momento, com apenas um chamado da pátria, os colonos se voltariam contra os brasileiros, em defesa dos interesses da pátria-mãe:

De acordo com o projeto estadonovista, a sociedade brasileira deveria ser um todo orgânico, razão pela qual o germanismo era visto como uma ameaça a Segurança Nacional (...). A intensa vida cultural dos alemães do sul era incomoda à construção do nacionalismo brasileiro (...). Neste contexto de “institucionalização da xenofobia”, a presença do estrangeiro era visto como prejudicial à criação de uma raça homogênea e de um povo integral sob a alegação de que, desta forma, defendia-se o cidadão brasileiro e o progresso material e moral do país. O alemão-nazista passou a ser considerado mais um entre os vários tipos de “cidadãos sob suspeita”, ao lado de outros tantos indesejáveis políticos como os comunistas, integralistas, anarquistas, etc.<sup>172</sup>

Entretanto, segundo René Gertz, tal medo não se baseava em fatos, pois nunca houve um projeto que visasse o ataque alemão ao território brasileiro e que usaria como “armas” as colônias do Sul. Não se nega que houvesse real interesse do governo alemão nos imigrantes aqui radicados, mas com vistas a estreitar as relações comerciais e abrir novos mercados entre os países:

A idéia de não-integração, de segregação, de antipatriotismo e de anticidadania ganhou nova dimensão com a criação do império alemão em 1871 e do quadro internacional daí resultante (...). Certamente alguns desses ideólogos e estrategistas alemães – mais exaltados e menos realistas – pensavam até numa anexação, na criação de uma colônia alemã como os franceses as tinham na Ásia e na África. A maioria, porém, pensava a presença de descendentes de alemães como fator fundamental para a conquista do mercado local.<sup>173</sup>

Mesmo assim, no início do século XX e, posteriormente, com a declaração de guerra do Brasil à Alemanha na Primeira Guerra Mundial, as reações anti-germânicas no país exarcebaram-se, fato que novamente ocorreu nos anos 1940:

Semelhante sentimento também de manifestara anteriormente, quando da declaração de guerra do Brasil à Alemanha durante a Primeira Guerra Mundial (...). Nas primeiras décadas do século XX, as reações anti-germânicas provinham da sociedade e não tanto do governo, como acontecera nos anos 40.<sup>174</sup>

Dessa maneira, com a criação do Estado Novo elaborou-se um projeto de homogeneização patrocinado pelo estado que, buscando proteger a identidade brasileira do perigo de outras etnicidades, lançou mão de novas leis,<sup>175</sup> conhecidas como leis

<sup>172</sup> DIETRICH, A.M. A Caça às suásticas. *Op. cit.*, p. 58-61.

<sup>173</sup> GERTZ, R. *O perigo alemão*. p. 15.

<sup>174</sup> PERAZZO, P. *Op. cit.*, p. 50.

<sup>175</sup> O Decreto-lei nº 383, de 18/04/1938, vedava a prática de qualquer atividade de natureza política por parte dos estrangeiros no País. Proibiu-se, ainda, os estrangeiros de criar ou manter sociedades,

nacionalizadoras, que controlavam a entrada, a permanência e a organização dos estrangeiros no país:<sup>176</sup>

A campanha de nacionalização fora mais repressiva do que educativa. Seus idealizadores viam na pluralidade étnica uma ameaça para a formação da nacionalidade brasileira, devendo ser eliminada. O grande problema girava em torno de definir quem era o brasileiro, pois, de modo mais amplo, essa denominação englobava tanto o estrangeiro residente como os brasileiros naturalizados e os brasileiros de nascimento. Em nome da proteção dos valores nacionais, então, todo estrangeiro passou a ser tratado como um infrator em potencial.<sup>177</sup>

Essa primeira etapa da repressão deve ser interpretada sob a ótica do nacionalismo e da xenofobia de um Estado autoritário que, por meio de legislação específica, legitimou medidas de cunho racial e xenófoba. A campanha de nacionalização adotada pelo governo estadonovista associava-se ao projeto de Vargas de restringir as atividades estrangeiras consideradas nocivas à construção da brasilidade. Objetivava-se atingir a unidade nacional, por meio da integração dos imigrantes e descendentes, mesmo que para tanto fosse preciso recorrer a práticas repressivas.

A perseguição à colônia alemã, simpatizantes e agentes do nazismo deu-se nos anos de 1942 a 1945, momento em que o Brasil posicionou-se contra os países do Eixo.<sup>178</sup> Contudo, sob a influência americana,<sup>179</sup> a idéia de “perigo alemão” exarcebou-se via veiculação de notícias em panfletos anônimos, que alertavam a população brasileira sobre o perigo que colônias alemãs representavam para a integridade territorial brasileira, pois, segundo se argumentava, tal a comunidade estaria em plena articulação com o III Reich, com o objetivo de concretizar a anexação dos estados do Sul do Brasil:<sup>180</sup>

Apesar da discussão em torno da veracidade do “perigo alemão”, percebemos que essa idéia era, constantemente, vinculada na imprensa brasileira e sul-americana. Aparecia, também, como uma preocupação nos discursos das autoridades brasileiras, além de circular sob a forma de livros acadêmicos e panfletos (...). Sob a influência ou não dos Estados Unidos, tais notícias

---

companhias ou clubes de qualquer caráter, ainda que tivessem por fim a propaganda ou a difusão de quaisquer ideais entre seus compatriotas. Já o Decreto-Lei nº 406, de 04/05/1938 proibiu a formação de núcleos coloniais de uma única nacionalidade, enquanto o Decreto-Lei nº 868, de 18/11/1938 impôs a nacionalização integral do ensino primário em todos os núcleos estrangeiros.

<sup>176</sup> LESSER, J. *Op. cit.*, p.230.

<sup>177</sup> NEUMANN, R. G. *Op. cit.*, p. 126.

<sup>178</sup> “... a nacionalização (...) vai se realizar em dois níveis: um, o educativo, outro, o repressivo (...). A ação nacionalizadora no campo da educação se desencadeou de forma generalizada logo após a implantação do Estado Novo; a ação repressiva foi inicialmente mais seletiva, visando, preferencialmente, aos nazistas e parte dos integralistas, mas depois de 1942 se voltou de forma generalizada contra tudo que ‘fosse’ alemão ou relacionado com o ‘Eixo’”. GERTZ, R. *O Perigo Alemão*. p.64-65.

<sup>179</sup> TOTA, A.P. *O Imperialismo Sedutor. A Americanização do Brasil na época da Segunda Guerra Mundial*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

<sup>180</sup> PERAZZO, P.F. *Op. cit.*, p.54-55.

induziram as pessoas a acreditarem realmente na intenção de a Alemanha ocupar territórios deste continente e que as colônias de imigrantes instaladas no sul do Brasil serviriam como ponta de acesso para a penetração estrangeira. A idéia agravou-se em 1942, quando tanto o Brasil como outros países da América passaram a investigar a dimensão dessa penetração nazista, ainda que fosse bastante distorcida, como apontam alguns estudiosos.<sup>181</sup>

Daí a polícia política haver arquitetado diferentes formas de controle: a Delegacia dos Estrangeiros, à qual cabia identificar os imigrantes; o Serviço de Salvo-Conduitos, que autorizava ou não a locomoção pelo território nacional, além de outros dispositivos de segurança que foram acionados no combate aos estrangeiros, como a intervenção em sociedades culturais, a fiscalização permanente de igrejas, escolas e até residências, sendo terminantemente proibido o uso de qualquer língua que não a vernácula:

Na segunda metade da década de 30, os quistos étnicos chamavam a atenção dos intelectuais e das autoridades governamentais, despertando, mais uma vez, o fantasma do “perigo alemão”. Como resultante, desencadeara-se a Campanha de Nacionalização, na qual assimilação e caldeamento foram encarados como sinônimos.<sup>182</sup>

De acordo com Dietrich, as comunidades alemãs suspeitas de nazismo foram classificadas em diversas categorias,<sup>183</sup> usadas como referência para julgamentos de crimes políticos, uma vez que seus integrantes pertenciam a um país com o qual o Brasil estava em guerra. Qualquer alemão constituía-se num suspeito em potencial, pois falar a língua, publicar ou ler jornal em alemão, ouvir rádio, ter fotos ou objetos que mostrasse ligação com a Alemanha era utilizado como “prova de crime” passível de enquadramento na categoria espíões.

Efetivamente, houve elementos da comunidade germânica residente no Brasil que, além de simpatizantes e propagandistas do Eixo, trabalhavam para o governo alemão como espíões<sup>184</sup>. No entanto, é obvio que nem toda a colônia aderiu às atividades nazistas e mesmo o simples ato de possuir símbolos nazistas, como a imagem do Führer, a bandeira com a suástica ou fazer juramentos de fidelidade para com a pátria de origem não faziam desses imigrantes adeptos político-ideológicos do regime do III

<sup>181</sup> PERAZZO, P.F. *Op. cit.*, p. 53.

<sup>182</sup> NEUMANN, R. G. “*Quem nasce no Brasil é brasileiro ou traidor*”. *As colônias germânicas e a campanha de nacionalização*. *Op. cit.*, p. 115.

<sup>183</sup> Essas categorias eram: A- Filiação ao Partido Nazista; B- Propaganda Nazista; C- Simpatia pelo Eixo; D- Anti-nacionalismo ou Anti-brasilidade; E- Anti-semitismo; F- Passado comprometedor; G- Participação em Células Nazistas ou em instituições alemãs suspeitas; H- Porte de provas comprometedoras; I- Relações de amizade.

<sup>184</sup> HILTON, S. *Suástica sobre o Brasil, A história da Espionagem Alemã no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1977.

Reich<sup>185</sup>. Por vezes, tais situações não eram mais que momentos de confraternização dos colonos que não necessariamente implicava em aderir ou concordar, com o regime vigente na Alemanha.

Nesse contexto, a polícia política (DOPS), em nome da segurança nacional e munida do aparato ideológico e institucional, usou o que foi chamado de “lógica da desconfiança”, e levou a cabo uma verdadeira “caça às suásticas” junto às residências, locais de trabalho, bancos, escolas, enfim, qualquer lugar que abrigasse teutos e descendentes, numa busca incessante de todo material que pudesse subsidiar o discurso policial e legitimar o tratamento do imigrante alemão como inimigo oficial do Estado.<sup>186</sup>

A “caça às suásticas”, legitimada pela legislação dedicada aos “súditos do eixo”, processou-se junto às residências e locais de trabalho dos alemães proprietários de jornais, bancos, empresas e escolas. Nestas ocasiões, apreendiam tudo o que a seu ver poderia ser utilizado como prova do crime: fotos, livros, cartas, agendas de telefone, etc. Este material se prestava para subsidiar a lógica do discurso policial funcionando como peças dos inquéritos de investigação.<sup>187</sup>

Assim, alemão tornou-se sinônimo de nazista e essa comunidade, tanto urbana como rural, foi reprimida e, em certos casos, encarcerada. Identificaram-se dois tipos de perigo: primeiro, pelo fato dessa comunidade não se adequar à política nacionalizadora empreendida pelo governo Vargas, tornando-se um entrave para a questão da identidade nacional; e, em segundo, por ser encarada como representante do nacionalismo e do imperialismo do III Reich, que precisava ser combatido tanto nacional como internacionalmente.

### **3.3 - Presidente Venceslau e a repressão à colônia “nazificada”**

É de se supor que a idéia de vigilância e repressão às comunidades germânicas do país, proposta pelo Governo Vargas, encontrou terreno fértil também na cidade de Presidente Venceslau, local que mantinha uma importante colônia alemã e que, em diversos momentos, mostrou-se simpática ao movimento político vindo da Alemanha.

---

<sup>185</sup> “Cabe ressaltar que essa simpatia à ideologia pelo III Reich ainda que profundamente enraizada na comunidade alemã de São Paulo, não significou uma adesão partidária em massa. Porém, percebe-se que os agentes nazistas encontravam-se infiltrados em praticamente todos os segmentos sociais da comunidade alemã, pregando fidelidade ao Führer e a construção de uma grande nação alemã que extrapolaria os limites territoriais da Alemanha.” DIETRICH, A.M. *Op. cit.*, p.132.

<sup>186</sup> DIETRICH, A.M. *Op. cit.*, p.132.

<sup>187</sup> Idem. p. 122.

Por meio da historiografia especializada e fontes primárias, percebe-se que houve um movimento na cidade que tinha como proposta vigiar os teutos e empregar, de forma sistemática, todas as leis elaboradas pelo Governo Federal. Se, no decorrer das décadas de 1920 e 1930, os alemães da colônia Aymoré eram tratados como pessoas importantes da cidade e suas festas e comemorações contavam com a presença de figuras de destaque da sociedade local, a situação modificou-se com o agravamento da crise internacional, ao que se somava a política nacionalizadora de Vargas.

As dificuldades encontradas por esses imigrantes transparecem por meio da análise do jornal local. Até o rompimento das relações diplomáticas entre Brasil e Alemanha, as empresas de colonos alemães estampavam boa quantidade de propagandas nas páginas do semanário, situação que se modifica no ano de 1942. Entre 1942 e 1945, momento limite da pesquisa, não se encontra nenhuma menção a estabelecimentos alemães, algo costumeiro entre 1939 a 1941. Tal constatação permite afirmar que houve um mal estar entre a comunidade venceslauense e a colônia.

A questão da integração comercial é importante, pois noticiar seus estabelecimentos no jornal local foi uma estratégia bem sucedida na ascensão econômica. O desaparecimento das propagandas no período de crescente hostilidade entre a comunidade nacional e a alemã no país obviamente não foi fruto do acaso. Se antes havia notícias sobre padarias, bebidas, vendas de rádios, entre outros, nada se encontra após 1942. As únicas menções aos alemães são aquelas que se referem às leis nacionalizadoras e outros tipos de hostilidades, conforme se verá.

Armando Pereira Antônio, ao indagar os alemães da cidade, na década de 1970, sobre questões referentes ao início da colônia, todos se mostraram solícitos e atenciosos. No entanto, quando o questionamento referia-se à década de 1940 e a influência do nazismo na colônia, a relação se modificava visivelmente e o pesquisador encontrou sérias dificuldades para abordar o tema:

Durante o período das aplicações do primeiro questionário, no ano de 1977, ao indagarmos sobre as influências do nazismo, de Hitler e da Segunda Guerra na colônia, sentimos mudanças drásticas nos comportamentos dos imigrantes entrevistados. Alguns procuravam não dar importância a esses fatos, outros procuravam mudar de assunto e inclusive sugerindo continuar a entrevista num outro dia, dando a entender que não queriam falar. Outros ainda comentavam como seus filhos, em língua alemã, que estavam cansados e que não queriam continuar fornecendo informações. Um outro fato curioso foi de um alemão muito prestativo, inicialmente, que prometeu procurar no seu baú recortes de jornais, diários, fotos, enfim informações sobre a colônia; quando perguntamos sobre o período de 1935-45, ele praticamente se transformou, passou a responder secamente, sem muitas explicações, dando a entender que a entrevista não estava agradando; e no final da entrevista veio a seguinte informação: “olhe, eu havia esquecido que minha filha fez uma

limpeza geral no porão, e jogou todos os papéis “velhos” no fogo, no lixo, sinto muito, não posso arrumar os documentos que você quer”.<sup>188</sup>

A postura dos colonos em relação à questão não permite concluir que foram adeptos ou simpatizantes do nazismo. A atitude, muito provavelmente, indica uma forma de defesa desses imigrantes, confrontados com momentos dolorosos de suas vidas, nas quais a sua situação se transformou consideravelmente. Para Rosane Garcia Neumann, que trabalhou com a questão da nacionalização das comunidades germânicas no Sul do país, a omissão e o silêncio são práticas constantes entre os colonos alemães que viveram esse período:

Contudo, essas lembranças traumatizantes, proibidas, indizíveis ou vergonhosas permanecem zelosamente guardadas em estruturas de comunicação oral, transmitidas de uma geração a outra, no espaço privado do domicílio familiar, em relações de sociabilidade afetivas e/ou políticas. Esse longo silêncio sobre o passado, “longe de conduzir ao esquecimento, é a resistência que uma sociedade civil impotente opõe ao excesso de discursos oficiais.”<sup>189</sup>

A vigilância em torno da comunidade se processou de diversas formas, seja de maneira institucional, legitimada pelos órgãos repressores do governo Vargas, seja por parte da própria comunidade venceslauense, que, algumas vezes, se organizou para defender os “interesses da pátria”. Em artigo do jornal *A Gazeta*, de 30 de agosto de 1942, intitulado *Defesa Pacífica* e assinado por Armando de Oliveira Campos, noticiava-se a criação na cidade da Associação dos Pioneiros do Brasil, que tinha como finalidade combater a espionagem na transmissão radiotelegráfica, nos serviços de mensageiros, “prestando sua colaboração para a defesa da pátria”. O autor, em tom patriótico, deixou claro que a questão se referia especificamente à comunidade alemã quando afirmou:

Neste momento de angústia para nossa estremecida pátria, urge se congregarem todos os brasileiros para esmagar a hidra, esse chefe acelerado do hitlerismo, que ameaça aniquilar a liberdade dos povos. (...). Se na paz os pioneiros cuidam do desenvolvimento físico e moral, tornando sadio o corpo, subordinando-o aos rígidos princípios da honra e do dever, na guerra é natural sentirem a justa indignação pelas afrontas recebidas e cooperarem para subjugar o inimigo comum e, com especialidade, os fariseus de nossa Pátria, esses “quinta-coluna”, que pretendem nos trair.<sup>190</sup>

Ao referir-se ao “hitlerismo” logo no início do artigo, o autor delimitou claramente a quem ele se referia, e afirmou que, em Presidente Venceslau, estava em

<sup>188</sup> ANTÔNIO, A. P. *Op. cit.*, p. 135-136.

<sup>189</sup> NEUMANN, R. G. *Op. cit.*, p. 12.

<sup>190</sup> Jornal *A Gazeta* – 30 de agosto de 1942. (grifos nossos)

curso a criação de uma associação para combatê-los. Não foi possível obter informações sobre essa organização nem o seu grau de atuação. Entretanto, entende-se que a sua constituição revela a situação conflituosa entre segmentos da cidade com a comunidade germânica do local.

A vigilância da comunidade em torno das colônias foi uma constante em diversas partes do país, o que contribuía para a ação da polícia. Criava-se uma percepção de perigo que pudesse justificar as práticas repressivas, usando, além dos mecanismos do estado, a idéia de que o cidadão comum também deveria imbuir-se de um sentimento patriótico e zelar pela segurança do país:

A polícia contava com a delação para o seu trabalho, não importando muito a veracidade das denúncias. Para ela, a vida de cada cidadão deveria ser como um livro aberto, sem segredos. Durante a II Guerra Mundial, das grandes às pequenas cidades eram rastreadas, em busca de vestígios suspeitos, apreendendo o que pudesse vir a ser comprometedor.<sup>191</sup>

Inúmeros também foram os “lembretes” direcionados aos imigrantes da cidade sobre as questões de nacionalização e fiscalização. Nota-se que alguns deles eram comunicados da própria polícia, que divulgava aos estrangeiros as determinações das instâncias superiores e da delegacia local, enquanto outros eram de responsabilidade do próprio jornal, o que revela atuação por parte da própria sociedade civil:

---

<sup>191</sup> NEUMANN, R. G. *Op. Cit.*, p. 160.



Figura 14: Notícia sobre apreensão de material considerado nazista na cidade de Presidente Venceslau. A *Gazeta* – 13 de junho de 1943

Fica patente que havia fiscalização por parte das autoridades policiais em torno da comunidade alemã da cidade, pois não foi encontrada nenhuma menção sobre apreensões em residências de italianos e japoneses na cidade.<sup>192</sup> O termo “súditos alemães”, empregado não apenas em Venceslau, mas em diversas partes do país, denota a subserviência dos colonos às ordens de Hitler, o que os tornava traidores do Brasil.

A contínua fiscalização e o clima de “perigo” muito provavelmente afetaram tanto o dia-a-dia da comunidade venceslauense quanto o cotidiano dos alemães, com diversas disposições legais empregadas no sentido de delimitar sua rotina e manifestação na cidade. Em artigo intitulado *Superintendência de Segurança Política e Social*, encontra-se um comunicado da Delegacia de Polícia de Venceslau no qual eram elencados doze artigos que deveriam orientar a conduta dos estrangeiros da cidade para que mantivessem bom relacionamento com a polícia e a população. Entre eles estava a proibição de disseminar qualquer escrito em idioma estrangeiro, cantar hinos de seus

<sup>192</sup> Segundo Armando Pereira Antônio, havia em Presidente Venceslau, além da colonização alemã, outras colônias com grupos de espanhóis, portugueses, húngaros, italianos e japoneses. ANTONIO, A. P. *Op. cit.*, p. 103.

países, fazer “saudações peculiares a essas potências”, usar o idioma pátrio em locais públicos, expor símbolos de seus países, viajar sem salvo conduto, conversarem em locais públicos sobre a situação internacional, usarem armas, mudar de residência sem comunicarem a delegacia, entre outros.<sup>193</sup> Havia, ainda, um lembrete sobre a violência e a destruição desencadeada contra os imigrantes, fato repreendido pelo artigo e classificado como inútil, por repercutir prejudicialmente na economia nacional.

Segundo Armando Pereira Antônio, os teutos de Venceslau sofreram com a vigilância e a perseguição, com a proibição na circulação de seus jornais e na realização de jogos e reuniões. Entretanto, segundo ele, houve casos extremos, com a invasão de casas e prisões:

As casas dos alemães são arrombadas, reviradas, saqueadas; os livros, revistas, cartas e documentos pessoais dos imigrantes alemães são queimados. Uma simples conversa, ou reunião entre familiares e amigos, em língua alemã, e mesmo escutando noticiários em emissoras internacionais eram motivos suficientes para determinar prisões e arbitrariedades.<sup>194</sup>

<p><b>Os súditos dos países do Eixo e os clubes esportivos</b></p> <p>O sr. Presidente do Clube Hípico de Presidente Venceslau recebeu da Federação Paulista de Hipismo copia do seguinte comunicado:</p> <p>«Federação Paulista de Hipismo.</p> <p>Secretaria — Cópia Conselho Regional de Desportos</p> <p>Comunicado</p> <p>O Conselho Nacional de Desportos solucionando consulta formulada pelo Conselho Regional de Desportos do Est. de S. Paulo deliberou o seguinte:</p> <p>I—Reconsiderando sua de-</p>	<p>cisão anterior resolveu permitir que os súditos dos países do eixo voltem a frequentar as sedes sociais e á pratica desportiva, bem como aos técnicos o exercicio de suas funções desde que se mantenham afastados de todas as manifestações consideradas contra a segurança nacional.</p> <p>II—Conferir aos Conselhos Regionais, competencia para a eliminação sumaria de todos aqueles que por palavras ou atos testemunhados, não se mostrarem merecedores daquelas concessões»</p> <p>(a). <i>Silvio de Magalhães Padilha</i>, Conselheiro Presidente</p>
---	---

Figura 15: Autorização para os “súditos do Eixo” voltar a participar do Clube Hípico de Presidente Venceslau desde que se mantivessem afastados de “manifestações consideradas contra a segurança nacional.” – *Jornal A Gazeta* – 22 de novembro de 1942.

<sup>193</sup> *Jornal A Gazeta* – 1 de fevereiro de 1942.

<sup>194</sup> ANTONIO, A. P. *Op. cit.*, p. 203.

A atuação policial também foi incisiva e a colônia alemã da cidade esteve sob a vigilância do DOPS, como revela o inquérito do investigador nº 983, Mario Gomes dos Santos, de 15 de junho de 1943, intitulado de *Observações em torno de elementos nazistas na zona da Alta Sorocabana*.<sup>195</sup> No documento afirmava-se que o núcleo alemão nas redondezas da cidade era relativamente grande e que o delegado Dr. Benedito Carvalho Vêras, exercia severa fiscalização, uma vez que Presidente Venceslau encontrava-se muito próxima de Porto Epitácio que:

Presentemente vem oferecendo certo perigo, pois que a navegação que precede do porto Argentino POUSADAS, poderia muito facilmente conduzir elementos de espionagem, ou suspeitos e ainda, que venham fugido da República Argentina para infiltrarem-se no Brasil.<sup>196</sup>

O prontuário conserva uma foto apreendida de Germano Bremer, alemão da cidade de Presidente Bernardes, relativa ao partido nazista de Presidente Venceslau.<sup>197</sup>

Contudo, duas notícias vinculadas no jornal *A Gazeta* são de grande relevância para perceber o clima que prevalecia em relação aos imigrantes do Eixo, aí incluídos os alemães. O jornal de 23 de agosto de 1942, estampava a seguinte manchete: *Presidente Venceslau Reage contra a Brutal Agressão*.<sup>198</sup> No artigo, que não é assinado, discorria-se sobre a manifestação ocorrida no dia 19 de agosto, na qual “toda a cidade” reuniu-se na Avenida D. Pedro II em protesto contra a “brutal agressão aos submarinos corsários a serviço duma causa inglória”. Na manifestação, um dos oradores foi o professor Miguel Maisano, redator-proprietário do jornal. O único discurso transcrito foi o da Srta. Decco que, “em nome da mulher brasileira”, afirmou:

O Brasil está em perigo, por que a civilização esta ameaçada de destruição pelas hordas selvagens dos hunos modernos. O fascismo que é o crime organizado (sic) como governo, é o inimigo número um da humanidade e precisa ser amassado, precisa ser pulverizado (sic), precisa ser destruído totalmente.

E concluiu:

Vingança de sangue. O atentado de que foi vitima a nossa navegação costeira é a prova dos propósitos criminosos das tribos selvagens, que servem as figuras caricatas de Hitler, Mussolini e Hiroito.

Como seria de se esperar, sua proclamação terminou com um “Viva o Brasil!”.

---

<sup>195</sup> Prontuário 5405, Nazismo (vol. 1 e 2), DEOPS/SP, DAESP.

<sup>196</sup> Idem.

<sup>197</sup> Idem.

<sup>198</sup> *A Gazeta* – 23 de agosto de 1942. (grifos nossos)



**Figura 16:** Jornal *A Gazeta* de 23 de agosto de 1942 afirma que “toda” a cidade de Venceslau se mobilizou contra os “súditos do Eixo”. A situação dos colonos alemães se tornou problemática na cidade no início da década de 1940.

A matéria, escrita em tom ufanista, sugeria a grandiosidade da mobilização em Presidente Venceslau, contra o que se classifica de “tribos selvagens”. A matéria, estampada na primeira página do semanário, não deixa dúvida sobre o clima de animosidade existente na cidade e não hesitou em classificar as colônias alemã, italiana e japonesa como problemas de segurança nacional.<sup>199</sup> Entretanto, a apreensão de material classificado como nazista, a criação de uma associação civil com o intuito de combater o “hitlerismo” na cidade e a atuação de um investigador do DOPS, com a finalidade de observar “elementos nazistas” na região, deixam claro uma preocupação especial com a comunidade alemã local.

O cerco contra os estrangeiros de Presidente Venceslau fechava-se. Suas armas foram apreendidas, sua locomoção controlada por salvo-conduto, seus bens confiscados para pagar os prejuízos sofridos pelo Brasil em decorrência do afundamento de navios<sup>200</sup> e instalou-se uma severa fiscalização em torno dos imigrantes, tanto da polícia como da sociedade civil.

As manifestações simpáticas ao nacional-socialismo e as múltiplas maneiras de manter acesa a identidade germânica, que num primeiro momento foram permitidas, legitimaram, no início da década de 1940, o discurso repressor na cidade de Venceslau.

<sup>199</sup> Logo após as manifestações, no dia 30 de agosto de 1942, *A Gazeta* publicou o artigo “Defesa Pacífica”, assinado por Armando de Oliveira Campos.

<sup>200</sup> *A Gazeta* – 19 de abril de 1942.

Se, num primeiro momento, houve integração dos colonos à vida social e econômica da cidade, com os teutos podendo gozar de tranquilidade e autonomia para gerir seus negócios e sua vida associativa e manter boas relações com as autoridades da cidade, após a instalação da ditadura varguista e da vigilância sobre elementos considerados perigosos à unidade nacional, os colonos tornaram-se indesejáveis e perigosos. Suas manifestações foram automaticamente tomadas como adesão explícita ao nacional-socialismo e a manutenção da cultura germânica tida como um prolongamento do “perigo alemão”, tão propagado pela política e intelectualidade da época. Agora, o germânico tornava-se “súdito do Eixo” e deveria ser inspecionado e combatido.

## Conclusão

O primeiro contato com o objeto de pesquisa ocorreu em documentos do DOPS, localizados no Arquivo do Estado de São Paulo. Deparar com uma foto apreendida, na qual dezenas de imigrantes alemães, habitantes de uma pequena cidade no extremo sudoeste do Estado, ostentavam a suástica nazista causou estranhamento. Naquele momento havia a certeza de que os tentáculos do III Reich conquistaram corações e mentes no interior do país.

A lógica policial impunha-se ao consulente, que tomou o documento como prova incontestável da nazificação da comunidade. A pequena cidade de Presidente Venceslau seria, então, um reduto de Hitler no Brasil. Entretanto, percebe-se que a relação entre os imigrantes e sua pátria está além das observações superficiais, como a leitura da bibliografia especializada logo revelou. Os habitantes daquela comunidade haviam nascido na Alemanha, sentiam-se parte daquele organismo. Qual seria a percepção desses imigrantes em relação ao nazismo? Da certeza inocente à dúvida, esse foi o percurso intelectual da pesquisa.

A Alemanha que deixaram no início da década de 1920 e as dificuldades encontradas no novo lugar de moradia moldaram o seu entendimento em relação à identidade. Afirmar seu germanismo frente aos habitantes de Venceslau e no seio da comunidade colonial pressupunha manter fortes laços com a pátria. A construção da escola, a necessidade em manter a língua materna, a Igreja, as músicas e festas, todas essas práticas tinham como meta manter o *Deutschtum* vivo.

O aparecimento do nazismo e sua propagação no interior da colônia não podem ser dissociados da trajetória desses imigrantes e decorreram como um prolongamento de questões ocorridas tanto na Europa como no Brasil. Não se louvava o nazismo, mas a Alemanha. Por coincidência, o bom momento vivido pelo país europeu deu-se no exato momento das festividades do primeiro decênio da colônia. Passadas as adversidades, era o momento de transformação e as duas coisas – prosperidade colonial e nacional – pareciam caminhar juntas, o que pode ter desempenhado importante papel no imaginário da comunidade.

Tal interpretação pode ser abonada pelo pequeno número de filiados formais ao partido. A maioria dos colonos sentia-se parte do Brasil, mas queria manter acesa sua germanidade, seu respeito pela Alemanha. Naquele momento de orgulho para os alemães do mundo todo, reverenciar a pátria confundia-se com reverenciar o nazismo,

que se apropriou dos símbolos nacionais. Ostentar sua bandeira, cantar seus hinos, fazer a saudação hitlerista eram práticas às quais um bom alemão não se furtaria. E os teutos de Venceslau mantiveram seu patriotismo.

Obviamente havia membros da colônia mais exaltados, que entendiam o sentido político do nazismo e se identificaram com ele. Faziam proselitismo, filiaram-se, relacionavam a construção da escola com o Partido. Todavia, a maior parte da colônia Aymoré vivenciou um nazismo cultural, identitário e não político. A relação dos colonos com a cidade de Presidente Venceslau não foi marcada por incidentes ou tensões e os sentimentos xenófobos só afloraram diante da intensa propaganda contrária a essa colônia, fato ocorrido após o ano de 1942 e isso em âmbito nacional. Perseguidos, sabotados comercialmente, coagidos por matérias ofensivas, proibidos de manter suas práticas culturais, os alemães de Venceslau sofreram as conseqüências do momento beligerante que o mundo passava.

Estudar uma pequena comunidade imigrante no interior do Estado ajuda a perceber como as grandes relações político-sociais manifestam-se em escala menor, no microcosmo. Como o nazismo foi entendido, a forma como essa questão relacionava-se com a identidade do colono, como as relações entre brasileiros e alemães foram modificadas após o rompimento de relações diplomáticas com a Alemanha e a declaração de guerra.

A multiplicidade de abordagens historiográficas ganha outros contornos a partir da redução da escala de observação, como exemplifica o caso da colônia alemã de Presidente Venceslau. A foto recolhida por um agente do DOPS pouco ou nada diz sobre a verdadeira relação daquela comunidade com o nazismo. A busca de referências da pátria de origem entrou na rota do momento político vivido pela Alemanha na década de 1930. Por meio da ideologia germanista e das condições históricas vividas por esses colonos pode-se entender, verdadeiramente, sua relação com o nacional-socialismo que, obviamente, não é a que temos nos dias de hoje.

## Bibliografia

ABIB, R.G.O. *Sementes na terra roxa. Colônia Rio Grandense, um caso de imigração alemã no Vale do Paranapanema*. Presidente Prudente: Mestrado em Geografia. Faculdade de Ciência e tecnologia de Presidente Prudente, 1991.

ALBERTI, V. Histórias dentro da História. In: PINSKY, C. B. (org.). *Fontes Históricas*. São Paulo: Editora Contexto, 2005. pp.155-202.

ALISTAR, T. Histórias (co) movedoras: História oral e estudos de migração. In: *Revista Brasileira de História*, São Paulo, vol.22, nº 44, 2002. p. 359.

ALMEIDA, Ana Maria Chiarotti. *A morada do Vale. Sociabilidade e Representação: Um estudo sobre famílias pioneiras do Heimtal*. Londrina: Editora UEL, 1997.

AMADO, J. História e Região: Reconhecendo e Construindo espaços. In: SILVA, M. A. *República em Migalhas: História Regional e Local*. São Paulo: Editora Marco Zero, 1990. p. 7-15.

ANTONIO, A.P. *O Processo de ocupação das terras no extremo sudoeste paulista. A colônia alemã no município de Presidente Venceslau - São Paulo*. Rio Claro. Mestrado em Geografia. Universidade Estadual Paulista - Instituto de Geociências e Ciências exatas de Rio Claro, 1984.

BOMENY, H.M. B. Três Decretos e um Ministério: a propósito da educação no Estado Novo. In: PANDOLFI, D.(org). *Repensando o Estado Novo*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1999. p.137-166.

BRUSANTIN, B.de M. Na boca do sertão: *O perigo político no interior do Estado de São Paulo(1930-1945)*. São Paulo: Arquivo do Estado, Imprensa oficial do Estado, 2003.

CARNEIRO, M.L.T. (org.) *Inventário Deops- Alemanha*. São Paulo: Arquivo do Estado/Imprensa oficial do Estado, 1997.

\_\_\_\_\_ O Estado Novo, o Dops e a Ideologia da Segurança Nacional. In: PANDOLFI, D. (org) *Repensando o Estado Novo*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1999. p.137-340.

\_\_\_\_\_. A imagem do imigrante indesejável. In: *Seminários: Imigração, Repressão e Segurança Nacional*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2003.

COSTA, S. C. *Crônica de uma Guerra Secreta. Nazismo na América: A Conexão Argentina*. Rio de Janeiro: Record, 2004.

DAVIS, Natalie Zemon. *O Retorno de Martin Guerre*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987

DIETRICH, A. M. *A Caça às Suásticas. O Partido Nazista em São Paulo sob a mira da Polícia Política*. São Paulo: Mestrado em História. F.F.L.CH., USP, 2001.

\_\_\_\_\_. *Nazismo Tropical? O Partido Nazista no Brasil*. São Paulo: Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, 2007

FERREIRA, M. de M.; AMADO, J.(org.) *Usos e Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996.

FAUSTO, B. (org.). *O Brasil Republicano – Sociedade e Política (1930-1964)*. In: *História Geral da Civilização Brasileira*. 2º Ed. São Paulo: DIFEL/Difusão Editorial S.A. 1983. Vol. 3.

\_\_\_\_\_. *O Brasil Republicano – Economia e Cultura (1930-1964)*. In: *História Geral da Civilização Brasileira*. São Paulo: DIFEL/Difusão Editorial S. A. 1984. Vol. 4.

GALLIAN, D. M. C. O historiador como inquisitor ou como antropólogo? Um questionamento para os ‘historiadores orais’. In: *Revista de História*. São Paulo, nº 125/126, ago-dez/91 a jan-jul/92. p.93-103.

GAMBINI, R. *O Duplo jogo de Getúlio Vargas: influência americana e alemã no Estado Novo*. São Paulo: Ed.Símbolo, 1977.

GAUDIG, O.; PETER, V. *El partido alemán nacionalsocialista en Argentina, Brasil y Chile frente a las comunidades alemanas: 1933-1939*. Disponível na Word Wide Web: < [http:// www.tau.ac.il/eial/VI\\_2/gaudig\\_veit.htm#foot11](http://www.tau.ac.il/eial/VI_2/gaudig_veit.htm#foot11). >

GERTZ, R. *O Perigo Alemão*. 2ª Ed. Porto Alegre: Ed.Universidade/UFRGS, 1992.

\_\_\_\_\_. *O Fascismo no sul do Brasil*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.

HAAC, L.T.K. '*Com Deus inicio meu trabalho*'. (*'Mitt Gott Fang Ich Die Arbeit An'*). *Imigrantes de origem cultural germânica e seus descendentes*. Rio Claro/SP: Araraquara: Dissertação de Mestrado, 1998.

HALBWACHS, M. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Editora revista dos tribunais, 1990.

HOBBSAWM, E. *Era dos extremos: O breve século XX – 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HOBBSAWN, Eric J.; RANGER, Terence. *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

HOLLOWAY, T.H. *Imigrantes para o café: Café e sociedade em São Paulo (1886-1934)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

HILTON, S. *Suástica sobre o Brasil: A História da Espionagem Alemã no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1977.

KLUG, João. *A escola teuto-catarinense e o processo de modernização em Santa Catarina. A ação da Igreja Luterana através das escolas (1871 – 1938)*. São Paulo: Tese de Doutorado, 1997.

LANDIM, M. L. B. *Identidade e Memória: Os imigrantes italianos em Jequié*. In: LEMOS, M. T. T. B.; BAHIA, L. H. N. (org.). *Percursos da Memória: Construções do Imaginário Nacional*. Rio de Janeiro: UERJ, 2000. p. 161-166.

LEITE, J. F. *A Alta Sorocabana e o espaço polarizado de Presidente Prudente*. Presidente Prudente. Tese de Doutorado. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, 1972.

LESSER, J. *Imigração e mutações da identidade nacional no Brasil, durante a Era Vargas*. In: *Revista de Historia*. São Paulo: ANPUH/Ed. Marco Zero, 1994. Vol. 14. Nº 28.

\_\_\_\_\_. *A Negociação da Identidade Nacional. Imigração, minorias e a luta pela etnicidade no Brasil*. São Paulo: Editora Unesp, 2001. Trad: Patrícia de Queiroz Carvalho Zimbres.

LEVI, Giovanni. Sobre a micro-história. In: BURKE, P. (org). *A escrita da história. Novas perspectivas*. São Paulo: Editora da UNESP, 1992. p.133-161.

LUCA, T. R. de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, C. B. (org.). *Fontes Históricas*. São Paulo: Editora Contexto, 2005. p. 111-153.

MAGALHÃES, Marionilde Brepohl de. *Pangermanismo e Nazismo: A trajetória alemã rumo ao Brasil*. Campinas: Editora da Unicamp/FAPESP, 1998.

MATOS, O. N. *Café e Ferrovias. A evolução ferroviária de São Paulo e o desenvolvimento da cultura cafeeira*. São Paulo: Edições Arquivo do Estado, 1981.

MONBEIG, P. *Pioneiros e fazendeiros de São Paulo*. 2º Ed.. São Paulo: Editora Hucitec/ Editora Polis, 1998.

MORAES, E. de S. *EIN VOLK, EIN REICH, EIN FÜHER. A seção brasileira do Partido Nazista e a questão nacional*. Mestrado em História. Rio de Janeiro: Museu Nacional da UFRJ, 1996.

NEUMANN, R. G. *'Quem nasce no Brasil, é brasileiro ou traidor'. As colônias germânicas e a campanha de nacionalização*. São Leopoldo: Mestrado em História. UNISINOS, 2003.

NOBRE, Sonia. Ap. dos S. *Associação dos professores teuto-brasileiros do Estado de São Paulo: uma reconstrução histórica da trajetória de um órgão associativo voltado à educação étnica no período de 1916 a 1938*. Campinas: Mestrado em História. Unicamp, 2004

OLIVEIRA, L. L. *A Questão Nacional na Primeira República*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1990.

PERAZZO, P. F. *O Perigo Alemão e a repressão policial no Estado Novo*. São Paulo: Arquivo do Estado/Imprensa oficial do Estado, 1999.

PENÇO, C.de C.F. *A “Evaporação” das terras devolutas do Vale do Paranapanema*. São Paulo: HVF Representações – CERED/UNIP, 1994.

PETRONE, M. T. S. Imigração. In: FAUSTO, B.(org.). *O Brasil Republicano – Sociedade e Instituições(1889-1930)*. Rio de Janeiro: DIFEL/Difusão Editorial S.A. 1977. Vol. 2.

POLLAK, M. Memória, Esquecimento, Silêncio. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v.2, n.3, 1989. p.3-15.

\_\_\_\_\_. Memória e Identidade Social. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v.5, n.10, 1992. p.200-215.

RAISON, J. P. Migração. In: *Enciclopédia Einaudi*. Imprensa Nacional/ Casa da Moeda, 1986. p. 488-517.

RAMOS, J. de.S. Dos males que vem com o sangue: as representações raciais e a categoria do imigrante indesejável nas concepções sobre imigração da década de 20. In: MAIO, M. C. ; SANTOS, R.V. (org) *Raça, Ciência e Sociedade*. Rido de Janeiro: FIOCRUZ/ CCBB, 1996. p. 59-82.

SANTANA, Nara M. C. de. *Associações Nazistas no Brasil (1938-1945)*. Dissertação de Mestrado: Niterói: Universidade Federal Fluminense, 1999.

SANTOS, M. S. dos. Sobre a autonomia das novas identidades coletivas: alguns problemas teóricos. *Rev. Bras. Ci. Soc. (on line), Out. 1998, vol. 13, nº 38 (citado 8 Agosto 2005)*.

SEYFERTH, G. A colonização alemã no Brasil. Etnicidade e Conflito. In: FAUSTO, B. (org.) *Fazer à América. A imigração em massa para a América Latina*. 2ª Ed. São Paulo: Edusp, 2000.

\_\_\_\_\_. Os imigrantes e a campanha de nacionalização do Estado Novo. In: PANDOLFI, D. (org). *Repensando o Estado Novo*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1999. p.199-228.

\_\_\_\_\_. A idéia de cultura teuto-brasileira: literatura, identidade e os significados da etnicidade. *Horiz. Antropol.* (on line), jul/dez. 2004, vol. 10. nº 22. (citado 08 agosto de 2005). p. 149-147. Disponível na Word Wide Web: < <http://>

www.Scielo.Br/scielo.php?script=sci\_arttext&pid=s010471832004000200007&Ing=pt  
&nrm=iso>. ISSN 0104-7183.

SILVA, M.A. da. *República em migalhas. História Regional e Local*. São Paulo: Editora Marco Zero, 1990.

SILVA, H. R. K. de. *A trajetória de uma liderança étnica. J. Aloys Freiderichs (1868-1950)*. Porto Alegre: Doutorado em História – UFRGS, 2005.

SILVA, V. A. C. Regionalismo: o enfoque metodológico e a concepção histórica. In: SILVA, M. A. *República em Migalhas: História Regional e Local*. São Paulo: Editora Marco Zero, 1990. p. 43-49.

SILVA, H.R. da. “Rememoração” / Comemoração: as utilizações sociais da memória. In: *Revista Brasileira de História*, São Paulo, vol.22, nº 44, 2002.

SILVA, Neli Schäfer Tesch da. *A compreensão jesuítica da Identidade (étnica) teuto-brasileira católica rural no Rio Grande do Sul: Instrumento(de poder) do projeto de restauração católica regional (1871 – 1961 – Rio Grande do Sul)*. São Leopoldo: Doutorado em História, Unisinos, 2003

TOTA, A. P. *O Imperialismo Sedutor: A Americanização do Brasil na época da Segunda Guerra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

**Fontes**

Acervo do Instituto Martius-Staden

Acervo do Deops/SP – Arquivo do Estado de São Paulo

Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro

Arquivo do 1º Distrito Policial de Presidente Venceslau.

Arquivo pessoal de Elisabeth Oesterle

Arquivo pessoal de Percy Rubens Mello

Jornal *A Tribuna* – *órgão independente* – Presidente Venceslau

Jornal *A Gazeta* – Presidente Venceslau

## Anexos

1933 Der deutsche Schulverein Aymoré bei Presidente Wenceslau an der oberen Sorocabana konnte im Jahre 1935 sein 10 jähriges Bestehen feiern. Fast 900 Kilometer von der Staatshauptstadt São Paulo entfernt, ist unser Verein einer der am weitesten vorgeschobenen Posten, auf dem deutsche Sprache und deutsche Kultur unseren Kindern uebermittelt wird.

Recht bescheiden war der Anfang der Schule, wie auch der Anfang der Kolonie. Die ersten Kolonisten standen, vollstaendig auf sich allein angewiesen im Urwald, meist ohne genuegende Barmittel, ohne irgendwelche Erfahrung in der Bewirtschaftung des ihnen fremden Bodens, den sie auch erst mit ihrer Arbeitskraft urbar machen mussten. Und als sie dann die ersten Ernten verkaufen konnten, da waren es wieder schlechte Preise, das andere Mal Missernten, die sie um den Lohn ihres Schweisses brachten und die manch einen fast verzagen liessen.

Aber man gab nicht nach, zaeh und verbissen wurde weitergeschafft und weiter Urwald abgeschlagen, die angebauten Flaechen wuchsen von Jahr zu Jahr, die Ertraege stiegen; der Nutzen aus dem inzwischen gekauften Vieh verbilligte die Lebenshaltung und darueber hinaus ergaben sich fuer den Kolonisten durch den Verkauf von Schlachtvieh, Milch und Butter wesentliche Mehreinnahmen.

Jetzt ging es langsam vorwaerts, man hatte sich eingelebt, man hatte aber auch ebenso gelernt, auf vieles zu verzichten, was man in der Heimat zurueckgelassen hatte.

Auch das ausschliessliche Bearbeiten der Felder mit der Hacke hoerte auf, die meisten verfuegen ueber Zugtiere und Pfluege, der Boden wird rationeller ausgenutzt, die Arbeitskraft des Menschen nicht mehr so stark in Anspruch genommen, der Einzelne kann sich wieder auf sich selbst besinnen und Anteil nehmen an dem grossen Geschehen in unserer Heimat.

Heute ist die Lage der Kolonisten, es sind ungefaehr 160 deutsche Familien hier ansaessig, zufriedenstellend, wenn auch bei jedem noch etwas fehlt und manches besser sein koennte, aber der Wille ist da, nicht nachzugeben und sich durchzusetzen und das verbuergt uns schliesslich den Erfolg!

Genau parallel zu der eben skizzierten Entwicklung der Kolonie verlaeuft die Entwicklung unserer Schule.

Nicht alle Volksgenossen sahen bei der Gruendung ein, dass es Pflicht eines jeden ist, sich dem Schulverein anzuschliessen, um ihn aufzubauen und ihn lebensfaehig zu erhalten. Bei manchen hat auch die pekuniaere Lage Veranlassung gegeben, sich bei Seite zu Stellen. Es war die unauslaessliche Folge, dass der Verein mit Schwierigkeiten zu kaempfen hatte, die manchmal so gross wurden, dass es den Anschein hatte, es wuerde alles auseinanderfallen.

Aber wieder behielt die deutsche Zaehigkeit die Oberhand. Allmaechlich liefen die Beitraege und die Schulgelder puenktlicher ein, die veranstalteten Feste brachten hoehere Reinertraege. Die Kolonie vergrosserte sich, es wurden zwei Schulgebaeude aufgestellt, an denen ein Lehrer unterrichtete (fuer die Anstellung von zwei Lehrern reichte weder das Geld aus, noch war die Kinderzahl genuegend gross) der die darzwischen liegende Entfernung entweder zu Fuss oder auf dem Ruecken eines Reittieres zuruecklegen musste. Auf die Dauer war das natuerlich ein unhaltbarer Zustand, ueber kurz oder lang mussten andere Entschluesse gefasst werden. So

trugen wir uns mit dem Gedanken eines Neubaues in zentraler Lage und genuegend gross. Natuerlich durfte da auch nicht ein geraeumiger Saal zum Abhalten von Schulfesten, Vereinsfesten, Filmabenden usw. nicht fehlen, ebenfalls nicht eine geraeumige, saubere Lehrerwohnung. Nach unseren Berechnungen musste ein solcher Bau 12 bis 14 Contos de reis kosten, und immer wieder wurde die Frage beraten: Wo das viele Geld hernehmen? Wir wandten uns an den Hans Staden-Verein, dem unser Verein schon seit einer Reihe von Jahren angeschlossen war, an das deutsche Generalkonsulat, an deutsche Firmen in São Paulo, auch an alle deutschen Volksgenossen auf unserer Kolonie, denn das stand fest bei uns: Unser Projekt musste durchgebracht werden, der Neubau musste zustande kommen, es ging um unser Deutschtum!

Inzwischen hatte unsere Heimat wieder ein anderes Gesicht bekommen. Am 30. Januar 1933, jener unvergessliche Tag, an dessen Abend fast endlose Kolonnen brauner Fackeltraeger an unserem soeben ernannten Reichskanzler Adolf Hitler vorbeierzogen, und an dem ganz Deutschland jubelte, begann der Umbruch unseres Volkes und kurze Zeit spaeter wussten auch wir im Ausland, dass wir nicht mehr Abseitsstehende, Vergessene waren, sondern lebenswichtige Glieder in dem gewaltigen Organismus des deutschen Volkskoerpers.

Da traten wir mit unserer Bitte um Unterstuetzung fuer unseren Bau an die Oeffentlichkeit; und uns wurde geholfen, alle gaben. In erster Linie das deutsche Generalkonsulat.

Allen sei an dieser Stelle hierfuer gedankt! Besonders auch dem Hans Staden-Verein, dessen Herren vom Vorstand sich immer bereit gefunden hatten, uns zu helfen, zu unterstuetzen und zu raten und die die weite Reise zu uns oftmals nicht gescheut haben, wenn es galt, an Ort und Stelle einzugreifen und bestehende Schwierigkeiten zu beheben.

Auch der Leitung der Ortsgruppe der NSDAP in Presidente Wenceslau sind wir zu Dank verpflichtet: wir arbeiten gemeinsam, in traerer Kameradschaft, bewusst der grossen Verantwortung, die wir unserem Vaterland gegenueber haben, aber auch ebenso bewusst derselben Verantwortung die uns auferlegt wird, durch die Befolgung der Gesetze unseres Gastlandes Brasilien.

Am Pflingetfest 1934 haben wir dann unseren Neubau eingeweiht. Die Schuelerzahl betraegt zur Zeit 35. Neben der brasilianischen Lehrerin unterrichtet in den deutschen Fachern Herr L. Piets.

Auch eine Turn- und Sportgruppe haben wir geschaffen um die Jugend zur Gemeinschaft und zur Kameradschaft im nationalsozialistischen Sinne zu erziehen. Unsere Schule ist auch der Treffpunkt der H.J.

Die im vergangenen Jahre abgehaltenen Schulfeste und die vom Hans Staden-Verein veranstalteten Filmabende fanden unter reger Anteilnahme aller Parteigenossen und sehr vieler Volksgenossen statt. Sie sind immer harmonisch verlaufen und haben unserer Kasse gute Beintraege zugefuehrt.

Wir lassen nun die Namen der Vorstandsmitglieder folgen, die alle ehrenamtlich ihre Pflicht, die meisten schon Jahre hindurch getan haben.

1. Vorsitzender	Hans Buck
2. "	Josef Gagg
1. Kassenwart	Eugen Seyher
2. "	Georg Bossler
1. Schriftfuehrer	Hugo Schulze
2. "	Richard Seyler
Beisitzer	Karl Badendick, Walter Witte
Aufsichterrat	Karl Buck, Emil Schmidt.

Wenn wir auf das eben Gesagte nochmals zurueckblicken, so duerfen wir nicht uebersehen, dass uns auch oeffters Verdruss und Aerger beschert wurden, besonders, was die Lehrkraefte anbelangt. Fuer die Schulen im Innern ist es recht schwierig, brauchbare und charakterfeste Persoenlichkeiten anstellen zu koennen, die die Kinder im Sinne des dritten Reiches erziehen helfen und die sich ihrer Pflichten und Aufgaben voll bewusst sind. Wir hoffen aber, dass im Laufe der Jahre sich noch vieles bessern wird.

So werden wir auch in Zukunft nach bestem Wissen und Gewissen unsere Pflicht tun, wir werden uns um unsere Hakenkreuzfahne scharen, denn sie ist uns Kuenderin des dritten Reiches und wir werden treu stehen zu unserem Fuehrer und zu unserer Fahne !

~~\_\_\_\_\_~~

**Documento sem título e com nome rasurado onde o autor faz apologia ao nazismo e menciona a possível atuação do Partido na colônia Aymoré. - Documento sob guarda do Instituto Martius-Staden.**

## Deutsches Archiv - S. Paulo

Sachgebiet: K. Geral Nr. 126. Verfasser: Johann Kelle,Entnommen aus: Die Zeit, S. Paulo,Datum: 8/3/1930Im äussersten Westen  
des Staates S. Paulo <sup>8/3/30</sup>

Ein Zweig der Sorocabanaline führt heute bis an die Ufer des sagenumspunnenen Rio Paraná. Wo vor wenigen Jahren noch undurchdringlicher Urwald Berge und Tal bedeckte und die wilden Tiere des Waldes ihr ungestörtes Dasein fristeten, da bestehen jetzt ausgedehnte menschliche Siedlungen. Zahlreiche Wege und mehr oder weniger fahrbare Strassen durchziehen die ehemalige Wildnis und immer mehr Kolonisten erscheinen in der Gegend, um sich mit Axt und Hacke ein neues Heim zu gründen. Unter den vielen Siedlern finden wir auch das deutsche Element zahlreich vertreten. Das ist gar nicht zu verwundern. Wenn es irgend auf dem Erdenrund ein Plätzchen gibt, wo man mit Kampf und harter Arbeit eine neue Existenz gründen kann, da stellt sicher der wanderlustige Germane sich ein. In den unheimlichen Dickichten am Rio Anastacio, an den klaren Flüssen Veado und Colono und in den feuchtschwammigen Niederungen des gewaltigen Paraná, überall stellt der Deutsche seinen Mann. Mancher fand sein bescheidenes Glück in der Einsamkeit und sehnt sich nicht nach der Grossstadt zurück, viele sind aber auch zu Grunde gegangen, gestorben oder verdorben, fern von der Heimat und fern von allen ihren Lieben im alten Vaterlande. Allerlei Berichte kommen aus den Waldkolonien zu uns in die Stadt. Bald sind es Meldungen über Erfolge, siegreiches Vorwärtsschreiten und glückliches Gedeihen, bald hören wir den bitteren Ruf der Enttäuschten und Enttäuschten und manchmal den Verzweiflungsruf derer, die im Lebenskampfe unterlagen und das Elend und den Tod vor Augen sehen. Da im entfernten Westen auch mehrere Schulen einen schweren Kampf ums Dasein führen, so beschlossen mein Freund Wilhelm und ich, veranlasst durch den Deutschen Lehrerverein in S. Paulo, das genannte Neuland zu besuchen. — Mit den notwendig erscheinenden Reiseutensilien wohl versehen, vertrauten wir uns einem Zuge der Sorocabana an und fuhren eines Morgens von S. Paulo weg, unsern fernen Ziele entgegen. Durch die Bemühungen eines Freundes hatten wir sogar eine hübsche Schlafkabine für die nächste Nacht erlangt und so verging der Anfang der Reise wie im Traum. Von einer solchen Eisenbahnfahrt ist eigentlich wenig zu melden. Die Gegenden längs der Bahn sind an vielen Orten durch planlose Entwaldung in öde Kampländereien verwandelt worden. Viele

Kaffeepflanzungen, die früher durch ihr dunkles Grün das Auge entzückten, sind infolge der Kaffeekrisis verlassen und ersticken im Unkraut. Graue Regenwolken bedeckten den sonst so blauen Himmel und ein Kaffeeankäufer, der im Zuge mitfuhr, jammerte über den schlechten Geschäftsgang, rechnete uns seine Verluste vor und schilderte die Zukunft in schwarzen Farben. Am Vormittag des zweiten Tages erreichten wir die Zukunftstadt S. Anastacio und waren herzlich froh, wieder einmal festen Boden unter den Füssen zu fühlen. Durch die Bemühungen der Herren Richner und Sandhof wurde ein Lastauto aufgetrieben, das uns nach der 35 km entfernten Kolonie Costa Machado bringen sollte. Mit 5 Mann unternahmen wir die Reise und gegen 10 Uhr früh fuhren wir freudig in den laurischen Morgen hinaus. Der Weg war überaus abwechslungsreich. Trotzdem

die Kolonisten zum Unterhalt des Weges jährlich pro Alqueire 10000 Steuer (d. L. 1200000) für eine gewöhnliche Lote bezahlen müssen, war von einer Strasse wenig zu sehen. Oft versanken wir in Sumpf und Schlamm, an schwierigen Stellen musste der Wagen gestossen werden. Axt und Hacke traten öfter in Tätigkeit, ein Kampf ist ja das Leben, auch eine Autofahrt von S. Anastacio nach Costa Machado ist nichts anderes. Schliesslich erreichten wir den tief eingeschnittenen Flusslauf des Rio Anastacio, über den eine Brücke führt, die den lieblichen Namen Todesbrücke trägt. Vorsichtshalber stiegen wir vorher aus und taten recht darauf, denn als das Auto hinüberfuhr, wichen einige Hölzer zur Seite und plötzlich sass der Karren zwischen den gebliebenen Brückenbalken fest. Dazu öffnete der Himmel seine Schleusen und gab uns zur Bescherung noch seinen nassen Segen. Aber trotz des Regens mussten die Befreiungsarbeiten für das Auto in Angriff genommen werden. Drei Stunden dauerte der Spass und so erreichten wir gegen 3 Uhr nachmittags den letzten Hügel vor der Kolonie. Dieser Hügel hat seine besondere Bedeutung; denn auf seinem Rücken liegt der Friedhof von Costa Machado. Gross war unser Erstaunen, als wir diese Ruhestätte der Toten zu Gesicht bekamen. Tief im Busch versteckt liegen die Gräber unserer Landsteute, liegen ihre frühverstorbenen Kinder im ungeschmückten Grabe. Keine Mauer, kein Zaun umgibt die geweihte Stätte und achlos streifen die Tiere des Waldes über die einsamen Gräber, oder eine im Busche irrende Kuh graszt auf und zwischen den Gräbern und verzehrt sie nach Rinderart. Warum aber dieser Zustand des Gottesackers? Die Kolonisten erwarten, dass die Verwaltung denselben in Ordnung bringt. Diese aber will

die Arbeit wieder auf die Ansiedler schieben. So bleibt die Sache, wie sie eben ist; und der traurige Zustand des geweihten Ortes wirft ein schlechtes Licht auf den Opfersinn und die Friedealliebe der Bewohner von Costa Machado. Am Spätnachmittag erreichten wir die Kolonie und wurden im „Hotel“ Stockinger einquartiert, einem Holzhaus, dessen Wände und Fussböden aus den Brettern eines einzigen Baumes hergestellt worden sind. Noch an demselben Tage besuchten wir die deutsche Schule, die von einem Kolonisten namens Henauer geleitet wird. Als Schulhaus dient ein kleines Gebäude, das zuerst als Autoschuppen und nachher als Tanzlokal gedient hat. Die Schulbänke, in denen 12 Kinder die ersten Begriffe von Lesen und Schreiben in sich aufnehmen, wurden von einem Kolonietischler angefertigt. Am andern Morgen fand eine Prüfung der Kinder statt und, trotzdem wöchentlich nur dreimal unterrichtet wird, fanden wir die Fortschritte im Lesen und Schreiben recht gut. Ausser Deutsch wird auch Portugiesisch, Arithmetik und Gesang unterrichtet und das alles für 10000 Schulgeld pro Monat. Da auch die Vereinsbeiträge des kleinen Schulvereins nur 10000 pro Kopf betragen, so liegt es auf der Hand, dass auch der Lehrer keine fürstliche Besoldung bekommen kann. Ganze 500000 werden monatlich für ihn aufgebraucht und selbst um dieses magere Butterbrot beneiden ihn noch einige. Auch für den Geistlichen, Herrn Pastor Striffler, auf dessen Anregung hin die Schule gegründet worden ist und der von 3 zu 3 Monaten in Costa Machado Gottesdienst abhält, muss etwas Geld aufgebracht werden. Er erhält jedesmal für die Reise von Wenceslau hierher und zurück den geringen Betrag von 35000. — Die Gründung der Kolonie erfolgte

im Jahre 1921, aber zahlreiche Schwierigkeiten hemmen ihr Aufkommen. Der Boden ist zwar fruchtbar und Mais, Reis, Bohnen, Kaffee gedeihen ganz gut. Einzelne Siedler haben sich mit Erfolg auf die Schweinezucht verlegt und andere verdienen mit der Seidenraupenzucht ein schönes Stück Geld. Hindernd wirkt indessen der durch die schlechten Wege erschwerte Absatz. Wer Mais nach S. Paulo verkaufen will, hat zu bezahlen: 28000 für den leeren Sack, 58000 für den Transport an die Bahn, 28000 für die Bahnspesen, zusammen 96000. Steht der Verkaufspreis des Produkts auf 108500, so ist der Bruttoertrag für den Landwirt 900 Réis pro Sack. Ausserdem werden für das Land, das anfänglich sehr billig verkauft wurde, heute übermässig hohe Preise verlangt. An günstigen Stellen kostet die Alqueire, wenn auf Abzahlung gekauft wird, 1:200000, gegen

bar nur 6000. Rückständige Zahlungen müssen laut Mitteilung der Käufer mit 2 Prozent monatlich verzinst werden. Dadurch geraten letztere nach und nach in einen Schuldenstumpf, aus dem es kein Entrinnen mehr gibt. Auch zahlreiche andere Klagen kommen uns zu Ohren, deren Berechtigung von massgebenden Personen untersucht wird. — Wir sprachen auch auf der Verwaltung vor und erhielten vom Sohn des Unternehmers, Herrn Carillo de Machado, sowie vom Angestellten Hr. Kirsten auf alle unsere Anfragen bereitwillig Auskunft. An dieser Stelle wurde wieder über die Kolonisten geklagt, welche als streitsüchtig und wenig anpassungsfähig geschildert wurden. Auch vernahmen wir, dass 30 km weiter hinten im Walde noch zahlreiche Russen und Litauer angesiedelt seien. Die Frage, wie diese Ansiedler, 60—70 km von der nächsten Eisenbahnstation wohnend, ein Ankommen finden können, ist schwer zu lösen. Einen schlechten Eindruck machten auf uns verschiedene verdächtige Gestalten, die anscheinend ohne bestimmte Arbeit in der Gegend herumlungerten und irgend jemand als Capangas zu dienen scheinen. Ein böses Stück konnte uns Herr Lehrer Henauer von dieser Gesellschaft erzählen. Am Abend vor unserer Ankunft wurde er unter einem nichtigen Vorwand auf den Weg hinausgelockt und dann mit Reitpeitschen, Revolver und Flintenkolben derart misshandelt, dass er kaum mehr die Kraft besass, sich wieder nach Hause zu schleppen. Als Hauptschuldiger wurde ein deutschsprechender Nachbar genannt. Eine ungeheure Empörung über die Schandtat ergriff alle Kolonisten. Sie versammelten sich im Schullokal und als H. Henauer sehen mit blutigen Striemen zerschundenen Rücken gezeigt hatte, wollten viele losziehen und dem angeblich Schuldigen mit gleicher Münze heimzahlen. Nach längerer Verhandlung gewannen endlich die Besonnenen die Oberhand und der Rachezug unterblieb. Nach einigen Tagen griff die Polizei von S. Anastacio ein und hat anscheinend in sehr korrekter Weise die Ordnung wieder hergestellt. Dem zerschlagenen Lehrer Henauer aber hat der Lehrerverein ein Plüsterchen auf die Wunde gelegt, indem er der Schule einen grösseren Geldbetrag schenkte, so dass die Besoldung des Jugendbildners von 50\$ auf 75\$ erhöht werden konnte. — In wenigen Tagen hatten wir viel erlebt. Da zu befürchten war, das schöne Wetter könnte umschlagen, sich in Bindfadenregen verwandeln und uns noch länger in der paradiesischen Gegend festhalten, nahmen wir bewegten Abschied und fuhren in einem alten Fortkasten wieder nach S. Anastacio hinunter.

Beide kamen unten mit uns. Den Glöckern an, nur mussten wir unterwegs einen farbigen Autochauffeur um Ersatz für unser ausgegangenes Benzin anbeteln und Hasen, Affen nebst andern Waldgeschöpfen spotteten über unsern steckengebliebenen Wagen. — Der Aufenthalt in S. Anastacio, wo wir bei Papa Garwalter (Hotel Central) Unterkunft fanden, war überaus angenehm und der Hotelbesitzer fand so viel Gefallen an den zwei Gästen, dass er uns sein Hotel für 14:000\$ und ein Buickauto für 3:500\$ zum Kauf anbot. Wer hat Lust?  
João Keller.

## II.

Einen Tag später nahmen wir den Morgenzug und langten frisch gewaschen und gekämmt, gebürstet und rasiert auf der Station Presidente Wenceslau an. An dieser Stelle hat sich in den letzten 5 Jahren eine kleine Stadt entwickelt und die primitiven Holzbaracken, in denen die ersten Einwohner des Ortes hausten, haben grösstenteils soliden Steinbauten weichen müssen. Sogar eine Kaserne ist im Bau, um das hier in Garnison stehende Kavallerieregiment unterzubringen. Unter dem Völkergemisch, das sich in der Gegend niedergelassen hat, spielen die Deutschen eine ganz bedeutende Rolle. Es sollen ja in der Villa und auf dem Koloniegebiet etwa 1250 Menschen deutscher Zunge wohnen. Auf dem Marktplatz widmen sie sich dem Gewerbe oder dem Handel. Es gibt da eine Pension, eine Vende, eine Bäckerei, eine Tischlerei usw., alle unter deutscher Leitung. Das zu Wenceslau gehörende Koloniegebiet betrug schon vor 4 Jahren 60.000 Alqueiren, das ist so gross, wie die beiden Fürstenlöhner Lippe zusammengenommen. Nach kurzem Aufenthalt in der Stadt mieteten wir ein Auto und ein deutscher Chauffeur namens Schäfer brachte

uns auf verhältnismässig guten Wegen nach dem Koloniegebiet.

In der Nähe der Serraria Aymoré (Sägereitheater), die mit den benachbarten Gebäuden den Anfang zu einer neuen Ortschaft bildet, wurden wir abgelenkt und bei Herrn Zaiser, einem biederen Schwaben, untergebracht. Das Quartier war überaus angenehm und die Familie Zaiser hat uns mit den vielen geräuchernten Schweinsrippchen und dem selbsthergestellten Most halb zu Tode gefüttert. — Der erste Abend wurde zu Besuchen verwendet. Den Reigen eröffneten wir mit dem Hause Koller, das imponierend auf aussichtsreicher Höhe steht und wo dienstbare Geister emsig mit Festvorbereitungen beschäftigt waren. Herr Koller ist Kassierer des Schulvereins und solche Leute sieht man ganz besonders gern, besonders am Ende des Monats. Auf der andern Seite des Tales erhebt sich auf einem Hügel ein anderes Gebäude, eine bescheidene Holzhütte von 7 zu 5 m. Das ist das Schulhaus Aymoré, in welchem der 60jährige Lehrer, Herr Niedhardt, täglich 14 Kinder unterrichtet. Das andere Schulhaus, am Rio Veado gelegen, liegt 4 Kilometer von Aymoré entfernt und beherbergt 26 Schulkinder. Herr Niedhardt wohnt mit seiner Familie in Veado und hat jeden Tag den Weg von der einen Schule zur anderen und zurück zu machen, um an jedem Ort je 3 Stunden täglich zu unterrichten. Zu diesen Dienstreisen wurde bis vor wenigen Monaten ein Schulpferd namens „Lasson“ benutzt, ein Schimmel mit lammfrommem Gesicht, doch irgend ein gewissenloser Hetzer scheint dem braven Gaul bolschewistische Umsturzideen in den Kopf gesetzt zu haben; denn eines Tages erklärte er Generalstreik, warf den Professor ab und trat ihm noch auf gemeine Art auf die Schulter. Nach langen Wochen genas die verletzte Schulter wieder, der böse Lasson aber wurde zum Ackerpflügen verurteilt und an seine Stelle trat ein anderes Pferd, das nicht den revolutionären Platterminen nachläuft, sondern in getreuer Pflichterfüllung das Ideal des Lebens erblickt. —

Die beiden Schulen Aymoré und Veado werden übrigens von Herrn Niedhardt in musterhafter Weise geleitet. Deutsch, Portugiesisch, Rechnen, Geschichte, Geographie, Naturkunde, Zeichnen, Calligraphie und Singen, alle diese Fächer werden gewissenhaft gepflegt und es ist erstaunlich, was der Lehrer für 300\$000 und freie Wohnung alles leistet. Ausser den genannten besteht noch eine dritte Schule, die im sogenannten Quellental liegt, meistens von Deutsch-Bessarabiern unterhalten wird und gegen 30 Kinder zählt. Längere Zeit wurde diese Anstalt vom Adventistenprediger, Herrn Thurm geleitet, in neuerer Zeit aber ist ein Wechsel eingetreten und heute schwingt ein junger Mann, Herr Geitner, das Schulzepter. Schon oft wurde versucht, alle drei Schulen unter einen Hut zu bringen, und zu diesem Zwecke einen allgemeinen Schulverein zu gründen, der alle deutschen Elemente des Koloniegebietes umfasst. So nützlich und vorzuziehlich dieser Plan für das Gedeihen von Schule und Kirche auch wäre, es ging doch nicht.

## Deutsches Archiv - S. Paulo

Sachgebiet:

K. General No. 126

Verfasser:

Johann Keller

Entnommen aus:

De. J. K.  
São Paulo

Datum:

8/3/1930

Schuld an dem Misslingen der Einigungsbestrebungen sind die Verschiedenheit der angestammten deutschen Stämme, persönliche Gegensätze mannigfacher Art und die Machenschaften ehrgeiziger Streber, die an eigenen Feindlein ein Extrawürstchen braten wollen. Durch die Bemühungen des Herrn Pastor Striffler ist auch ein evangelisch-lutherischer Kirchenverein entstanden, dessen Schwerpunkt bis heute im Quellental liegt. — Am 25. Dezember feierten die erstgenannten Schulen im Saale des Herrn Keller ein schönes Weihnachtsfest. Reden, Gesänge, Deklamationen, ein Festspiel wechselten in bunter Reihe und legten Zeugnis davon ab, mit welchem Ernst Herr Niedhardt seine Aufgabe erfasst hat. Unter den Gästen befanden sich auch zahlreiche Gäste vom Stadtplatz. Herr Dr. Alvaro, Koloniedirektor und Präfekt, ein Deutschenfreund und grosser Gönner der deutschen Schule, war mit vielen Freunden zugegen und die bewaffnete Macht hatte sich durch den Tenenten Herrn Mathias Coelho vertreten lassen, der mit Frau und Kindern erschienen war und sich prächtig unterhielt. Das deutsche Schulwesen von Wenceslau ist im allgemeinen in guten Händen und darum wird es auch vom Lehrerverein S. Paulo mit Geld, Büchern, Landkarten und Anschauungsbildern fleissig unterstützt. — Ausser dem Schulwesen gibt es noch ein weiteres Band, das geeignet ist, die auseinanderstrebenden Elemente zu gemessenen Zielen zu vereinigen. Es ist der Gedanke der landwirtschaftlichen Genossenschaft, der immer mehr Boden fasst. An einer Vorversammlung, in welcher der Unterzeichnete über Ziele und Zwecke der im Vorjahr gegründeten landwirtschaftlichen Genossenschaft (Cooperativa dos Agricultores Teuto-Brasileiros S./A.) Auskunft erteilte, beschlossen die Anwesenden fast einstimmig, der Organisation beizutreten. Herr Stefan wurde zum Vertrauensmann der Ortsgruppe Wenceslau ernannt und hat dieselbe beim Zentralvorstand in S. Paulo zu vertreten. Welche Bedeutung die Genossenschaft für die Kolonie erreichen wird, kann man ermessen, wenn man hört, dass die diesjährige Koloniernte auf 15.000 Sack Reis und 25.000 Sack Mais berechnet wird. Wir schieden von der Kolonie mit den besten Eindrücken. Auch der Koloniedirektor Dr. Alvaro, bei dem wir am letzten Tag zum Frühstück eingeladen waren, schaute sehr optimistisch in die Zukunft und zollte den deutschen Kolonisten uneingeschränktes Lob. Diese Stunde verlief sehr anregend, da auch noch einige angesehenere Brasilianer aus dem Orte anwesend waren. Die Eisenbahn zeigte aber keinerlei Interesse für unsere Besprechungen und der Zug, der uns an den Rio Paraná bringen sollte, fuhr ab, bevor wir zur Stelle waren.

Zum Ueberfluss stürzte auch noch ein gewaltiger Regen herab. Trotzdem anerbote sich ein untrübender Autolenker, gegen eine Entschädigung von 80000 an den grossen Fluss zu fahren. Die Fahrt war sehr abwechslungsreich und das Auto fuhr manchmal auf dem Trockenen, meistens aber durch Schlamm und aufspritzende Wasserlachen. Nach etwa 2 Stunden erreichten wir Epitacio, die letzte Station am Paraná. Das kleine Urwaldnest von 7 Hütten hat sich in den letzten Jahren mächtig vergrössert und die kürzlich eingerichtete Kühltanstalt für Flussfische wird auch dazu beitragen, die Entwicklung des Ortes zu fördern. Hier, wie in dem 6 km weiter unten gelegenen Porto Tiberica, trafen wir eine grossere Anzahl Deutscher an, wie z. B. den Herrn Wiggert, Ingenieur bei der Comp. Viação S. Paulo—Matto Grosso. Der Schiffsbestand der Comp. beträgt heute 6 Stück und es wird unter der Leitung des Herrn Wiggert eine Werft

angelegt, um allfällig nötig gewordene Reparaturen an Ort und Stelle vornehmen zu können. Die im Betrieb stehenden Schiffe sind folgende:

1. „Rio Paraná“, fährt nach Guaira in Paraná;
2. „Guaira“, fährt nach Jupia an der Nordwestbahn;
3. „Rio Pardo“, fährt nach Entre Rios;
4. „Amambaby“, fährt nach Porto Alegre am Rio Pardo;
5. „Rio Brillante“, dient zum Ochsentransport;
6. „XV de Novembro“, der Hafendampfer.

Porto Tiberica ist die Haupteingangspforte für die Schachtochsen aus Matto Grosso. Ein mächtiges Floss, das über 100 Tiere aufnehmen kann, und von der Lancha „Rio Brillante“ herübergeschleppt wird, bringt die lebende Fracht täglich ans paulistaner Ufer. Die Reise ist für die Ochsen ziemlich beschwerlich. Wochenlang wandern sie über die heissen Kampflandschaften Matto Grossos und nach kurzer Ruhe in Porto Tiberica geht die Reise weiter, teils zu Fuss und teils per Bahn, um schliesslich in den Fleischtöpfen S. Paulos ein unrühmliches Ende zu finden. — Aber noch eine Merkwürdigkeit bot uns der berühmte Porto. Ausser den 6 genannten Dampfern entdeckten wir noch eine kleine Lancha namens „Gavião“. Dort wohnt ein ehemaliger Lehrer mit seiner Frau als wandernder Robinson, heute hier, morgen dort sich aufhaltend. Der Paranástrom mit seinen Nebenflüssen ist seine Heimat, die ihm Fische und Wild für seinen Lebensunterhalt liefert. Geistloser Klatsch unserer Alltagswelt, ungerechte Anfeindungen und Verleumdungen verschiedener Art, gegen die auch der anständigste Mensch wehrlos ist, haben den Kollegen Franz E. bewogen, den modernen Kulturmenschen den Rücken zu kehren und fern in der Einsamkeit ein zufriedenes Leben zu führen. Wir unternahmen mit dem Einsiedler mehrere Fahrten. Eine Reise ging flussaufwärts und gab uns Gelegenheit, an wild zerrissenen Uferpartien den ewigen Kampf zwischen Strom und Urwald zu studieren. Besonders bemerkenswert war ein Besuch in Porto XV (Matto Grosso), wo die vom Westen kommenden Schlachttiere eingeladen werden. Die anwesenden Gauchos schienen trotz ihrer wilden Lebensweise friedliche Naturkinder zu sein und nahmen unsere Zigaretten gern entgegen. Und weiter ging die Fahrt, immer den Rio Pardo hinauf, den Hauptstrom des südlichen Matto Grosso. Aber fast nirgends war trockenes Land zu sehen, denn infolge der vorausgegangenen Regenwochen war die ganze Ebene überschwemmt und nur da und dort ragte eine verlorene Waldinsel aus dem nassem Element. Wegen der steten Wassergefahr sind da auch keine Ansiedlungen zu finden und die nächste menschliche Wohnung soll gegen 60 km vom Porto XV entfernt sein. Etwas weiter oben am Flusse stiessen wir auf eine schmale, aber 500 m lange Insel, die zu einer kurzen Rast einlud. Doch auch die Moskitos hatten Gefallen an dem Eiland gefunden und wir hatten den Eindruck, dass der Schillersche Spruch:

Die Welt ist vollkommen überall,  
Wo der Mensch nicht hinkommt mit seiner Qual,

doch nicht ganz uneingeschränkte Geltung hat. Jedenfalls brachen wir nach 14 Tagen die Wildwestreise ab und kehrten zur Kultur zurück, von Sonne und Terra roxa rothbraun gefärbt, aber mit frohem Herzen und dem Bewusstsein, an der Grenze der Zivilisation einige recht schöne Tage verlebt zu haben.

João Keller.





Registro Geral N. \_\_\_\_\_

Prontuario N. *37*

*237*

POLICIA DO ESTADO DE SAO PAULO



**DELEGACIA REGIONAL DE PRESIDENTE PRUDENTE**

*(Averiguasses)*

Nome

*Eugen (Rubas) Rubatscher  
(alumnus)*

Valgo

Local

Protuario 4º 3411

194 3.

2ª. VIA

FLS. 1

ESTADOS UNIDOS DO BRASIL

ESTADO DE SÃO PAULO



PRESIDENTE VENCESLAU

Delegacia de Policia de Presidente Venceslau  
*Região de Presidente Prudente*

O. Escrivão :

Arthur J. Nogueira

Averiguações

EUGEN RUBATSCHER (Alemão)

AUTUAÇÃO

Aos doze -12- dias do mês de agosto do ano de mil novecentos e quarenta e três, nesta cidade de Pres. Venceslau, em meu cartório, autuo a Portaria --  
 que adiante segue: do que faço este termo. Eu, \_\_\_\_\_, escrivão, o escrevi.

PORTARIA

Tendo sido detido ás vinte e uma -21- horas do dia dez-10-  
do corrente, quando se achava em attitude suspeita, nas barrancas  
do Rio Paraná, o alemão EUGEN RUBATSCHER, determino ao sr. Escri-  
vão que A. esta sejam reduzidas a termo suas declarações, para  
ulteriores diligencias.

CUMPRASSE

Pres. Wenceslau, 12 de agosto de 1943.

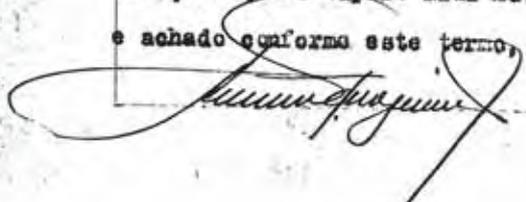
O Delegado de Policia,

Rua de Camargo Pires

TERMO DE DECLARAÇÕES. (Prestadas por Eugen Ru-

batscher).

Aos doze -12- dias do mez de agosto de mil novecentos quaranta e três -1943-, nesta cidade de Presidente Venceslau, na Delegacia de Policia, onde se achava o Sr. Rui de Camargo Pires, Delegado de Policia, comigo Escrivão de seu cargo, adiante nomeado e no fim assinado, ái, ás dezesseis -16- horas, compareceu EUGEN RUBATSCHER, de nacionalidade alemã, com vinte e oito annos de idade, filho de Ignaz Rubatscher e de d. Francisca Rubatscher, natural de Lustenau, Alemanha, nascido aos quinze -15- de setembro de mil novecentos e quinze, estado civil solteiro, residente neste municipio, sabendo lér e escrever. Inquerida pela autoridade pelo fáto que se refere este inquerito respondeu;- que, realmente, no dia dez -10- do corrente, por volta das vinte e uma -21- horas, foi detido por um investigador da Ordem Política e Social, quando, admirando as belezas naturais do local, estava sentado n'um poste de atracção de vapor, no Porto Epitacio; que tinha intenções de embarcar para a Argentina, a bordo de um vapor da Cia. Mate Laranja, pois que já tinha conseguido com o comandante de um vapor, para fazer essa viagem como empregado de bordo até Guaira, de onde seguiria viagem para Argentina, sendo certo que o nome do referido comandante é Capitão Toledo; que pretendia fazer tal viagem por questão de saúde, pois que sófre de epilepsia; que foi um alemão, que ficou conhecendo na Foz de Mato-grosso em Presidente Epitacio que lhe indicara a barranca, digo indicara o Porto Epitacio como sendo o provavel local onde arranjaría meios para encetar a viagem; que dirigindo-se para a barranca do rio, foi ter a bordo de um vapor, onde ficou conhecendo referido Capitão Toledo, a quem pediu emprego e de quem obteve a promessa de admiti-lo como embarcadice naquele vapor. Nada mais disse, nem lhe foi perguntado. Lido e achado conforme este termo, vos devidamente assinado. Eu, \_\_\_\_\_

 Escrivão Interino, o dactilogra-

7

daatlografei e subcrevo.

Eugen Bubatscher



Delegacia de Polícia de Presidente Venceslau

**AUTO DE QUALIFICAÇÃO**

Aos **doze -12-** dias do mês de **agosto** de mil novecentos e quarenta e **treis** , nesta cidade de Presidente Venceslau, na Delegacia de Polícia, onde se achava o **Bacharel Rui de Camargo Pires**, - - - - - , Delegado de Polícia, comigo escrivão de seu cargo ao final assinado, aí, compareceu para ser qualificado **EUGEN RUBATSCHER**, - - - - - , o qual respondeu ás perguntas que lhe foram feitas da maneira que se segue:

Qual o seu nome? **Eugen Rubatscher.**

Qual a sua nacionalidade? **Alemão**

Qual sua a idade? **28 anos (Nasc. 5-setembro-1915).**

Qual a sua filiação? **Ignaz Rubatscher e Franziska Rubatscher**

Qual a sua naturalidade? **Iustensau, Alemanha.**

Qual a sua profissão? **Funileiro.**

Qual o seu estado civil? **Solteiro.**

Qual a sua residência? **Neste município, adiante da serraria Almoré, cerca de 8 quilômetros, não sabendo o nome do sítio. Sabe ler e escrever? sim.**

Nada mais havendo mandou a autoridade lavrar o presente que assina com a autoridade,

comigo,

escrivão que o datilografei e subscrevô.

*Eugen Rubatscher*

**Autuação de colono alemão na cidade de Presidente Venceslau. Estar próximo ao Rio Paraná era visto com desconfiança pela polícia local. Fonte: Arquivo do 1º Distrito Policial de Presidente Venceslau.**

## SUPERINTENDENCIA DE SEGURANÇA POLITICA E SOCIAL.

" SS " -

## ASSUNTO:-

Observações em torno dos elementos NAZISTAS na zona da Alta Sorocabana.

Exmo. Snr.  
DR. CARLOS E. BITENCOURT DA FONSECA.  
MD. Delegado Adjunto da Segurança Política  
e Social.  
SÃO PAULO.

Cumpre-me levar ao conhecimento de V.S. o que verifiquei quando procedia ao serviço de investigações sobre espionagem na zona da Alta Sorocabana, em varias cidades, conforme abaixo:

**ASSIS:-** Existe nesta cidade um Dentista por nome de HORACIO LOBO DE ANDRADE o qual em conjunto com GERALDO SIMON (Nazista) vinha fazendo serviço reservado, segundo informações, para a Polícia Federal. Este individuo, devido a seus gestos e atitudes, estragou todo o serviço de repressão aos Nazistas naquela cidade. Pelos dados que colhi, HORACIO a titulo obter de Geraldo certos dados com relação a Nazistas, vinha pondo o referido Geraldo ao par das intenções policiais, dest'arte, dificultando o serviço de investigações e buscas nas residencias de subditos do EIXO. De uma feita, teve a audacia de diser ao 5a. coluna, GERMANO HOLTZHAUSER de que a policia iria proceder a uma busca em sua residencia, e este Germano por sua vez avisou os demais elementos Nazistas da cidade. Presentemente, este Snr. Horacio não mais vem se imiscuindo nesses assuntos, devido á atitude assumida pelo snr. Dr. Coriolano Nogueira Cobra, actual Delegado de Polícia de Assis.

**PRESIDENTE BERNARDES:-** Nesta cidade, achando-me em um pequeno Bar observando FREDERIK DIERKEN, acompanhei o mesmo até cerca de 4 quilometros retirado da cidade, ou seja em casa de WILHELM JUNGBLUTH, onde mesmo entrara a conversar com mesmo, tendo-o avisado de que suspeitava que havia Polícia de São Paulo na cidade, e por isso que o mesmo tratasse de esconder a "muamba" que que se achava em casa de Germano de Tal. Imediatamente detive os mesmos e obriguei-os a repetir em alemão o que pouco antes haviam dito, e os mesmos procuraram ocultar o que haviam dito, então respondi-lhes em alemão, de que eu comprehendera o que haviam falado e por isso, eles tinham que me informar onde se achava essa "muamba" de contrario, os traria presos para São Paulo. Fui então até o local onde se achava essa "muamba", isto é, na casa de Germano Bremer, e ali realmente encontrei as fotografias que ora junto ao presente, uma fotografia do partido Nazista de Presidente Venceslau, uma bandeira Swastika, uma sabre do exercito alemão, uma fotografia de Herman Goring, outra de Hitler e varias medalhas da ultima guerra e um pedaço de recorte de jornal alemão, onde se lê "RELAÇÃO DOS ULTIMOS NAVIOS PERDIDOS PELOS ALIADOS com varios sinais de calculos feitos a lapis.

**PRESIDENTE VENCESLAU:-** O nucleo alemão nas redondezas desta cidade, é relativamente bem grande. O snr. Dr. Benedito Carvalho Vêras, Delegado de Polícia local, vem exercendo severa fiscalisação em torno desses alemães, porem, o mesmo não conta com elementos necessarios a varias investigações que se fazem necessarias e bem assim luta com o fator fiscalisação de Porto Epitacio cuja Sub-Delegacia está afectada á sua, e para onde esta Superintendencia se dignou em mandar dois investigadores, os quais nada intendem sobre fiscalisação e mesmo Política. Porto Epitacio, presentemente vem oferecendo certo perigo, pois que a navegação que procede do porto Argentino POUADAS, pôdefa muito facilmente conduzir elementos de espionagem, ou suspeitos e ainda, que venham fugindo da Republica Argentina para infiltrarem-se no Brasil.

São Paulo, 15 de Junho de 1943.

MARIO GOMES DOS SANTOS  
Investigador Nº983.

DELEGACIA ESP. DE ORDEM  
POLITICA E SOCIAL

SÃO PAULO

Entrada 15-6-43  
N. Prot. - ficha 6788  
Letra S.

FICHAO

Fiscalização da Superintendência de segurança política e social. A cidade de Venceslau e região sob a mira da polícia política de Vargas. Fonte: Arquivo do Estado de São Paulo. Prontuário 5405. Vol.1.